This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

STANFORD UNIVERSITY LIBRARIES

THEOPHILO BRAGA

VERSOS DOS QUINZE ANNOS

FOLHAS VERDES

SEGUNDA EDIÇÃO

Correcta e augmentada

PORTO
LIVRARIA DE ANSELMO DE MORAES
Rua do Almada, 171

THEOPHILO BRAGA

VERSOS DOS QUINZE ANNOS

FOLHAS VERDES

SEGUNDA EDIÇÃO

Correcta e augmentada

1869

PORTO
LIVRARIA DE ANSELMO DE MORAES
Rua do Almada, 171

FOLHAS VERDES

FOLHAS VERDES

VERSOS DOS QUINZE ANNOS

POR

THEOPHILO BRAGA

SEGUNDA EDIÇÃO

Correcta e augmentada

PORTO
LIVRARIA DE ANSELMO DE MORAES
Rua do Almada, 171

1869

PQ 9261
B68F6
1869

Ao Excellentissimo Senhor

VISCONDE DA PRAIA

Acolheu Vossa Excellencia este livro quando elle ainda era informe, e fraco presagio de uma duvidosa esperança. Deu-lhe a luz da publicidade com aquella grandeza e longanimidade de principe, verdadeiro Medicis, que ha tantos annos trabalha para o engrandecimento das ilhas dos Açores. O livro volta de novo para a mão que primeiro o abriu com bondade, mas com outro valor, o de me ter feito encontrar na vida uma alma superior, para quem a nobreza moral está acima dos pergaminhos, cujas acções, núas de todo o calculo e interesse, têm por divisa o bem. Desde a infancia ouvi sempre no lar e na rua falar do nome do senhor Visconde como de uma Providencia; mais tarde, quando nem sequer palavras de animação encontrava nos outros, a mão de Vossa Excellencia, mesmo de longe, soube desviar-me os maiores obstaculos que tinha a vencer.

Theophilo Braga.

Porto, 24 *de Fevereiro de* 1869.

DA SEGUNDA EDIÇÃO

Passaram dez annos sobre este livro, que uma temeridade de criança fez soltar das mãos. *Folhas Verdes* do jardim da vida, arrancadas, revoltas e confundidas; ninguem soube lêr as folhas da Sybilla; tanto melhor para o recato da alma, indiscreta e nova, que bem cedo as largou ao vento da publicidade. O tempo fez sentir todos os defeitos, e tambem uma certa ingenuidade primitiva, e sinceridade rude que se atropellava debaixo das exigencias da arte. Isto levou sempre o auctor a olhar para o livro com uma compunção de piedade. A personalidade, que transparece a cada palavra, é o que falta quasi absolutamente em tudo o mais publicado posteriormente. As revoluções occultas da consciencia, as dôres moraes que nunca depararam consolação, são mais do que santas e altas para se andar fazendo estyllo diante do benevolo leitor. A época das *Confidencias* passou depressa; a posição chateaubrianesca de trez quartos é risivel; a especulação lamartiniana com as memorias de familia é baixa.

Duas palavras ácerca de uns pobres quinze annos, dariam sentido verdadeiro e serio a todas as incorrecções das *Folhas Verdes*. Antes fique o livro imperfeito. Esgotado e no olvido permaneceria, se espiritos malévolos não chamassem o auctor d'elle como por uma antenomasia satyrica, querendo pôl-o em relevo como um peccado litterario.

Uma grande parte das poesias, que appareceram na primeira edição das *Folhas Verdes*, foi escripta a pedido; criança, nem resistia, a timidez e brandura natural levava-me a satisfazer; essas poesias não têm verdade, e por isso foram expungidas da presente edição. Os gritos espontaneos, os desabafos, a queixa confusa e chorosa, o medo de um futuro desprotegido, o desamparo da orfandade, o sentimento do mar distraindo os pezares prematuros, e o amor como unica luz na aurora nevoenta da vida, tudo ficou intacto e se conservou n'esta selecção. Os versos eram na realidade mal metrificados; provinha o mal da excessiva efflorescencia de fórmas, do capricho de intrincadas rimas cruzando-se e encandeando-se nas estrophes sempre differentes de pagina a pagina. Alma incipiente, caía no mesmo defeito dos trovadores do seculo XII; vendo hoje com olhos de extranho o livro dos quinze annos, achamos ali grande parte das complicações artificiosas da poetica provençal. As extravagancias da fórma são sempre em pura perda do sentimento. Aconteceu assim com as *Folhas Verdes;* e d'este modo se offuscou a naturalidade que ellas exprimiam. As emendas da presente edição são de mera prosodia.

Leva o volume uma parte inedita, escripta antes da vinda para o continente: é uma continuação do celebre poema heroi-comico de Diniz o *Hyssope;* e uma farça lyrica da velha eschola de Gil Vicente, arranjada da vida aventurosa do poeta Antonio Lobo de Carvalho, precursor de Bocage. Publicam-se, não pelo que valem, mas para servirem de transição das *Folhas Verdes* para o plano da *Visão dos Tempos.*

FOLHAS VERDES

ESTE LIVRO

Ao snr. Visconde da Praia

— 13 de janeiro de 1859 —

Eis o fructo de prantos singelos, vertidos
Sobre a campa que encerra umas cinzas de mãe!
São primicias da vida, são risos sentidos,
Entendel-os não hade, por certo, ninguem.

Trovador lamentoso do mal bafejado
Mais errante na terra não ha, do que eu!
Folhas verdes pullulam da vida no prado,
Deos! sobre ellas não caia feroz escarcéo.

Tenho medo, se penso no incerto futuro,
No abysmo descrente receio o baldão;
Sêde estrella risonha em um céo tão escuro,
Na vertigem do medo estendei vossa mão.

O infortunio me espera na curta existencia,
Meus castellos no ár se desfazem com dor;
O tufão balanceia com féra vehemencia
O arbusto inda tenro, que verga, senhor.

O gemer não ouvido, o gemer na orfandade
Tenho escripto com letras de fogo aqui!
Esperanças me alentam na viva anciedade,
E agora já posso dizer que as senti.

Esta musa, que sempre saudades decanta,
Negro crepe da lyra deseja rasgar;
E um dia, talvez, como o sol se alevanta,
Comprehenda a ventura do novo cantar.

Pobre livro truncado que agora deponho
Em mãos vossas, tão francas, que são paternaes,
É o intimo anhello de tépido sonho,
Sentimento embalado á cadencia dos ais.

Lêde as trovas, vão soltas, perdidas e vagas,
Praza a Deos, que entendaes o acerbo pungir;
Ouvireis tantas queixas surgirem aziagas...
Vão não é o temor que envolve o porvir.

1858 - 1859

INVOCAÇÃO

— 15 de maio de 1858 —

Transpondo abysmos, lá por horas mortas,
Á voz de uma alma que no mundo ancêia,
Deixa-me vêr-te á branda claridade
D'esta chamma do amor que me incendeia!

As turbas dormem. Tudo paz na terra!
Da noite o astro não desponta ainda...
Longo o gemer das selvas! Apparece,
Dá-me o segredo da harmonia infinda.

Clarão vistoso, que reflecte n'alma,
Breve se extingue, me aniquilla e abraza;
Oh vem! Dos olhos que não podem vêr-te
Desvenda as trevas com a ponta da aza.

Harpa quebrada em mão incipiente
Derrama ao vento o cantico dorído;
Misturado ás risadas do banquete
Ninguem distingue o anhélito perdido.

Alma de esperança no altar da vida
Depoz tão cedo as corôas, flores;
As flores da existencia se esfolharam,
Nasceu a palma das cruentas dores.

No breve enlevo da illusão que passa,
Borbota em risos o cantar ancioso,
Como a nascente sóffrega que jorra
No deserto ao viajante sequioso.

Longe vagueia turbulenta, insana
Do incógnito futuro a incerta vaga;
Se ella rebenta sobre mim, sem forças!
Se contra as rochas meu batel esmaga!

Transpondo abysmos, lá por horas mortas,
Á voz de uma alma que no mundo anceia,
Doira-me a vida, angelica poesia,
Muda em sonhos de amor a negra ideia.

CANTICO Á PRIMAVERA

— 15 de julho de 1858 —

Que vaga harmonia,
Que doida alegria
Na terra, no ár!
Na flor d'entre a sarça,
No vôo da garça
Pairando no mar!

Na trémula ceara,
Que a côr imitara
Dos raios do sol!
Nos hymnos que á sesta,
Na muda floresta,
Diz um rouxinol.

—

Nas cordas da lyra
Fluctúa, suspira
Anceio ideal;
As aguas, as flores
Embalam amores
Na serra, no val.

Desdobra-se o manto
Que esconde o encanto
De um peito de mãe!
Do ár a fragrancia,
Da terra a abundancia
Com risos nos vem!

Nas casas da aldea,
Que a lua alvaceia
Por noite de amor:
Lá canta a donzella,
E á trova singela
Responde o pastor.

A vaga plangente
Vem triste, indolente
Na areia bater!
Alcyone, incerta
Na praia deserta
Divaga a gemer.

Amor, que esvoaça,
Diluvios de graça
Já vem derramar,
Na vaga harmonia,
Na doida alegria
Da terra, do ár!

AMO

—6 de setembro de 1858—

Sonhos da minha esperança
Levaes-me a vida a scismar;
E a lyra nunca descansa
Do seu fervente cantar.

Canta-me essa pobre lyra
Illusões que a vida tem,
Da virgem que a inspira,
Que ama como a ninguem.
Se ama! como uma rosa,
Ama na veiga lustrosa
As brisas mansas tambem!
Ama, como a fonte pura
Ama a pomba que murmura
De tarde quando ali vem?

A Virgem, que eu amo tanto,
É a flor do meu viver,
Que me dá o doce encanto
De horas de infindo prazer;
Quando á tarde pela sesta,
Folga e ri na alegre festa
De dia no fenecer,
Tudo, tudo m'a retrata
Como o lyrio que remata
Grinalda que heide mer'cer.

AI

— 7 de setembro de 1868 —

Foi de tarde! O sol doirado
Espalhando, vida, amor...
Por entre as flores do prado
Brincava mais linda flor.
Eu disse que a amava tanto,
Ella para mim sorriu;
Chamei-lhe gracioso encanto
E meiga, affavel me ouviu.
A pequenez dos seus passos,
Estrella opaca, me attrae;
Fui apertal-a nos braços,
Fugira, soltando um — ai.
Do horisonte distante
Ia o sol tocando a meta;
Um ai me fez mais amante,
Um grito me fez poeta!

F. C. A.

— 10 de fevereiro de 1858 —

Deixa as turbas mentirosas,
Ama sempre o teu cantor;
Deixa as riquezas vaidosas,
E' feliz quem tem amor.
Sósinha, commigo só
Vem á praia solitaria,
A cidade é louca e varia,
No trajar tem lucto e dó.

O teu peito idolatrado
Foi nascido para amar,
O teu riso decantado
Dado só ao meu pensar!

Ao prazer da solidão
Vem commigo, virgem bella,
N'esses teus braços, donzella,
Vem dar vida ao coração.

Vâmos da serra á clareira
Nas azas dos cantos meus;
Deixa a noite vir ligeira
Derramar hymnos a Deos!
Sósinha, commigo vem,
Vem alegre ao val fecundo;
Foge á sarça que é o mundo,
Das salas, que são harem.

Folgarão os salgueiraes
Murmurando o nome teu,
Soltarão ledos crystaes
As brancas nuvens do céo.
Ao rosal trará verdor
A manhã sorrindo airosa,

Deixa a turba desdenhosa,
Vem commigo, meu amor.

Francesca! firma-te ao braço,
Dos bailes deixa o fragor;
Vem arfar do teu cançasso,
É feliz quem tem amor.
Vem commigo te assentar
Na brenha occulta da selva;
Juncto a ti, na fresca relva,
Soltarei o meu trovar.

Na faya a queixa saudosa
Vem ouvir do rouxinol;
Vêr a scena magestosa
Vem da tarde ao pôr do sol.
Sósinha na solidão
Vem cantar sempre ao meu lado;
Traz-me vida, anjo encantado,
Acorda o meu coração.

ABRAÇAL-A

— 22 de fevereiro de 1858 —

São bem frageis as cordas da lyra,
Sem ventura é o seu trovador;
Se eu pudesse, um cantar lhe pedira
Como vida a quem morre de amor.

Como é linda a virgem bella
Recostada no palmar?
Tudo lê no rosto d'ella
— Fadada só para amar.
Baloiçando ao molle somno
As auras formam-lhe o throno,

Longe, longe homem venal!
N'essas vestes de candura,
Reverbera amor, ternura,
Se não parece vestal?

Ah! quem sabe? talvez inda ignore
Porque que virgem o bardo pulsou!
Talvez sonhe, e sonhando ella chore,
Abraçal-a não posso, não vou.

Vem a face alabastima
A viração bafejar;
Doce aragem matutina
Seu collo vem refrescar.
O cabello destrançado
Vence um festão desmanchado,
Os labios vencem rubins!
Traja branco todo galla,
Não devo, não, abraçal-a,
E' só dado a seraphins.

ENLEVO

— Maio de 1858 —

Doira-me a vida magica esperança,
Que em mago devaneio pura nasce
D'entre os risos que o teu amor semeia!

Ella, e só ella, é que me guarda a crença
N'esses segredos que repete a lyra,
Rival das brisas murmurando andeixas.
Ai breve enlevo da fugaz ventura!
Os eccos da montanha dizem tanto
Na fala natural com que decoram
A fogosa canção de mil amores;
Mas nas cordas do plectro esvoaçando
A minha alma traduz tantos segredos:

Quando pela madrugada,
Pela montanha orvalhada,
Para os meus braços — cançada
Vinhas correndo a folgar,
Parecias assim bella,
Do meu horisonte a vela,
Ou uma cadente estrella,
Estrella no alvejar!

Nos froixos cantos da lyra
Pobre alma por ti suspira,
E o teu sorriso a tira
De tão negra escuridão;
Vences o prado em verdores,
Vences no canto os cantores,
Vences a lyra em amores,
Amor é tua expressão.

Flor vinda do paraizo,
Vêr despontar-te um sorriso

Deixa-me um sonho indeciso
No desgraçado viver;
Oh crença unica de alma,
No transe vivida palma,
O ter fé em ti accalma
Accalma-me o padecer.

Na tua attica belleza
Transparece a singeleza
Que me leva a alma preza,
Toda preza de um sorrir;
E que sorrisos! tão santos
Abrem da vida os encantos,
E mudam amargos prantos
No canto de alma a saír.

Amo-te as falas divinas
Brandas, crentes, pequeninas
Com que á rude lyra ensinas
Os teus hymnos de vestal;

Amo-te assim caprichosa,
Minha doida mariposa
Que volteias boliçosa,
Boliçosa entre o rosal.

Criança ingenua, senhora,
Esse rir vence o da aurora,
Que dos céos encantos chora
Nos campos a verdejar!
Não tem alegre zagala
Mais candura, nem mais gala
Do que a tua meiga fala,
A fala de enfeitiçar.

SONHAVAS

— 19 de junho de 1858 —

Corria a onda indolente
Ao sôpro leve, clemente
Das virações estivaes,
A trazer-te as lantejoulas
Que a lua, ao vir do occidente,
Reflecte nos seus crystaes.

No leito côr de esmeralda
Estavas da praia á falda,
De junto á orla do mar;
A teus pés vinham as vagas,
Gemendo de ignotas plagas,
Apprender de ti a amar.

Desvaira-me o pensamento
Por sobre as azas do vento,
Que em teus cabellos brincou!
Desfez-se o engraçado sonho,
Mas o que era soffrimento
Inda acordado ficou.

AQUELLES DIAS

— 26 de fevereiro de 1858 —

Oh que bellos os dias passados!
Quando á sombra do espêsso arvoredo,
A contar-te destinos dourados
Me falavas de amor em segredo...

Eu sonhei-te na praia distante
Alvas conchas com gosto a contar;
A correr pela praia anhelante,
Já cançada de tanto brincar.

Se passavas na walsa estridente...
Teu olhar hoje assim não me fita?
Mas que importa? se o seio tremente
Hoje amor, não cançasso, o agita.

FADA

— 8 de maio de 1858 —

A brisa d'entre os palmares
Teus segredos não traduz!
A garça d'alem dos mares
Como tu não me seduz;
É que tu és vida da alma,
E da alma fervente luz!

Ai luz, phanal de esperança
Que me alenta o existir,
Que me nutre a confiança
No tenebroso porvir;
Luz que me afasta procellas,
Que me não sabe illudir.

Amo-te mais do que a brisa
Ama uma rosa em botão;
És fonte d'onde desliza
Enternecida canção,
Doce oásis escondido
No meu deserto e soidão.

CANTEI-TE

— 18 de julho de 1858 —

Pulsei o pobre alaúde
Assim mesmo crente e rude,
Fada, fada sem egual;
Ensinei teu nome ás flores,
E descobri os amores
Do meu sonho perennal.

Fez-te, cecem, brotar linda
Calor de esperança infinda
Que nutrem os cantos meus!
És a imagem da candura,
Como é angelica e pura
A virgem orando a Deos.

Adorei tanta meiguice
E no canto tambem disse:
Sê minha, donosa flor!
A teus pés, como rainha,
Confessei a crença minha,
Chamei-te em segredo — amor.

As auras da soledade
Resvalando amenidade
Da selva no estendal,
Não tem o doce perfume
Que tu tens, mulher ou nume,
N'esse bafejo vital.

Nem das alturas a lua,
Contemplando a graça sua
Na face do vitreo mar,
E' tão candida e graciosa;
Mas só tu, fada mimosa,
Tu sabes, sabes amar.

O riso da primavera
Vem reverdecer a hera
Para a lyra engrinaldar;
Rosa branca da floresta,
Depois do canto me resta
Um dia tambem gosar.

TALVEZ

— 31 de julho de 1858 —

D'onde vens, lua encantada
Detraz dos montes de alem?
Segredos que de lá trazes
Não digas a mais ninguem!
Se acaso magoas distraes,
Dize-m'as, dize-as tambem,
Por que eu tenho uns amores
Que ás vezes do céo me vêm.

Vens de lá das altas serras,
Vens de lá, clara a sorrir?
Talvez que a visses, oh lua,
Saudades a distraír;
Diz se entraste em seu alvergue,
Ou se a viste a dormir?
Ai viste-a, talvez que a visses,
Como um astro a transluzir.

Oh astro dos namorados,
Branca lua sem ter véo,
Não viste lá das alturas,
Lá das alturas do céo,
Esse amor todo carinho,
Que é da lyra o trophéo?
Ai respondè, astro risonho,
Que esse amor não me esqueceu.

Talvez a visses, chorando,
Chorando á beira-mar;
Lá no seu agro queixume
Já de ingrato me accusar?
Dizei-me rochas e montes,
Oh dizei-me agoas do mar,
As queixas que vós ouvistes
D'esse archanjo tutelar?

Oh brisa que vens sósinha
Cantando canções sem fim,
Tambem tu, meu pensamento,
Que vôas com frenesim,

Dizei-me, tambem, dizei-me
Florinhas do seu jardim,
Se ouvistes alguns segredos,
Segredo algum para mim?

Ai, adeos passado bello,
D'esta vida doce abril,
Adeos brisa, que escutaste
Nossos prottestos aos mil;
Que trazias novo fogo
Ao nosso goso infantil!
Talvez, que chore sósinha
Dos montes no alcantil.

Adeos, adeos lindas noites
Em que a lua ia a correr,
Dizendo por mim viveres
Jurava por ti morrer;
Mas do céo a densa nuvem
Vinha a lua escurecer,
Julgavas que havia a sorte
As nossas juras romper.

NO MEU ANNIVERSARIO

— 24 de fevereiro de 1858 —

Poeta! que triste sina,
Fadado para sentir!
Lyra afinada lhe ensina
Cantar de amor e carpir.

Minha mãe! que nome santo,
Nunca mais dizel-o ouvi;
Dos céos no bordado manto
És estrella que sorri.

Entre as magoas d'esta vida
Estes tres lustros contei;
Minha mãe, és falecida,
Quanto soffro não direi.

O orfão chora de magoa,
E a turba lh'a contradiz;
Os olhos enchem-se de agua
Ao som de voz que maldiz.

Ai que saudade rebenta
Do triste canto que entôo;
Ai lyra minha sedenta
Eleva-me no teu vôo.

Minha mãe! roubou-a a morte,
Linda flor que o sol tostou;
Desfolhou-a cruel morte
Depois que fructificou.

Quizera entrar no jazigo,
E que ardor sentira assim;
Eu quizera, n'esse abrigo
Minha mãe ter junto a mim.

Mas não posso! sobre a cova
Resa, resa coração;
Com o resar se renova
Do filho amor, gratidão.

Minha mãe, tu me enfeitiças,
Derramas doçura a flux
N'essas promessas novissas,
Que levas aos pés da cruz.

E tu me apontas a senda
Como estrella em céo de anil!
Tu só... mas que doce prenda,
Uma mãe tem gosos mil.

A braços com a desgraça
Já trez lustros eu contei;
A vida se esvae e passa,
Quanto soffro não direi.

Poeta! que nobre sina,
A vida sabe adoçar;
A lyra que tem, lhe ensina
Saudades a aliviar.

CRI-TE

—1 de maio de 1858—

Sobre nuvens de ethereo perfume,
Anjo lindo, baixaste do céo,
E guardaste-me d'alma o queixume,
Do teu seio rasgaste-me o véo.

E tu só me sorriste no mundo
Assim terna, qual terna te achei;
Escutaste o cantar vagabundo
De uma lyra que a ti consagrei.

Consagrei-te meus hymnos cadentes
Com que nutro uma eterna paixão!
Animaste essas fibras plangentes,
Déste graça a dorída canção.

Ajuntaste á minha alma opprimida
Nas fadigas do ignoto escarceo,
Mais amor, mais amor e mais vida
Dos thesouros que herdaste do céo.

TENHO FÉ

— 22 de septembro de 1858 —

Estrella da minha vida,
Linda flor!
Tenho fé nos teus encantos,
Senão que o digam os cantos
Falando do nosso amor.

Tenho fé do meu passado
No sorrir!
Tenho fé tambem na hora,
Que vinhas antes da aurora
Revelar o meu porvir.

Passou a quadra dos risos
Com fervor;
Mas ao vêr-te de repente,
Perfumam teu claro ambiente
Paz, ternura, fé, amor.

HORA DE MYSTERIO

— 12 de fevereiro de 1858 —

A lua corre sem trilho,
O seu brilho
Densa nuvem offuscou!
Sobre a relva adeja o sul,
Nada bul,
Dorme a ave que cantou.

Os murmurios da folhagem
Com a aragem
Confundem o meu chorar!
Mão na lyra sólta ao vento
O tormento
Que os euros vem abafar.

Os altos cedros entendem,
Comprehendem
O soffrer do coração!
O ecco de alem, na serra,
Bem encerra
De tanta dor a versão.

No bosque tudo é segredo,
Está quêdo
O lago que balançou!
Não se escutam mais andeixas,
Ternas queixas
Do melro que suspirou.

Em descanço jaz a turba,
Que perturba
Os mysterios do luar!
Mão na lyra sólta ao vento
O tormento
Que as auras vem abafar.

EXTASIS DE AMOR

— 2 de outubro de 1858 —

Eu amei-te, meu sol tão risonho,
Da minha alma eras alma tambem!
Desde a infancia que fôste o meu sonho,
Tua imagem falar-me inda vem.
Fôste tu que a minha alma prendeste,
Fôste tu que o meu canto entendeste,
Fôste tu e só tu, mais ninguem.
Por ti só é que o peito inda bate,
Ai não sei se o meu pranto desate,
Que esta lyra mais cantos não tem.

ÉS ANJO

— 3 de junho de 1858 —

És anjo! que os anjos na fala celeste
Louvando o Senhor,
Dizendo mil cantos de eterna alegria
Lá falam de amor.

EU SONHO AINDA

— 9 de outubro de 1858 —

Eu sonho ainda com a imagem terna
Que ouviu meu canto todo fogo e amor!
Eu sonho ainda, quando nasce a aurora
Rompendo os nimbos de lethal vapor.

Eu sonho ainda, quando á tarde o bosque
Se reconcentra para louvar Deos!
Eu sonho ainda, se divaga a lua
Soltando graças pelo azul dos céos.

Eu sonho ainda, quando escuto a vaga,
D'encontro á rocha se ella vem morrer;
Eu sonho ainda no gemer dos ventos
Infindo sonho d'este meu viver.

AI QUE AMOR NÃO CANTA A LYRA

— 10 de outubro de 1858 —

Ai que amor não canta a lyra,
Quando ella em sonhos aspira
Um riso de fascinar!
Mas o vulgo não entende
Como um só riso desprende
Tantos sons que andam no ár.

Ai que amor não canta a lyra,
Se o pensamento me inspira
D'essa côr dos olhos seus;
Olhos que rasgam a aurora,
Olhos de virgem que chora,
Formados do azul dos céos!

Ai que amor não canta a lyra,
Se o peito exhausto suspira
A confessar sua dôr!
E quanto mais ella canta,
Mais inflammada se espanta
De me não matar de amor.

O ALAÚDE

— 9 de outubro de 1868 —

Á tarde, junto ao lago triste e feio
Sentado a meditar,
Volve-se dentro da alma o devaneio
D'este vago cantar.
A perdida cantiga dos amores
Revôa na soidão;
Corôaram-me o alaúde as flores,
As que mais triste são.

Como auras a correr na verde messe
Trazendo vida, amor,
Assim voôu de uma pobre alma a prece
Ao throno do senhor.

Doideja o pensamento pelas brenhas
Cantando amor sem fim;
O canto de saudade ouvem as penhas,
E tem pena de mim.

Vem, oh vem pelas horas do mysterio
Cantar meu alaúde;
Interprete da angustia és sopro aério,
Que anima, embora rude.
Mas são poucas as cordas que te restam,
Bem froixas ellas são;
Astros do céo, o vento, o mar te emprestam
A ardente inspiração.

EU AMO

— 15 de setembro de 1858 —

Amo uma bella, mais do que ama o orvalho
Calix de um lyrio que vegeta a sós;
Amo essa virgem, como ama a pomba
O azul do espaço que transpõe veloz.

Amo uma fada, toda riso e graça,
Encanto e vida! Quem não hade amar?
Amo-a muito, como a fresca rosa
Amam as auras que lhe vem falar.

Sem ser poeta com que fogo eu amo?
Como ama a lua seu correr sem fim;
Como ama a vaga sua voz chorosa,
Eu amo-a tanto, com amor assim.

A HARPA DO TROVADOR

— 8 de novembro de 1858 —

Á tarde sobre um rochedo,
Cantando magoas de amor,
Estava triste, em segredo
A harpa do trovador.

Do seu mésto amor cantava,
Dos sonhos perdendo a flor;
Ao vento seu mal soltava
A harpa do trovador.

Na trova chamou as aves
Para ouvirem tanta dor;
Ouviram eccos suaves
A harpa do trovador.

De repente atrôa a selva
O tiro de um caçador!
Geme na alfombra da relva
A harpa do trovador.

Cae do ár ave ferida,
Mancha-lhe o sangue o candor;
Diz ser de magoas a vida
A harpa do trovador.

Á tarde sobre um rochedo,
Dos sonhos perdendo a flor,
Do seu mésto amor cantava
A harpa do trovador.

É TRISTE A MINHA MUSA

— 3 de novembro de 1858 —

É triste a minha musa
Como o correr da fonte,
Como o gemer do mar!
Triste como o horisonte,
Como a visão confusa
Das noites de luar.

OLHOS PRETOS

—22 de novembro de 1858—

Seus olhos tem tal encanto,
Que ao vêl-os estremeci;
Ao vêl-os soltava um canto,
E no cantar me perdi!
Olhos negros tanto, tanto,
Olhos assim nunca vi.

Deixaram-me ali cativo,
Mas porque artes, não sei?
Ao vir outro olhar furtivo
De novo a canção atei,
Eu não sei como estou vivo
Depois que morto fiquei?

Nem uma gôta de orvalho
A balouçar n'um jasmim,
Mais graça do que esses olhos
Tem, quando volvem a mim!
Olhos que matam, dão vida,
Nunca vi olhos assim.

HONTEM

— 15 de junho de 1858 —

Eu vi-a,
Walsava,
Sorria,
Falava,
Cantava
De amor!
Ai, tanta
Poesia,
Que santa
Extasia,
N'aquelle
Rubor!

Que sonhos
Ligeiros,
Risonhos
Fagueiros,
Inda hontem
Gozei!
Que lindos,
Que bellos...
Infindos,
Anéllos
Não mais
Sonharei.

EU

— 16 de dezembro de 1858 —

Ao nascer, ave negrenta
Veiu em meu berço poisar;
Da desgraça a mão cruenta
Tambem me quiz embalar;
Nas ancias d'esses vagidos
Os meus ais foram perdidos,
Os sorrisos confundidos,
Confundidos no chorar.

O mundo nem sempre entende
Do soffrer a branda voz;
Disse á vaga que se estende
Lá na praia sempre a sós,

No correr do pensamento
Minhas magoas disse ao vento,
Disse aos risos do momento,
Mas tudo passou veloz.

Quem me dera um alaúde
Onde cante o que soffri,
Embora fosse elle rude,
Quem m'o déra agora aqui!
A minha dor é tão forte,
Não temo sombras da morte,
Que o seu derradeiro córte
Parece que me sorri.

ALTA NOITE

—7 de dezembro de 1858—

Trevas sinistras encastella a noite,
Seguro couto de quem vive só;
Hora perdida, quando os sonhos mentem,
Quando se sentem a rolar no pó.

Era alta noite! e eu saí do mundo,
Cahos profundo me colheu as mãos;
No aberto espaço se perdeu meu grito,
Gemido afflicto por amor de irmãos.

Tudo era negro : no correr do vento
O pensamento se estendeu ao mar;
Falei ás ondas a linguagem triste,
Que a dor insiste em m'a provocar.

Corri ligeiro para a escura mata,
Que bem retrata este viver meu!
Soidão benigna, tu calada ouviste
O canto triste que um alivio deu.

Vae alta a noite! ruge e cae folhagem
Por sobre a aragem que dos montes vem;
Aqui, não sei, debaixo de que lousa
É que repousa minha pobre mãe!

O REMADOR

— 28 de janeiro de 1858 —

Minha patria era o mar largo,
O meu sol a doce amada;
Era o meu throno esse barco
Cortando na agua salgada;
Como corria ligeiro
Com ella á pôpa sentada!
Na sua face mimosa
Via-se a aurora doirada.

A virgem, como encantada,
Minha rudeza vencia;
Sua voz era celeste,
Seu cantar me suspendia;

Eu não ousava volver
O remo que o mar feria,
Que uma harpa nas mãos dos anjos
Voz mais linda não teria.

Perguntava com magia
Na enternecida canção:
«Estas ondas fugitivas
«Tão sósinhas onde vão!
«Nunca das auras cativas,
«No seu grito o que dirão?

«Mansas ondas, vinde, vinde
À correr;
No vosso leito se finde
Meu soffrer!

«Sorrisos de alegre brisa
Sois no mar;
Como vós, triste desliza
Meu pensar.

«Quanto é bello vêr a aurora
Reluzir!
Vêr a onda que descora
N'um sorrir!

«Nas ondas revôa a garça
Sem parar;
Voando o seu mal disfarça
Sobre o mar.

«Á tarde brisa dormente
Traz frescor;
Mas como viver contente
Sem amor?»

Este cantar derrepente
Accende o amor em mim!
Prostrei-me, pobre e remeiro
Diante do seraphim!

Sorriu-se de ouvir-me; e quando
Corria a barca sem mando,
Fômos alegres cantando,
Perdidos no mar sem fim!

BARCAROLA

— 21 de septembro de 1858 —

Minha barca porfiosa,
Sobre as ondas voluptuosa,
Ai, sempre a sós,
Corre nas azas do vento,
Como corre o pensamento
Mais veloz.

Barca minha, linda fada,
Vôa na selva agitada
Com mais fervor,
Que a vaga que não descança,
Apagar quer a lembrança
Do meu amor!

Barca minha, linda fada,
Como tu vergas cansada
N'esse vaivem!
Foge, foge á leve brisa,
Seja-te a praia balisa
Do cabo álem.

Ai lá se ergue a vaga altiva,
Já a luz do sol me priva
Da cerração!
Talha o mar, avante, avante,
Primeiro que o gallo cante
Sua canção.

Barca minha, linda fada,
Além n'essa ilha encantada
É que ella está!
Vôa, vôa pelos ares,
Corre, corre á flor dos mares,
Corre, que é lá.

Minha barca porfiosa,
Sobre a onda salitrosa,
Vogando a sós,
Para vêr lindos amores
Sonhando em leito de flores
Corre veloz!

SEREIA

— 14 de outubro de 1858 —

Como vem correndo a brisa
Lisa
Nas ondas do verde mar!
Minha esbelta e negra barca,
Parca
Não sejas no teu vogar!

Virações do mar infindo,
Lindo
É o vosso segredar!
Fazei esta caravella,
Bella,
Por sobre a espuma alvejar!

Quem, seguro ao pé do leme,
Teme
As sereias a cantar?
Veleira as ondas abarca
Barca,
Com o cadente vogar.

O SANCTUARIO

— 27 de septembro de 1858 —

É noite! vôa o mysterio;
Reina pelo vasto mundo
Paz!
Parece que um sôpro aério
Da morte o somno profundo
Traz!

A voz de um orgão bemdito
Dos angulos da capella
Sae!
Queixume de um peito afflicto,
Perturbando a paz da cella
Vae.

Tristes larvas dos finados
Das campas surgindo á borda
Vão!
Vultos que o orgão acorda
Dos grupos inanimados
São!

Ninguem por horas caladas
Devassar o sanctuario
Vá!
Revivem harpas quebradas
N'um concerto solitario
Lá!

TRINDADES

— 27 de julho de 1858 —

Salve! sagrado cantico,
Em horas socegadas,
Convidas a orar!
O teu som melancholico
Recorda-me ás trindades
D'outr'ora o meu folgar.

Á luz do astro palido
A avó á neta ensina
A santa devoção!
O ecco triste e lugubre
Vagando na quebrada
Repete a oração.

Na minha pobre infancia
O sino das trindades
Lembrava minha mãe!
E os ais, o pranto aério,
Os brados de saudade
Nunca os ouviu ninguem.

Sino do presbyterio
Os eccos de tristeza
Falam ao coração,
Na hora do crepusculo,
Na hora em que as trindades
Aos céos da terra vão.

O MEU BERÇO DA INFANCIA

— 22 de novembro de 1858 —

Junto a ti velava extatica
A pobre de minha mãe;
Dos carinhos n'essa pratica
Antevia a campa além.

Teve a palma do martyrio,
Negro lucto nos cobriu!
Chorámos ambos o lyrio
Que tão rapido floriu.

Nunca soube onde era o tumulo
Em que se fôra enterrar!
Tu meu berço, viste o cumulo
Té onde fui a chorar.

Ainda na tumba pallida
Ainda estava a sorrir!
Era essa constancia válida
Que me queria infundir!

Ai n'esse berço de magoas
Quantas saudades chorei?
Foram bem certas as fragoas
Que de lá prophetisei.

As horas do somno mystico
No berço não tive mais!
Lia em tudo escripto um distico:
Escôa a vida entre os ais!

Saudade em horas propicias
Vem esta lyra afinar;
Mas que? do mal as primicias
Me fazem tanto vergar.

FIAT LUX!

—10 de junho de 1858—

No denso cahos que o universo obumbra,
Alastra-se atro véo!
Dos abysmos na immensa escuridade
Tambem se envolve o céo,

Fundem-se as trevas ao Poder infindo,
Clarêam na amplidão;
Da vida ao livro eterno quebra o sêlo,
Começa a criação.

Firmou a ordem separando as agoas,
O poder eternal,
Da terra immersa aonde brotam flores,
Onde se gera o mal.

Accolhe as bençãos o universo inteiro
Do homem ao nascer!
Floreia meiga da verdura a quadra,
É a vida um prazer.

Afaga a terra perennal aragem,
No céo desponta o sol!
Thesouros da ventura o homem sonha
Ao vêr crescer a prol'.

Faça-se a luz! e logo a luz foi feita
Dos espaços além!
Fez-se a luz! essa luz que tudo alaga
Da fronte do homem vem.

O NATAL

— 24 de dezembro de 1858 —

O mundo bracejava em mar de pranto,
Dos reis a tyrannia mais tornava
Amarga a escravidão:
O tinir das algemas era o canto,
Que d'entre o cahos triste relembrava
Velha culpa de Adão.

O sceptro do castigo braço eterno
Para a terra inclinou, cobrindo a fronte
Manto da proscripção!
A todos bipatente o umbral do inferno,
Reinava a malvadez do mar ao monte
Sem medo á perdição.

E o mundo bracejava em mar de pranto,
E lá quando esperava a terra escrava
Hora de punição,
Por tudo se reflete um riso santo,
Essa graça que o céo d'antes mostrava,
Baixou a redempção.

A Virgem peregrinando
Vae andando,
Nos dezertos da Judéa!
Leva a seu lado o esposo,
Casto goso
Do amor em que se enleia.

Os astros brilham com graça,
Que esvoaça
Sobre a gruta de Belem!
Nascido nas palhas frias,
O Messias
Ao mundo traz doce bem.

Deos não quiz alta grandeza,
Singeleza
Aqui a veiu escolher;
Sua mãe embala o somno,
E o throno
Os anjos anjos lhe vem suster.

Brilha agora um astro novo
Para o povo
Para o povo de Israel!
Essa hora do resgate
Viva bate
Em todo o peito fiel.

RASGOU-SE O VÉO DO TEMPLO

— 3 de abril de 1868 —

Maldição! grita o mar e a terra,
Maldição sobre um povo infiel!
Tudo escuta uma voz que desterra
Essa raça do crente Israel.

Maldição! clamam rochas partidas,
Tudo solta sem dó — maldição!
Rompem vozes das campas fendidas
Contra ti, oh maldita Sião.

Galiléa, chora, chora
Que o teu mal bem grande é!
Montanhas, chorae agora,
Chora tambem Siloé!
O mundo pasma de absorto,
O doce Jesus é morto,
Chorae filhas de Sião;
As sentenças dos prophetas
Veio deixal-as completas
Sobre a cruz da redempção.

Abalam-se os monumentos,
Negra treva encobre o sol;
Revoltos no ár os ventos,
Não tem a tarde arrebol.
Eis se rasga o véo do templo:
Foi um rei, que ao mundo, exemplo
Deu de amor no alto da cruz!
Cumpriram-se as prophecias
No flagicio do Messias,
Com a morte de Jesus.

Das campas ressurgem mortos,
Traja lucto o claro céo!
Mar e terra estão absortos,
Da ruina que succedeu!
Veste lucto o firmamento,
Chora a lua em seu assento,
Os anjos pasmam de horror!
Altos cedros venerandos
Do Lybano, são mais brandos,
Que o romano julgador.

A terra freme estrondosa
Das turbas no phrenesim;
Junto á cruz a mãe chorosa
Redobra o pranto sem fim!
Israel, raça querida,
A tua sina é perdida,
Na onda das gerações;
E não acordas do crime,
Não vez o grilhão que opprime,
Oh alvo das maldições.

SEDET SOLA CIVITAS

— 4 de abril de 1858 —

Sião predilecta! thesouro da graça,
Manchou negra sombra teu manto de alvura;
Sião! casta filha, do Eterno precita,
A estrella dos Magos passou, não fulgura.

Perdeste essa crença que ao som dos teus psalmos,
Que ao som dos teus hymnos fazias crescer;
Quebraram tua Harpa de infinda harmonia,
Não vês de teu seio prophetas nascer.

Sião! tão depressa passaram as glorias,
Altiva tu foste, que a Biblia nos diz!
Sião sem ventura, thesouro da graça,
Que archanjo funereo te calca a cerviz?

No livro da culpa, Sião magestosa,
A mão do Eterno o teu nome ali grava;
És Lazaro e surge! rainha das gentes,
Ressurge da tumba, dos povos escravos!

Outr'ora embalavas no berço prophetas,
Dos reis n'outros tempos o solio tu eras?
Agora tu vergas ao pezo do opprobrio,
Sião desolada, não crês e esperas?.

Sião! casta filha dos céos apartada,
Teu seio de virgem se verga ao terror;
Teu vago alarido não é de vingança,
Tu gemes, tu gemes, é triste essa dor.

Tombaram os euros a flor dos teus vales,
E esperas que o templo se torne a erguer?
Sião desolada de ha tanto que esperas,
Tu gemes, tu gemes, mas falta-te — crêr.

RUINAS DO MOSTEIRO

— 9 de fevereiro de 1858 —

Era aqui n'esta cella piedosa,
Longe, longe o profano amador!
Era aqui d'onde a prece chorosa
Ia prestes aos pés do Senhor.

Eis caveiras do tempo mirradas,
Eis a terra que o pranto bebeu;
N'este berço de occultas ossadas
Eis o martyr que a vida esqueceu.

D'este sino, que a orar convidava,
Nenhum ecco nos campos vagueia;
Tradições pensativo ensinava,
Santos lendas á credula aldeia.

Não ressurge na erma capella
Uma onda de incenso fugaz!
Vem do mundo quebrar-se a procella
No recinto, que infunde mais paz!

Nos sepulchros, á luz vespertina,
Negro mocho lá corre a poisar;
Mas de uma alma que é nova, a ruina,
Oh se inspira, meu Deos, mais pezar!

VOZ DO POETA

— 22 de agosto de 1858 —

Com desdem, ao que suspira
Chama-lhe o mundo vaidoso:
Infeliz...
Infeliz? Deos deu-lhe a lyra
Que n'um cantico amoroso
Tudo diz.

GRAVES NADAS

POEMA HEROI-COMICO, SEQUENCIA DO HYSSOPE

1860 - 1861

ARGUMENTO DO POEMA

(Tirado do Hyssope de Diniz)

. . . . . .

«Passado pouco tempo depois da referida sentença, morreu o Deão (Lara) e lhe succedeu no Deado um sobrinho seu chamado Ignacio Joaquim Alberto de Matos, o qual recusando sujeitar-se como seu tio ao referido encargo (o de vir entregar o Hyssope á porta principal) foi pelo Bispo asparamente reprehendido e ameaçado. Então interpoz o mesmo um recurso á Corôa, cujo tribunal mandando ao Bispo dar a razão do seu procedimento, este cheio de um terror panico, desistindo da imaginada posse, negou haver tal Accordam, e tudo quanto tinha obrado a este respeito.»

CANTO PRIMEIRO

Genio de Elpino, seguirei de longe
Os magicos transportes do teu estro,
Commentando a peleja, e os dissabores
Que pôz o Hyssope em animos sagrados.

I

N'um tranquillo e sincero regosijo,
Em ocio puro o Bispo dormitava,
Á sombra de seus louros, alcançados
Na pendencia do Lara. Pensamentos
Temerosos, escuros povoavam
O fugitivo somno; via a sombra
Do farfante Deão da campa erguido
Vir aguar-lhe o triumpho! Elle escutava

O vaticinio atroz do Abracadabro,
Com que vociferára a alta vingança
Do successor do Lara, garfo egregio
Da mesma inclyta e singular prosapia.

II

E ressonava o Bispo longamente,
Como um conego inerte garganteia
O canto-chão solemne, quando, o Almeida
Como creado particular que era,
N'um tom familiar diz-lhe ao ouvido:
«Domine!» e em seguida embalançando-o,
Sua Excellencia os olhos esgaseia:

— Que novo caso te obrigou agora
A turbar meu descanso com tal fala?
Ha no palacio incendio por ventura?
Alguma excommunhão sobre estes reinos?
Recusa-se o Deão audacioso
O bento Hyssope vir trazer-me á porta?

«Nada d'isso é, senhor! (volve aterrado
O diligente fâmulo benzendo-se,)
«É mestre Cazadinho, é sabbado hoje,
«Vem fazer a corôa...»

III

Já na sala
Do Bispo os partidarios aguardavam
A do almoço hora tanto suspirada.

Bocejando, em voz baixa discutindo
Estava o douto Andrade, o secco Marques,
O Chantre, o Thesoureiro, o Ramilhete,
E os outros do cabido da Sé d'Elvas.
Entram. Sua Excellencia da etiqueta
Os bons dias recebe com agrado,
E beija cada um o anel, segundo
Suas cathegorias.
Cazadinho
Sobre um burro do Horacio, com mestria,
Afiava as navalhas; o Prelado

Deu inicio á palestra succulenta.
Dos parasitas o ávido cortejo
Corrobora seus ditos com frequentes
Citações de latim dos Santos Padres.
Qualquer semsaboria era acolhida
Com promptas e solemnes gargalhadas.

IV

No estyllo de velho sermonario,
O barbeiro engatilha os grossos beiços
E berra, em ponto d'admiração:
«Que dizem
«Do poetico Outeiro da Abbadeça?
«Da missa? e do Sermão do padre Arronches?»

— Do melhor Pregador do meu bispado?
Rival de *Feno-longo* e *Borda-Lua*,
Do altiloquo e profundo *Bom-Sueto?* —
Sua Excellencia ao Cazadinho volve.

Sorriu-se o douto Andrade, o Ramilhete
Franziu o sobrecenho, o secco Marques
Suspenso espera o fim da tal noticia.
Ergueu o Chantre a voz:
— «É caso triste!

E a pitada fungando, ficou mudo.
Eis que o barbeiro em fim toma a palavra.

«Foi um Sermão de mão de mestre! ainda
«Me lembro de alguns tropos; ouçam, pasmem.
«Vinha falando em Christo, Senhor nosso,
«Até que o passo memorou da *Cana*,
«Dizendo que os Judeus rasão tiveram
«Em lhe pôrem na mão a *Cana* verde,
«Como emblema da impia zombaria
«E dos desprezos!...»
«— Nego! melhor fôra
Entre as mãos lhe meter grosso fueiro,
Se o queriam desprezar; pois davam
No fueiro a entender que lhe viriam
Desprezos ás carradas! —

Tal dissera
O grande Abreu, *ex-cathedra* escarrando,
Arrotanto sciencia e subtileza;
Ai d'elle! o Bastos já o monco assôa:

«*Concedo!* (gritou logo) mas escute:
Andaram os judeus mui atilados
Entre as mãos do Senhor metendo a *Cana*,
E discretos em tudo, n'este Passo
Não só discretos, acertados foram:
Visto que elles tambem lhe poderiam
De algum lagar nas mãos meter-lhe um *fuzo*,
Para dar a entender quanto seria
Espremido no trance. E receiando
Que o Senhor ficasse mais *confuzo*,
Por isso não lhe deram nem fueiro,
Nem *fuzo*, mas sómente a benta *Cana*,
Da qual nos dizem Plinios e Brechorios,
Metaphrastes e outros, que esse arbusto
Tem *nós* e por *nós* todos soffreu Christo.
E como expressamente diz o texto:
Qui propter nos, por isso lhe puzeram

Na mão a *cana*, para que elle visse
Que padecia *propter nos* tormentos.»

— Muito bem, muito bem! (enthusiasmado
O Prelado gritou,) sabia palestra! —
Bate as palmas.

V

Acode ali o Chantre,
Alçando a voz taurina:
Com a *cana*,
Primeiro que entre as mãos a houvessem posto,
Lhe bateram seis vezes na cabeça.
Cada qual considere n'este Passo!
Qual de vós susteria seis *canadas*
Sem borracho ficar? Da mesma sorte
O Senhor ficou ebrio com amores
Da humana raça, a quem salvar viera.

VI

O Casadinho impaciente aguarda
O momento em que cessem os applausos;
Alfim narra o Sermão, mas de repente,
Attonito interrompe a atroz parlenda,
E tomando coragem grita:
«Arronches,
«Não podendo conter a nedia pansa
«No ambito do pulpito, com elle
«Caiu, ao fazer alto accionado
«No calor da Oratoria!»
O Bispo
Gargalhadas estridulas desata,
A alegre comitiva as repercute.
Que risadas homericas! Vão todos
Para a mesa contentes, só os leva
Do forno e tôrno apetitoso cheiro.

VII

Começa o grande Abreu:
«Famoso Bastos,
Quebrará o preceito o austero monge
Se comer as tres *Aves*, que ás trindades,
A Egreja dá? Não sei bem se me entende?»
—«Nem sei, meu caro Abreu, (o Bastos volve,
Conhecendo essa atroz difficuldade,)
Se do Asno de Búridan o nome
Se se deve escrever com letra grande?»

Abreu, que era temido pela argucia
Que mostrava nas Theses dos Capuchos,
Na promptidão com que as questões distingue:
«Com maiúscula sim, será escripto
Se fôr *seu nome proprio!*» assim lhe torna.
De novo as gargalhadas se alevantam,
Succedeu-se o silencio á procella;
Com denodo, á porfia dão ao queixo,
Um se agarra a chorudo naco, um outro

Emborca desmarcado copo, aquelle
Faz frequentes saudes da etiqueta.
Falavam todos, todos approvavam
Os projectos do Bispo tremebundos.

VIII

— É sorte dos vencidos! (diz Lencastre,)
Ninguem póde esbulhar-me dos direitos
Que eu tenho de me ser entregue o Hyssope.
De que serve um Accordam do Cabido,
Se, como o Lara, o Matos se recusa? —
Assim falára; os comilões vorazes
Enchem os copos, atrevidos clamam:

«Á saude de quem o sacro Hyssope
«Em paz receberá na Egreja de Elvas!»

O Casadinho então toma a palavra,
E conta os motes bons que se disseram
No Outeiro poetico. Alvas toalhas
Lá no mirante ao vento fluctuam,

E fluctuando, os morbidos relances
Inspiram doces glosas. Já negrejam
Aqui, alem os grupos. O Falcato
Com Diniz pelo braço, no terreiro
Medita as suas decimas; vem Matos
O successor do Lara, seu sobrinho;
Apparece tambem entre a mais chusma
Frei Caetano Roquete, carmelita,
Mestre de cerimonias do Prelado,
Reitor do Seminario, bom poeta
Eu varias lingoas mortas, auctor de odes,
Mais horrendas que o Monstro horaciano.
A corôa do Ramilhe alveja,
E apezar da profunda gravidade
Das Theses dos Capuchos, sabe ainda
Pulsar classico plectro pelo estyllo
Do Postilhão de Apollo. Súa em bagas
O Vidigal, ao pezo da bandurra;
Ergue-se um borborinho. As luminarias
Na torre do mosteiro tremeluzem,
Os agudos repiques, os foguetes,
Tudo a festa annuncia. Pouco a pouco

Faz-se um morno silencio, tudo espera
Da boca da sybilla a voz sonora,
Feliz inspiração do — lá vae motte.

Eil-o se ouve afinal. Para glosal-o
O sobrinho do Lara bate as palmas,
Como um capão quando sacode as azas.
Requintes de ternura, bons conceitos
De assucaradas decimas dispara.
Madre Eufrazia sorria-se, anelava
Ter tão bom Director de consciencia.
O Deão mais se inspira, audaz braceja,
E quando o estro estava já no ponto,
Vem tremenda pancada de agua. Fogem
Os circumstantes trepidos, a chuva
Não cessa, é quasi a cantaros! Só Matos
Impassivel, na mystica vertigem,
De Madre Eufrazia canta a gentileza.

Por fim o incendio do estro se lhe extingue
Ao mesmo tempo, quando no mirante
Se apagaram de todo as luminarias.

IX

Ficou hirto o Prelado. Elle adorava
As peregrinas graças da Abbadeça!
Um rival no Deão!...
Desfigurado
Subitaneo ficou! debalde o Marques
O consola dizendo, que do Lara
Nunca o sobrinho lhe recusa o Hyssope;
Como sinal de quanto diz, promette
Vir com elle ao serão jogar o Wisth,
Em fim, firmar a paz da Egreja d'Elvas.
Ao secco Marques férvidos applausos
E saúdes geraes n'esse instante houve!
Do Prelado acabara assim o almoço.

CANTO SEGUNDO

I

Volta o Deão do côro. Era calmosa
A sésta, e já dormia a somno solto,
Na feliz digestão que ia fazendo
Em dulcissimos sonhos engolfado.
Dormitava tranquillo sem do Hyssope
Nas serias lutas desejar ter parte,
Enlevado em piedosa e santa inercia,
N'uma vasta ignorancia mergulhado.
Elle de paz só pensamentos tinha,
E dar o Hyssope ao Bispo pertendia.

II

Mas quando isto pensava, melancholico,
Como de traz dos montes sae a lua
Na calada da noite, assim o vulto
Do triste Lara em sonhos lhe apparece,
Ao lado de seu leito, macerado
O rosto, e conchegando-se á mortalha:

«Eu venho dos desvãos da eternidade
«Exorar-te vingança ás minhas cinzas!
«Esqueces quanto em vida os abundantes
«Pundonores e brios não prezava?
«E quanto além da morte nasce este odio,
«E a dor d'aquelle insulto com que o Bispo
«Me cavou sem saber na sepultura?
«*Miseremini mei* compadecei-vos,
«*Saltem vos* meu sobrinho, vós ao menos
«Vos doei d'esta minha sem ventura!
«Só me podes livrar continuando
«A contenda do Hyssope, em desaffronta
«D'estas já minhas esquecidas cinzas.»

III

E Matos revolvendo-se na cama,
Como no antro Encélado, acordára.
Os olhos esfregando, abrindo a bocca,
Escarrando e batendo na boceta,
Dorme sorvendo a sórdida pitada.
Batem á porta levemente; 'esperta
O Deão aturdido, ergue-se á pressa,
Os turvos olhos com as mãos esfrega,
Quasi ás orelhas escancára a bocca,
Garganteando longos sustenidos.
Abre a caixa e vae vêr quem bate á porta.

IV

Era o espalmado Marques. Para a sala
O Deão o dirige pressuroso;
Sentam-se, pucha o Marques da boceta,
A terrosa pitada troca, e á falta
De um mais feliz assumpto de conversa,
Diz o Marques fungando:

«Uma bocêta
É cofre, é um sacrario onde se guardam
Incógnitos mysterios e virtudes,
Travessuras, lembranças e segredos...
É crysol onde o olfato escandecido
Vae procurar alivio e refrigerio.
Aqui encontra todo o Padre Mestre
Leitor, Provincial ou Jubilado,
Vigor para affrontar mil cartapacios,
Grossas *Summas*, ingentes *Opera omnia.*
Ella torna subtil o Cazuista,
Em fim, uma pitada alenta e dá-lhe
Intrepidez em magnas invectivas.»

—«Eu não posso acceitar, amavel Marques,
O elogio *in totum*, se me lembro
Da materia que forma uma bocêta.
Da bocêta de Pandora nos contam
Velhos fabuladorés, quantos males
De lá, *in illo tempore*, saíram.»—

«Perdôe cordial Matos, não concedo!
Que valor tem as fabulas mesquinhas?

E o que dizem atheos e jacobinos,
Que n'estes reinos andam cigarrando?
Pois chamem á boceta vil sentina
Do sordido rapé terreno e caustico,
Que ali qualquer senil celibatario
Afoga da existencia as cruas penas.
Qualquer Madre Abbadeça n'ella estuda
O rigor da monastica vivenda;
Tem a mão que a desperta nas vigilias,
Que tempéra os jejuns e diminue
O rosario enfadonho, as ladainhas.
Quanto á bocêta do rapé se deve!
Qualquer imitador de Horacio, n'ella
Procura inspiração. Outra pitada!..
(E estende a caixa para o Deão tonto.)
Assás e muito assás tenho falado;
Mas convem que tratemos do negocio
Que só me trouxe aqui: Sua Excellencia
Desejando que acabem estas rixas
Que o bento Hyssope trouxe á Egreja d'Elvas,
Me envia a sua casa, a convidal-o

Para um serão no passo.»

O Deão fica

Ufano da importancia que morece.

V

Quasi á bocca da noite, o Matos veste
A classica sotaina, e calça as meias
De seda, as quaes só usa em lausperenne,
Ou quando canta ao som fanhoso e surdo
De coxo monocordio, em palratorios,
Alguma das modinhas que mais ama.
O Deão sae de emphatica presença,
Vae á loja do astuto Cazadinho,
Que é critico finissimo em materia
De sermões somnolentos, e que nota
Ás gradações, os tropos, os ornatos
Da varia elocução, e que com arte
Desenterra os defeitos escondidos,
Do mesmo modo com que arranca um dente.

O Barbeiro adiposo, na officina,
O Leonardo perpetuo consulta
Sobre os dias fataes para as sangrias;
Tambem diurnamente lê Bandarra,
E em frente do freguez adinheirado
Em cerimonias todo se converte;
São taes suas melurias, sua lábia,
Que do Bispo os serões tambem frequenta,
E o Wisth, o Trinta-e-Um com elle joga.

VI

A este tempo, o falasão Barbeiro
Do mulheril Perinha a ruiva barba,
Como Eutrépalo duro, escanhoava.
Depois passou-lhe as mãos pelo cabello,
E ao bater do pente e da thesoura,
Entretinha o freguez o bom cavaco.
Queixava-se da inveja das más linguas,
Que tanto a sua fama enchovalhavam:

«Não creio n'estas vozes, pois conheço
«Minha fiel consorte! só o esmero
«Com que n'este chinó deita os polvilhos,
«Desmente o que se diz. Mas se assim fosse...

VII

Emquanto na officina pachorrento
A sua vez o Matos aguardava,
Passou revista aos livros do Barbeiro.
Ficara preoccupado na leitura
De grosso cartapacio, livro ascetico,
Mataphysico, mystico, piedoso,
Chamado por galente antenomasia:

O Gancho dos Peccados reservados,
Ou antes, doce engôdo de almas pias,
Com que todo o fiel ascender pode
Na barca de Deos nosso, Jesus Christo,
Á gloria de seu pae.
Maravilhado
Da profunda ignorancia em que era immerso,

O Deão volve o enorme bacamarte:

«Que firme pedestal para o renome
De algum frequentador de largos annos
Das Covas da vetusta Salamanca!
Não parêmos aqui. Este outro livro,
Não leio muito bem letra miuda,
Muitos annos parece ter? que importa?
Os livros para mim são como o vinho,
Quanto mais velhos, de sabor mais grato:

A Fenix gloriosa entre os Aromas
Da devoção e n'elles renascida,
Eternizada em annuaes diarios,
Do Gouvêa subtil.
Ali se via
Do serio Gomes o — *Attractivo da Alma,*
Ou Maria Santissima mãe nossa;
Ponderação de sua incomparavel
Formosura archangelica, e saudades
De sua amabilissima presença.

Julgo ainda illusão tudo o que vêjo!
Taes achados me encantam, me arrebatam;
Se colhesse fumaças d'estes livros,
Não temia affrontar mil controversias,
Combater com hereticos, e mesmo
Eu seria um portento, retorcendo
Das Letras Santas a verdade pura.»

VIII

O Cazadinho ufano lhe mostrava,
No armario onde tem suas navalhas,
De peregrina erudição mais livros,
Da vista de curiosos recatados:

Matraca Apolegetica, ou chocalho
Ao Diabo roubado para auxilio
Dos dormentes nas leis da Santa Egreja.

«Que succulento tômo!» O Deão brada,
Escancarando a bocca, possuido
Do somno que o assaltára de repente.

Mas ia por diante o Cazadinho,
Mostrando-lhe outras obras onctuosas:

Vaga-lumes de uma erudição varia,
Ou candea de luz divina e humana,
Para os medos do timorato Espirito:
Zurrague dos Incredulos, composto
De duas partes, scilicet primeira:
Ferrolho das paixões voluptuarias;
O segundo, convem saber, se chama:
O escravo da morte, ou sãos preceitos
Para todo Christão em paroximos.

N'isto o pobre Deão caíu em terra,
Que ataque soporífero! o Barbeiro
Afflicto acode; espiritos activos
O revocam á vida, mais contrario
Do que nunca á theologica sciencia.

IX

Chega alfim ao episcopal palacio;
Ali reinava a festa e festa immensa!
Sua Excellencia os annos celebrava.
Em confuzão tamanha entra na sala
O Deão adiposo: trajar serio,
Casaca de avoengos, cabelleira
De rabicho e coberta de polvilhos,
Calção e meia muito justa á perna,
Fivellas de metal que fingem ouro.
Junto do Bispo humilde se aproxima,
Arranca da algibeira atroz soneto,
Suspende-se o susurro, as palmas bate,
Com pindarico modo assim braveja:

«Eis o dia em que o Côche auri-luzente
De Phebo mais d'este Orbe se aproxima;
Quem os Numes do Olympo ao canto anima?
E quem as Nove Irmãs inspira ardente?

Calíope, entre as Muzas eloquente,
Argenteo plectro afina um ponto acima;
E o célere Neptuno, em salso clima,
Aos ares sidereos alça o Tridente.

No Tartaro não uiva o Cão trilingue,
Perde Minos o fero sobresenho,
De Tantalo quem é que a sêde extingue?

Qual é d'este espectaculo o dissenho?
Os annos do Prelado! isto distingue
Do mundo inteiro o universal empenho.»

X

Depois d'esta leitura, a tempestade
Dos vivas arrebenta. Honra ao poeta!
Um grita, um outro clama em altos berros:
— Ao heroe do soneto largos annos,
E ditosos! — a cáfila faminta
Composta de alvitreiros, parasitas
Repercutem officiosos brados.

Ao furor se seguiu morto silencio,
E vendo o Zé da Luz tal pasmaceira,
Pucha pela rabeca, e com motivos
Do soneto, que ha pouco attento ouvira,
Apoquenta os ouvidos mortalmente.

XI

Mas não pôde levar o intento ao cabo,
Porque, quando tirava mais o arco,
Pondo os olhos em alva, hirto, suspenso,
E mais erguia a voz em sustenidos,
Tambem o gordo Bispo empavonado
Como a tal rã esópica, se inchava,
E receiaram todos que estourasse.

CANTO TERCEIRO

I

Furor temivel de estupenda gula!
Não cessam as intrépidas saúdes:
O estrépito dos garfos e dos pratos
Estridente aparato nos revela
Do festim natalicio do Prelado.
Este os dentes enterra n'um bom naco,
Aquelle a bocca soffrego abarrota,
Voraz este outro nem já sente o ruido
De tão devastadora comezaina,
Come por todos, inda lambe os beiços,
Sem duvida que é musico. A seu lado,
Um mal mastiga, porque o farta a vista,

Porque os dentes lhe faltam, e d'opíparos
Guisados se contenta com o môlho.
Uns comem, bebem, falam juntamente,
Outros calados, a trinchar manhosos,
Combatem a avidez. No dar ao queixo
Vencido um não quer ser, este vencido
Reune novas forças, aparelha-se
Do gástrico triumpho para as glorias.

II

Recheado perú já desafia
O cansado apetite dos convivas,
Freneticas saúdes se despejam
Nas sacras pansas de Deões e Abbades.
Um, faz carrancas ao Madeira excelso,
Pelo costume de fazer o mesmo
Á zurrapa que empina ás escondidas
Em lobrega espelunca escura, e suja;
Outro a taça alevanta, e com pujança
Mede o fundo c'os olhos; delicado
Reparte o grato brinde do costume.

Poeta este é sem duvida, e faminto
Cantor de bacchanaes, ou soneteiro.
No meio da carnívora caterva,
O Prelado magnanimo conhece
Que o silencio dos hospedes se apossa.

III

Porem galhardo, alegre principia
Propondo varios casos theologicos,
Que espantariam mesmo o proprio Pondas,
Costumado a increpar o infeliz Ticio.
Ratos, burros, aranhas, bicharocos,
Que se encontram nas fabulas de Esopo,
Tudo vinha n'uma enfiada horrivel
Empeçonhar de Deos a augusta casa.
Um, arteiro defende o arachnido,
Que baixando da têa em fio tenue,
Cae indiscreto no sagrado calix.
Todos refuta e prostra o bom Lencastre,
E seus dengues escrupulos metiam-no
A cada instante em novos embaraços.

Um outro condemnava o triste burro,
Que, vindo compellido pela sêde,
Na pia da agua benta a saciára.
Este outro accommetia valoroso
O faminto ratinho amedrontado,
Que, deixando seu misero escondrijo,
Um sacrilego furto junto ás aras
Commete, arrebatando a ostia insoça!
É n'estes desconchavos de cabeça,
A boa sociedade entre saúdes
Deitava uma cã fóra, largos annos
Desejando ao Prelado generoso.
Esgotada a materia do cavaco
Os Conegos bocejam; não se applicam
Já com tanta frequencia altos conceitos
Do succulento Horacio, só pitadas
Reciprocas, amaveis se commutam.
E quando um tosqueneja, e se espreguiça
O Chantre, ali aos jogos dão inicio:
O Wisth, as Damas, o Gamão birrento
Acordam novamente o ardor da festa.
O Bispo e o Deão, no Voltarete,

Commentam a peleja do Hyssope.
Eis que leva um *codilho* o bom Prelado;
Fingiu não ser comsigo. Infelizmente
Dá-lhe um *geral* o Matos, *declarado*.
O Bispo vae ás nuvens! D'esta feita
Não pôde ter-se, o pingo do simonte
Distilla-se da penca adunca e grossa;
Das bochechas balofas nos refegos
O suór sae em bagas, gordurento;
As cangalhas da testa se despenham,
Os injectados olhos lhe coruscam.

V

Ao vel-o, o Deão pávido estremece,
De apoplexia cuida vêr symptomas,
Raspa da Caixa do rapé...
O Bispo,
Em cólera fremente e convulsiva,
Quer das mãos arrancal-a e grita:
—« É ella!
Penhor do meu affecto, a mesma Caixa,

Que offereci a madre Eufrazia! Oh como,
Impio, um thesouro possuir tu ouzas?
Tambem como eu a adoras? e me roubas
Seu coração divino?»—
O Deão volve,
Apaziguando o impeto da furia:

«Esta argentina Caixa é minha gloria,
«Ganhei-a n'esse Outeiro! Com as chuvas
«Arrostei, celebrando as gentilezas
«De madre Eufrazia, espirito galante.
«No ardor da inspiração me hei constipado,
«O catarro me assalta, vem a tosse;
«Mas em paga, de doces gram bandeja
«E a Caixa de rapé, madre Abbadeça
«Reconhecida envia de prezente
«Ao seu cantor, ao vate sublimado.
«Eis a historia fiel.»
—«Dê-me essa Caixa.
«Impossivel, senhor!
—«Que? impossivel,
A excommunhão-maior de nada serve?

«Tudo por ella affronto! (o Matos volve,)
«Por ella eu cederei do Hyssope a posse!
«Nem com isto o convenço?
—Não! Mal hajas.
Heide fazer que á porta do Cabido
Com Cruz e Caldeirinha o tragas sempre;
Para escarmento dos farfantes Laras
Hãode as multas do *Livro do Cabido*
Sobre ti despenhar-se, e os *Accordãos*
Decidir contra ti, quando *apellares*.—

Assim findou a paz da Egreja d'Elvas!

VI

Gastou-se longo tempo em reprezalias!
Inquieto, zangado, esbaforido
De Alcáçova o Prior andava; o caso
Não era para menos! bons amigos
De *in re incerta cernitur*, já raros,
Lhe disseram que o rábula Gonçalves
O tal da *Apellação*, fôra ao Prelado

Offerecer seus préstimos, tramando
Uma intriga execravel, cujo assumpto
Era a alliança do Prior com o Matos.

D'Alcáçova o Prior, assás pacato,
Homem que a todos comprimenta e ama,
Ao saber da aleivosa novidade,
Empunha a durindana, e o Gonçalves
Procura em toda a parte; ao vir da noite
Farêja, espreita, busca, segue, espera
Ás esquinas o Malco audacioso
Para vingar seus brios.
Serão alto
Era já, quando vinha da palestra
De casa do Deão, que lhe narrara
As suas dissensões. Volta uma rua,
Descobre um vulto acocorado! avança
Pucha a férrea catana, enfia... foge
De novo para casa do amigo,
Tão palido, tremendo, balbuciando:

«Soccorre-me, Deão, n'esta desgraça,

«Pois matei o Gonçalves! como posso
«Celebrar ámanhã o sacrificio?
«A justiça, os remorsos me perseguem,
«Oh esconde-me!
«Aonde?
«Em qualquer parte,
«N'uma latrina embora, tudo serve;
«No gallinheiro...
«Esse é logar seguro!
O Deão redarguiu. Ambos caminham
Para lá, de lanterna á luz mortiça.
Cacarejaram as galinhas impias
Denunciando o crime! Alfim silencio
Sepulchral existiu; a noite inteira
Por visões perseguido, atribulado
D'Alcáçova o Prior passou, mil votos,
Orações não faltaram, tudo em balde.
O Deão estudava uma resposta
Para dar á justiça, se viesse
Bater-lhe á porta.

VII

Ao outro dia, cêdo,
E do crepusculo ao alvor primeiro,
D'Alcáçova o Prior do escondrijo
Saíu todo estercado das gallinhas;
E a passapello, como cão que arrasta
Folheta preza ao rabo, a casa busca,
Passa pelo theatro do nefando
Assassinio, olha gélido... Que assombro!
A durindana encontra até aos cópos
Espetada na bocca de uma pipa,
Que o Neves tinha á porta!

VIII

Já corrido
De vergonha, e contente ao mesmo tempo,
Deixou a convivencia dos amigos,
E foi, era o final dia do anno,
Dar graças ao Senhor na Egreja d'Elvas.

IX

Em ligeira berlinda á Sé caminha
O sonso Bispo, vae tambem dar graças;
O coração lhe bate pressuroso,
Receia que o Deão trazer-lhe o Hyssope
Não venha á porta principal! Em breve
Pára a liteira, apêa-se o Prelado,
Um séquito luzido espera, as bençãos
Vão dispersas no ár ás rebatinhas.
Ceruferarios, Barulantes levam-no
Por entre a multidão; sómente o Matos
Ouzou não vir trazer-lhe o bento Hyssope.

Para o docel caminha ardendo em raiva,
Não via, nem sentia! o odio agora
Lhe segreda projectos de vingança.
Entre tanto o Deão vendo o effeito
Da recusa formal, rotundo e grave
Procura sustentar seu posto de honra;
No côro estrepitoso o agudo Felix,
Acompanha o Furtado n'um duetto,

E juntamente o Luz fére a rabeca.
O Luz e mais quejandos começaram
O festivo *Te Deum*, de tal modo
Que a compunção saía do imo d'alma.

X

Acabada a função, Sua Excellencia,
Sonhando novas *multas* e *Accordãos*,
Voltou para o palacio, aonde o bando
Dos parazitas o aguardava ancioso,
Para saudal-o no triumpho egregio,
E papar-lhe em louvor a farta cêia!
Aqui as suas pansas mais soffreram,
O successo fatal veiu prival-as
De esperanças nutridas longo tempo.
Conhecera o Prelado este desgosto!
Para o almoço do seguinte dia
Os convida, e se encerra em sua alcova,
A sós, com sanguinarios pensamentos.
Revolve-se na cama a noite toda
Por Morpheu desprezado, meditando

Na affronta do Deão. Sonhos horriveis
O atribulam sempre! Ao outro dia
Resadas as matinas, veiu o Chantre,
O Thesoureiro, o Grão-Penitenciario,
Depois o douto Andrade, o grande Almeida,
O secco Marques todo diligente.

Esperando o almoço, discorriam
Da Theologia pelos vastos prados,
Com rijas invectivas. A demora
Do Prelado os espanta! Abrem-lhe a porta,
De joelhos em extasi o encontram.
Qual o pasmo não foi dos circumstantes!
Eriçam-se as perucas de polvilhos,
Desperta á bulha o attonito Prelado:

— «Foi sonho? foi visão? Que vi? não creio,
«Uma palida virgem no meu leito!
«Tão macia de face, arfar cansado,
«Voluptuoso olhar... oh não profanem
«Seu divino composto com taes falas!
«Em vão tentei nos braços apertal-a,

«Mas quem pode palpar a nuvem branca!
«Tinha assômos gentis de madre Eufrazia...
«Vinha dar-me consolos para o golpe;
«E querem despertar-me?»
O Bastos fala:
— Prelado venerando, Dom Lencastre,
Vimos aqui expôr os nossos tramas,
Para do Matos triumphar-se um dia.
O Fernandes, do *coram probo viro*,
O Cêa, o Serpa, e o Doutor Caetano
Estão da nossa parte! —

XI

Os apoiados
Restrugiram no quarto; reunidos,
Caminham para a mesa satisfeitos,
Discorrendo no modo mais seguro
De reintegrar o Bispo em seus direitos.
Eis que entrava o Gonçalves, inquieto
Por citar o Deão; vem apoz elle
O Casadinho, e emboscados ficam.

CANTO QUARTO

I

Deu partida o Deão aos seus amigos,
Enfatuado de tamanha gloria,
Satisfeito de haver vingado o Lara,
Lavando a mancha d'essa egregia stirpe!
Tempéra o Vidigal sua bandurra:

—Eu canto aquelle heroe azado e forte,
Que as cem tubas da fama hãode ir levando
Aos términos do mundo, e que hoje assombra
Os feitos dos Alcides, pondo em terra
As pertenções do Bispo, não querendo
Á porta principal trazer-lhe o Hyssope.

II

Por diante na sua ia o poeta,
Quando o silencio cóse as boccas todas!
Fugir em vão quizeram, no sobrado
Estacados ficaram, insensiveis,
Quaes priscas múmias da vetusta Memphis.
Do Gonsalves a acerrima presença
Tal fez n'aquelles animos, pois vinha
Ao farfante Deão citar. Eis pucha
Da profunda algibeira de repente
Um rolo de papel sellado, e dizem
Alguns dos bibliographos que o leram,
Que era uma *Intimação*, para que as multas
Do *Livro do Cabido* fossem pagas.
Tornou-se de mil côres, o ha pouco
Risonho Prebendado. Os circumstantes
Nem sequer respiravam! só diremos
Que o Prior de Alcáçova, garboso
Em frente do inimigo se mordia,
Levando a mão debalde á durindana,
Com bem pezar quebrada, quando inuteis
Esforços fez para a arrancar da pipa.

III

Pouco seguro o rábula se julga,
A *citação* entrega, lê-a Matos,
Empalidece á vista da deshonra,
Não digo da quantia das taes multas!
Não sabe que resposta dê; em torno
De si lentamente olha, interrogando
Tacitamente os mais; comprehendera
De Alcáçova o Prior, e furioso
Toma a palavra e grita:
— O Prebendado
Sabeis que é cidadão inviolavel,
E *citações* á noite não acceita;
Sois rábula, nos codigos lê-se isto.

Applaudem-no os convivas. Offendido
O Gonsalves nos seus melindres, abre
O grão vocabulario de improperios!
De insultos era um jorro.
O Prior fulo
De colera não via, nem ouvia;

E, como um touro de farpões coberto,
Ao Gonsalves se atira; mas o rábula
Que entrou como Leão, sae mais sendeiro.

IV

Não ficara o Deão muito contente
Lembrando-se das *multas*. A vergonha
Aguava o seu triumpho; a negra vilta,
Mais do que ao Lara, lhe pesava agora.
Faltava-lhe appetite e alegria!
Afflige-o uma colica medonha,
Corre á privada, espreme-se; gemendo
Uma voz fatigada lá do fundo
Lhe diz pausadamente:
«Meu sobrinho,
«O pobre Lara vinga! hoje o triumpho
De uma cousa depende: *Abracadabro*
Me disse que seguisses os conselhos
Do Auditor Diniz! vae procural-o
A casa do Falcato, aonde passa
Esta noite o serão; mas segue á risca

O que elle te disser!»

O Prebendado,

Transido, de terror cumpre a mensagem.

V

Jogando o secco Wisth lá n'um sótam,
Foi encontrar os caturrentos pontos;
O trépido Deão todo o successo
Lhe expõe; ri-se Diniz, riram-se todos;
Mas é certo que tal foi o conselho,
Que no fim de alguns dias o Prelado,
Á vista de severa Portaria
Pelo Rei assignada, não responde
Ás interpelações, e riscou logo
Do *Livro do Cabido* as ditas multas,
Negado ter pedido o bento Hyssope.

VI

De jubilo o Deão enlouquecia!
O carrilhão de vinte sinos de Elvas

Quiz mandar repicar. Isto era pouco,
Pôz luminarias e lançou foguetes,
Fez Outeiro de varios poetastros...
Reprezalias sacerdotaes.
O Bispo
Mordia-se ao dizer: — Fiquei vencido!

Um dia o Casadinho, o seu barbeiro,
O encontrou chorando:
«Pois que é isso,
Venerando Senhor? (pasmado grita.)
Tive uma ideia! uma vingança nobre,
Façâmos ao Deão uma pirraça!»

«Oh! que dizes amigo? salva-me, anda;
Descobre o teu segredo.»! (E estende os braços,
Quasi prostrando-se a pedir auxilio.)

«Dom Lencastre, permitta-me que á noite
Da Sé roube o Hyssope. Tenho chaves
Que o sacristão empresta, e o Gonsalves
Coadjuva-me na empreza! Assim podemos

Privar o Matos de completa gloria.
Do triumpho é metade, mas que importa,
Se existe o equilibrio entre os partidos,
E talvez n'elle a paz da elvense Egreja?»

VII

O Gonsalves chegava a este tempo
Esbaforido, tressuando; a nova
Soubera da derrota do Prelado.
O Bardeiro propoz-lhe a grande empreza!
Acceitou com prazer; a noite aguardam,
O Bispo com licores os anima,
Concedendo-lhes muitas Indulgencias,
Com varios privilegios assás pingues.

VIII

Era cerrada a noite. Á santa Egreja
Coadunados os dois se vão á pressa;
Debaixo do capote uma lanterna
O Casadinho leva. Entram no templo,

De seus passos o ecco os amedronta:
Em saltarello feio as negras larvas
Ante os olhos volteiam. Corajosos
Avançam, nada temem; n'um instante
Arrebatam o Hyssope, que de môlho
Na Caldeirinha estava.

IX

Infelizmente
Encontraram dois vultos rebuçados;
Quem póde conhecel-os? Aqui temos
Face a face o Prior com o Gonsalves,
Que a lanterna ás bochechas lhe arremessa;
Frente a frente o Deão e Casadinho,
Que um dente lhe quebrou com o Hyssope!
Os cachações ferviam; n'este instante
O Malifa passava por acaso,
Berra, accode a patrulha, á pressa fogem,
De Alcáçova o Prior esgatanhado,
Mas ufano, porque nas mãos trazia
O chinó descosido do Gonsalves.

X

Ao contente Deão mandou o Bispo
Propôr o dar-lhe em troca do Hyssope
A Caixa de rapé de madre Eufrazia!
Capitularam ambas as potencias,
Voltou a inercia, a paz á Egreja d'Elvas,
E acabado o poema *Deo gratias*.

O LOBO DA MADRAGOA

FARÇA LYRICA, EM UM ACTO

PERSONAGENS

PEDRO CAETANO PINHO,
devedor.
D. MARIA DAS FANHAS,
sua mulher.
EULALIA,
filha.
JOÃO XAVIER DE MATOS,
ANTONIO LOBO DE CARVALHO,
poetas divertidos.
O BOTICARIO,
visinho apaixonado.
MANIQUE,
Intendente da Policia.

A scena passa-se em Lisboa. Época — 1775.

ACTO UNICO

SCENA I

EULALIA e D. MARIA DAS FANHAS

EULALIA:

Já não tenho uma esperança,
Que ao menos me alente a vida!
É toda a illusão perdida
Dos meus sonhos de criança,

O pobre peito innocente
Deu-se a amor que tudo inflamma,
Crestado com viva chamma,
Deixou-o ermo, descrente.
Ai!

D. MARIA DAS FANHAS:

Que tens, filha?

EULALIA:

Não sei...

D. MARIA:

Tão palida estás? que susto!
Que gelo! respira a custo;
Oh, quem me accode! onde irei?
Ai meu Deos...

EULALIA, *voltando a si:*

Porque se affligem?
Pobre mãe, pois não conhece
Que este mal que me amortece
Dentro d'alma tem origem.

D. MARIA:

Conta-me o teu soffrimento,
Talvez que tenha remedio.

EULALIA:

Eu sinto não sei que tedio
Da vida, a cada momento.

D. MARIA:

Porque aborreces a vida?
Que succedeu? Não me contas?
N'esse estado me amedrontas.

Não fôste correspondida
Por algum dos teus amantes?

EULALIA, *delirando*:

Se eu podesse agora vêl-o
Como o sol altivo e bello
Rasga horisontes brilhantes!
Mas não posso.

D. MARIA:

Por que não?
Não sabes que tudo faço
Para tornar firme o laço
Com um da tua paixão?

EULALIA:

Morto já o lindo moço!
Esta carta assim o diz;
Deu-se por muito feliz

Afogando-se n'um poço.
Agora tenho remorsos,
Sou culpada n'esse crime;
Fui uma ingrata! accudi-me...

D. MARIA:

Para que são meus esforços?
Como foi então o caso
Que o levou a tal loucura?

EULALIA:

A causa em vão se procura!
Elle é o meu sol no occaso,
Que da morte ao negro oceano
Já desceu...

D. MARIA:

Mas, filha minha,
O coração me advinha
Que tudo isso é engano.

EULALIA:

Antes fôsse! lêde a carta
Que me deixou tão afflicta;
Pela propria mão escripta!

D. MARIA:

Ai! de penas estou farta!
Mas lê tu esse papel;
Diz se te custa? não leias,
Afasta as negras ideas...

EULALIA, *lendo*:

Elle me escreve: «Cruel!
«Da beira da sepultura,
«(De que apenas disto um passo,)
«O meu protesto aqui faço,
«Ante a morte esta alma jura:
«Amei-te sempre! não ouzo
«Vir accuzar-te, indiscreta;

«E vou como a borboleta
«No meu mal buscar repouso.
«Na morte ao menos sou bravo!
«Quando meu debil gemido
«Resoar no seu ouvido,
«Já tem menos um escravo.
«Sinta com outros o arrôbo
«Da paixão que desatina,
«Emquanto humilde se assigna
«O posthumo Antonio Lobo.»

D. MARIA:

Bem escripta, e mui sentida,
Filha, não é?

EULALIA:

Que direi?
Ao lel-a, chorei, chorei,
Magdalena arrependida.

D. MARIA:

Ai que destino cruento!
Bem sei, filha, quanto soffres;
Mas antes perder mil cofres,
Que desprezar casamento.

SCENA II

Os mesmos, e PEDRO CAETANO PINHO

PEDRO CAETANO:

Casamento? quem repete
Dentro da minha morada,
Palavra tão negregada,
Que susto, e horror me mete?

D. MARIA, *offendida:*

Horror! de que? meu papalvo.

PEDRO CAETANO:

Dos convidados á meza!

EULALIA:

É tão pequena a despeza.

PEDRO CAETANO:

Já d'esta não fico salvo!
Pareces-me uma rainha,
Rasgas purpuras brilhantes...

D. MARIA:

Ella escarnece os amantes...

EULALIA:

Acabem a ladainha,
Já me enfadam taes lisonjas.

D. MARIA:

Filha, é boa occasião,
Podes ir para Lorvão
Rezar com as outras monjas.

PEDRO CAETANO:

Levêmos o caso a serio:
Apoquentam-me os credores!
Se algum d'estes meus senhores
Com gesto feroz, de imperio,
Me vier bater á porta,
Pedir-te a mão, minha filha...

EULALIA:

Mas não caio na armadilha,
Já para o mundo estou morta.

PEDRO CAETANO:

Vivo cercado de dores,

Buscando sempre o retiro;
Pois que? para onde me viro
Tópo um bando de credores.
Para me vêr livre d'elles
Esgotei os meus recursos;
A miseria em meus discursos
Excede as côres de Apelles.
Mas não produzem effeito,
Sei que perco oleo e trabalho;
Lagrimas frias de orvalho
Não abrandam duro peito.
Lembrei-me por muitas vezes
Fingir-me morto...

D. MARIA:

Não tema
Fazer o estratagema.

PEDRO CAETANO:

Tem innumeros revezes.

Tu só, Eulalia, podias
Libertar-me dos perigos,
Pois que alguns dos meus amigos
Amam tuas louçanias.
Oh que horrivel situação!
Suppõe agora que chega
Um credor, e quem lhe nega,
Se elle pedir, tua mão?

EULALIA:

Pois sou eu algum objecto
Que possa dar-se em penhor?

PEDRO CAETANO:

Se elle te tem tanto amor!
Se lhe és um sonho completo!
O crédor a quem mais devo,
O visinho Boticario,
Disse-me d'um modo vario:

«Amigo agora me atrevo...
(Pensei que me ía citar;)
«Quero propôr-lhe um contracto...
«Fica-lhe assim mais barato...»
— Visinho, queira falar!
O homem todo vermelho,
Logo as cangalhas acerta,
E diz-me de bocca aberta:
«Apezar de eu estar velho,
«Tenciono tomar estado.
«Li isto na minha sina!
«Diga-me, a sua menina
«Acceitaria o meu lado?
«Essa divida acabava
«Assignando ella a escriptura,
«E a sua vida futura
«De certo que melhorava.»

Senhor! lhe disse contente,
Acceito a sua proposta,
Venha buscar a resposta
A minha casa...

EULALIA, *chorando para a mãe:*

Consente
Na loucura d'este passo?
Minha mãe! que atroz fadario,
Dar-me a um cego Boticario...

PEDRO CAETANO:

Que terrivel embaraço!
Sobem a escada, bem sinto.
Que ancia! que fogo me abraza!
Vê quem é.

UMA VOZ:

Está em casa,
Sô Pedro Caetano Pinto?

SCENA III

Os mesmos e o BOTICARIO

PEDRO CAETANO:

O visinho aqui? Milagre!

BOTICARIO, *rindo:*

Vilão em casa do sogro...

EULALIA, *á parte:*

Que tal! não caio no logro.

D. MARIA, *para ella:*

Não me faças de vinagre!

O BOTICARIO:

Venho aqui, não sei se sabe,
Por certo que lhe faz conta!
Um negocio de alta monta,
Pedir-lhe...

EULALIA, *querendo desmaiar:*

Meu Deos!

PEDRO CAETANO:

Acabe:
Pede a mão de minha filha?
Não vae mal, é mui prendada,
Borda, canta, toca, e nada
Ignora?

O BOTICARIO:

Que maravilha!

PEDRO CAETANO:

Finalmente passa um mez
Que nunca vem á janella;
Lê uma ou outra novella
Não sei de que autor francez. (*Para a mulher*)
Que prazer não sentes tu,

Quando Eulalia se alevanta,
Com uma voz de quem canta
Diz: *Comment vous portez vous?*»

O BOTICARIO, *atalhando:*

Porem, fiar n'uma roca,
Segundo o costume antigo,
Pósto que não sabe, amigo?

EULALIA:

Como o nojo provoca!
Eu com tal homem casar?

D. MARIA, *offeadida*

É certo; pois estão verdes:

PEDRO CAETANO:

Oh mulher, vê que me perdes!

O BOTICARIO, *sorrindo:*

Quem desdenha quer comprar...
Consentem no casamento?

PEDRO CAETANO:

Oh meu amigo, duvída?
Que ha, que possa na vida
Contrariar-me este intento?
Minha opinião é esta:
Tem meu *sim* se o quizer;
Mas falta minha mulher.

D. MARIA:

Podemos tratar da festa.
E tu Eulalia, que dizes?
Tu vacillas? Tens receio?

O BOTICARIO:

Não chore, que fica feio...

D. MARIA:

Faze-nos todos felizes!

PEDRO CAETANO:

Não lhe agrada este senhor?
Um homem que... nem me atrevo!
O homem a quem mais devo;
É o meu maior crédor!
Querendo, tal cousa arranja
Com o capital e juros,
Que me enterra vinte furos,
E põe-me a pão com laranja.

O BOTICARIO:

Queridos sogros! agora
Falta ajustar esse dia
Da mais feliz alegria
Que posso ter! Por que chora?

PEDRO CAETANO:

Amigo, quando pertendé
Realisar seu intento?

D. MARIA:

Ande, diga — casamento
Dobre a lingua.

PEDRO CAETANO:

Bem me entende.

BOTICARIO:

Só peço espera de um anno.

PEDRO CAETANO:

Visinho, como quizer;
Mas lembre-se que a mulher
É voluvel, não me engano!

D. MARIA:

Não sei porque é que foge
Tão depressa d'esta casa?

O BOTICARIO:

O meu negocio se atraza.

EULALIA:

Por que não janta cá hoje?

PEDRO CAETANO:

É assim, filha, que eu gosto,
Porque não falas francez?

O BOTICARIO:

Não janto cá d'esta vez,
Sinto-me um tanto indisposto!

Tenho de ir para a botica,
Deixei jogando o gamão,
(Jogo da minha paixão)
Dois amigos.

EULALIA:

Pois não fica?

SCENA IV

EULALIA, D. MARIA e PEDRO CAETANO

D. MARIA:

Fez bem em se pôr ao vento,
Logo o fôste convidar?
Que havia para o jantar?
Estava já n'um tormento.

EULALIA:

Não caso com elle, juro!

Por quanto ha mais sagrado!

PEDRO CAETANO:

Meu Deos, estou desgraçado!
Quebro a cabeça n'um muro.
Não sabes o grande susto
Em que agora estou metido:
Tenho sido perseguido,
Fugirei a todo o custo.
Penhorar tudo o que eu tenho
Um dos crédores intenta;
Bem sei que tenho noventa
Todos com igual empenho.
Quanto o malvado projecta!
Agora lembra-me um meio;
Por tal não tenho receio
De que me chamem pateta:
Um Lord inglez desafia
Para jogarem o sôcco;
E a quem o vencer, em troco
Pagará grossa quantia.

Vou pois desafial-o altivo,
É sorte talvez que eu vença,
Tenho uma esperança immensa,
A ultima.

D. MARIA:

Ah como eu vivo.
Como desolada fico!

PEDRO CAETANO:

Espera, adeos, não me esqueças,
Confia em minhas promessas,
Talvez que inda volte rico.

(*Sae.*)

SCENA V

D. MARIA DAS FANHAS e EULALIA

D. MARIA:

Não soffro isto! que inferno!

Mal hajam taes desacertos!
Vêr-me só n'estes apertos,
E em frias noites de inverno?
Que será de mim? Ignoro;
Eu Penélope não sou;
Amar a quem me deixou?
Tambem por elle não choro.
E vêr-me eu na flor da edade
Para um canto abandonada!
Rosa de amor desfolhada
Por tão dura crueldade!
Meu marido, sem pudor,
Fugindo me desacata;
Quer que me eu faça beata
Sem ter padre Director?
Tenho uma filha galante,
Tem uns modos que eu não louvo;
Que doida? já teve um noivo
Que foi meu antigo amante.

EULALIA, *vindo para ella:*

Que diz mãe? está afflicta?

O que soffre?

D. MARIA:

É que teu pae
Arrebatado se vae
Buscar a morte!

EULALIA:

Que dita!
É por isso que se afflige?
Que tanto alarido faz?
Olhe, aqui vem um rapaz
Que para cá se dirige...
Não o conheço, bofé!
De bengala e de luneta;
Com seus ares de poeta,
É Antonio Lobo!

D. MARIA:

É?
Essa pessoa está morta!

Por que te desmaia a face?

EULALIA:

Talvez que ressuscitasse!
Meu Deos, que batem á porta?
Que remorso me flagella!

D. MARIA:

Filha, não faças alarme,
Que eu para desenganar-me
Vou vêr quem é da janella.

SCENA VI

Os mesmos e ANTONIO LOBO

ANTONIO LOBO, *entrando:*

Minhas senhoras!

EULALIA:

É elle!

D. MARIA:

O senhor Antonio Lobo?

ANTONIO LOBO:

Á morte o golpe não roubo...

D. MARIA:

Pois é bem que se acautelle;
Porque foge da existencia?

ANTCNIO LOBO:

Se a vista me não engana,
No convento de Santa Anna
Esteve vossa excellencia?

D. MARIA :

Como ainda está lembrado?
Que bom tempo não foi esse!

ANTONIO LOBO, *á parte:*

Que tal? pelo que parece
Tira á filha o namorado.
Se me lembro! E os Outeiros?
As eleições da Abbadeça?

D. MARIA :

E os motes? não os esqueça.

ANTONIO LOBO :

E o Palratorio primeiro?
Certo é, qualquer amigo,
Embora fosse poetastro,
Arranjava sempre um lastro

De arroz doce no embigo.
Hoje meu Deos! que saudades
O provir não se deseja!
Tenho as tres *Aves* da Egreja
Para a ceia ao dar trindades.

EULALIA, *atalhando:*

Diga-me, quem lhe fez mal,
Para assim querer a morte?

ANTONIO LOBO:

Quem ha que se não importe
Quando descobre um rival?
Eu soube que elle era rico,
Que despresava a senhora;
Tudo ouvi! logo n'essa hora
Sem esperanças me fico.
Precipitou-me o delirio
No abysmo do desespero;
Resistir á paixão quero;

Succumbo em vão no martyrio.
Pego na pena e escrevo
Profundas meditações,
As finaes disposições;
Dei um laço... Não me atrevo...
Do veneno empunho a taça;
Impassivel, firme, quedo...
Era amargo, tomei medo
Da atroz visão da desgraça!
Engatilho uma pistola
Apontei-a logo ao craneo;
Ri-me! que riso espontaneo,
Tal fiz por uma hespanhola.
Dirijo ao peito um punhal!
Na phantasia um espectro
Me surge, e no olhar soletro
O nome do meu rival.
Para a jurada vingança
Pertendo poupar a vida;
Mas n'alma que voz sentida
Sempre a dizer-me—esperança!
Procuro Pedro Caetano

O pae de Vossa Excellencia,
E com toda a reverencia
Fui saber se havia engano?
Ouzou então declarar-me
Que o seu visinho a pedira...
Apósso-me logo da ira,
E resolvi afogar-me!
Sou inexperiente e moço,
De males d'amor enfermo;
Determinei pôr-lhe termo,
Como o Astrologo n'um poço.

EULALIA:

Meu Antonio Lobo, diga
Quem o salvou d'esse lance,
Como está vivo?

ANTONIO LOBO:

Descance;
Pois já que a tanto me obriga...

D. MARIA

Menina! é muito indiscreta;
Se o soubesse o Boticario...

ANTONIO LOBO:

Oh que tremendo uzurario!

D. MARIA:

Sente-se, esteja quieta,
Tem já um noivo; é bastante
Pois não entende estas cousas?
Filha ingrata, como ouzas
Tirar-me um antigo amante?

ANTONIO LOBO:

Dona Eulalia, se quizer
Lhe appresento uma figura
De scismatica ternura,

Chamado João Xavier.
Que mil sonetos dispara
Ao sol, ao vento e á lua,
Que pára aos cantos da rua,
Que namora quem depara.
Sempre de amor maltratado,
Imaginando finezas,
Orgulhoso das fraquezas
Porque o pobre tem passado.
Nova paixão o abraza,
Paixão temivel, ardente;
Pede que o appresente,
Se é possivel, n'esta casa...

D. MARIA:

Com todo o gosto.

ANTONIO LOBO, *indo a recebel-o:*

João!

SCENA VII

Os mesmos e JOÃO XAVIER

ANTONIO LOBO:

Entra! Vê lá se recitas
Algumas odes bonitas...

JOÃO XAVIER:

Falta-me a inspiração!

ANTONIO LOBO:

Offendes estas senhoras,
Que te recebem com gosto;
Pois diante d'este rosto
Cae de joelhos! Não oras?
Este olhar timido! Canta
Do pasmo no sobresalto,
Em quanto valor mais alto
Na lyra não se se alevanta.

JOÃO XAVIER, *escarrando:*

«Estrella, propricia estrella,
Não vem comtigo a donzella
Segredar,
Segredos, que a luz conhece,
Porque os diz quando emmudece
N'um olhar!

Brilhas na alvura das vagas,
Quando se vão contra as fragas
Suspirar!
Á sua luz diamantina,
Na cerração vê-se a cndina
Doudejar!

Tu guias o nauta ao porto;
Sem ter luz que fite absorto
D'um olhar,
Sem esse olhar condoido,
Sou como o baixel perdido
Pelo mar!»

EULALIA:

Que sublime poesia!
Sinto que o estou amando!

D. MARIA:

É um primor!

ANTONIO LOBO:

Vá notando,
Que vê estrellas de dia.
Invejo os teus bons repentes;
Não me faltas á promessa!
Julguei que a tua cabeça
Só dava botões e pentes.

D. MARIA:

Não sentem tantos foguetes
Salvas, repiques de sino?
Com a causa não atino...

ANTONIO LOBO:

Se inda não passou o Lethes,
Deve vêr que a artilheria
Dizer ao povo procura
Que de El-rei se inaugura
A Estatua n'este dia.
De bronze o fez o Marquez
Para que não nos ouvisse!
Para que as cousas não visse
Põe-o no ár d'esta vez.
Que festa pela cidade!
A multidão se atropella.
Tão alto? já não se apella
Para Vossa Magestade!
Vamos nós ouvir as glosas
Feitas á Estatua Equestre,
Que hoje á região alpestre
Vae, com salvas estrondosas.

EULALIA:

Ai, ao Terreiro do Paço

ANTONIO LOBO, *dando o braço a D. Maria:*

Vâmos vêl-o se quizer;
Dá tu João Xavier
A Dona Eulalia o teu braço.
(*Indo para sair*)

SCENA VIII

Os mesmos e OFFICIAES DE JUSTIÇA

MANIQUE:

Elle deve estar aqui? (*Vendo-o*)
Antonio Lobo, está prezo!

ANTONIO LOBO:

Eu, que de honrado me préso,
Porque me agarraes?

OS OFFICIAES:

Saí.

ANTONIO LOBO:

Tem medo o senhor Marquez
Que o motejem minhas odes?
E manda-me estes dois bodes
A capturar-me talvez?
Não vêr hoje as luminarias,
Não poder ir ao Outeiro!
Nas grades do Limoeiro
Vêr-me melro a cantar arias!
É bem que o senhor Manique,
Como um honrado Intendente,
Da apprehensão de repente
A causa me notifique.

MANIQUE:

Não sabe? todo este mal
Só d'um soneto provêm,
Em que por caturra tem
O Duque de Cadaval.
Elle não gostou do afago,
Como vê, tinha rasão.

ANTONIO LOBO, *indo:*

Veiu em bôa occasião,
Da casa o aluguel não pago.
Saem.

SCENA IX

EULALIA, D. MARIA e PEDRO CAETANO PINHO

PEDRO CAETANO:

Que alvoroço foi este?

D. MARIA:

Meu marido!

PEDRO CAETANO:

Ninguem fala?

EULALIA:

Ah! Meu pae?

PEDRO CAETANO:

Tudo se cala,
Que estás vendo?

D. MARIA:

Já vieste?

PEDRO CAETANO:

Vês em mim algum estrago?
N'um olho levei um sôcco;
Fiquei sem dentes; é pouco
Para o dinheiro que trago.
Agora filha estás rica.

EULALIA:

Mas o cego Boticario...

PEDRO CAETANO:

Bem vês que elle é usurario,
E quer pôr outra botica.

UMA VOZ:

Visinho!

PEDRO CAETANO:

Quem me procura?

SCENA X

Os mesmos e o BOTICARIO

O BOTICARIO:

Venho aqui n'este momento

Para do meu casamento
Se rasgar a escriptura!
Porque n'esta casa, ha um anno,
Tantas cousas se tem feito,
Que me não sinto com geito
De viver em doce engano!

EULALIA:

Eu desmaio!

D. MARIA:

Pobre zote!

PEDRO CAETANO:

Com que, então, se desobriga?

O BOTICARIO:

Porque não?

PEDRO CAETANO:

Tanta fadiga
Só para arranjar um dote!

O BOTICARIO, *sabendo do dote:*

Visinho!

PEDRO CAETANO:

Senhor Eloy?

O BOTICARIO:

Mas...

PEDRO CAETANO, *offerecendo a mão de Eulalia:*

Já começo a entendel-o!
Antes ser, que parecel-o;
Dizem *qu' Abrão*, tambem foi...

O BOTICARIO, *sorrindo:*

Meu amigo, tenho fé
Na sua sinceridade;
Ao menos valha a verdade,
Dizem que tambem *N'o é.*

FIM.

SOBRE O GENERO HEROI-COMICO

Nas realisações artisticas, todo o trabalho se resume em descobrir, d'entre a multiplicidade das imagens finitas, aquella que, pela sua *caracteristica* ou qualidade de ser a que mais se aproxima do ideal, póde revestir o sentimento de uma fórma comprehensivel. Esta antithese na expressão é fatal tanto no sentimento *religioso*, como no principio do *justo*; por isso a representação da idéa do *bello* não é destruida pelo contraste, que muitas vezes produz impressões inesperadas, como o *grandioso* na arte symbolica do Oriente, o *sublime* na poesia hebraica, inspirada pela unidade absoluta de Jehovah.

Quando, porém, o contraste entre o *infinito* e o *finito* não existe sómente na polaridade da fórma material e o sentimento intimo que representa, mas o mesmo sentimento se deprime ante si, d'onde resulta um contraste abrupto e immediato, é este o facto a que se dá o nome de — *comico*. Facto complexo, que contém em si manifestações diversas, como o comico objectivo ou o *grotesco*, o comico subjectivo ou a *ironia*, o comico conjunctamente objectivo e subjectivo ou *humorismo*.

O comico é uma especie de scepticismo na arte; só apparece no maior desenvolvimento da humanidade, quando ella tem a força da negação, e apresenta o *não natural* como *natural*. A *parodia* foi a primeira manifestação comica na antiguidade; descobriu-a Hyponax no mundo grego; Pigres parodiou os heroes de Homero nas rãs e nos ratos da *Batrachomyomachia*. A suprema elevação que attingiu a arte grega foi o pathetico. Ao sublime do pathetico eleva-se todo o que soffre. É a verdade da naturalidade; mas supplantar a

dôr e rir d'ella, eis o grande contraste do coração do homem, a inspiração da duvida e do desespero, traduzida na vida pela *ironia*. Só a arte moderna pôde determinar este sentimento; deu acção á satyra, ao jambo antigo, creôu o poema *heroi-comico*.

São poucos os poemas heroi-comicos. Como parodia da epopêa, representam a face ridicula das luctas mais sanguinolentas das nações. Na tragedia estupenda representida entre Carlos I e Cromwell, um poeta desconhecido afivella a mascara, e vem rir-se, *coram populo*, das contendas frivolas da theologia, que occupavam os animos. Samuel Butler dá vida ao *Cavalleiro de Hudibras*.

O poema heroi-comico funda-se no contraste. A Italia tambem tem um poema d'este genero, celebrando a rivalidade entre Bolonha e Modena, exacerbada pelo motivo ridiculo de um *balde* roubado. Dos feitos sangrentos soube Tassoni tirar o poema burlesco *Secchia Rapita*. O poema heroi-comico, como antithese da epopêa, tem a forma d'ella; a mesma acção dirigida para um lance inesperado, sendo inferior ao caracter com que o heroe se apresenta, tem o exito ridiculo que se procura.

Ha uma cathegoria secundaria, em que os poemas d'este genero são o desenvolvimento da satyra pessoal; têm, porém, o inconveniente de não serem entendidos fóra da sua época, e de perderem com o tempo a graça da allusão. É o que succede ao *Rap of the Lock* de Pope, e á *Benteida* de Alexandre de Lima. O *Roubo da Madeixa* é ainda hoje apreciado na Inglaterra, talvez pela tradição e respeito ao traductor de Homero; fóra de lá, só se admira um ou outro traço, como o episodio do gnómon que se mette entre a thesoura de lord Pedres para ser cortado em vez da trança sedu-

ctora de miss Femor. O exiguo merecimento da *Benteida* provém de se ignorarem hoje as intenções allusivas, em que o poeta procura fazer sensivel o ridiculo.

Ha, demais, uma aberração artistica, a que se tem dado o nome de poemas heroi-comicos, impossiveis, inverosimilhantes, fóra do natural. Fundam-se na imitição da *Guerra das rãs e dos ratos;* os personagens são as alimarias; a fórma é a da fabula esopica, extensa em demasia, soporífera, sem conceito, nem moralidade, supportavel só quando um genio, como o de Lope de Vega, desperdiça as suas faculdades inventivas, como na *Gatomachia* do Licenciado Burguillos; a *Gaticanea* de João Jorge de Carvalho, é uma semsaboria desalmada, pifia, sem gosto, nem pensamento. A *fabula* e o *apologo*, por isso que apresentam o não natural como natural, e o espirito não póde permanecer longo tempo em desharmonia, são breves; a moralidade final vem retemperar a alma, que fôra perturbada pela aberração do verosimil. Não ha classificação para esta especie de poemas.

O poema erotico funda-se no mesmo contraste do do sentimento; na Grecia a voluptuosidade era a ingenuidade, a candura da infancia. A poesia do christianismo, como religião da morte, influenciada pelo idealismo de Platão, despresa o culto da plastica; foi a expansão da alma trasbordando com o jubilo dos sentimentos novos. A voluptuosidade dos sentidos era um crime. Dante condemna a *eterno dolore* seu mestre Brunetto Latini. Por que assim faltaria ao respeito religioso de discipulo? É por que se attribuia ao author do *Tesoretto* um poema licencioso *Il Pataffio*. O episodio de Francesca di Rimini é a voluptuosidade tão pura como não chegou a idealisal-a a Grecia. A egreja, accendendo nos corações a labarêda do amor divi-

no, deixando-lhes o vacuo, a aspiração do impossivel, suscitou a *sensualidade mystica*, o noivado de Jesus, em que as virgens, por uma graça ineffavel, eram recebidas no thálamo aromatico do Esposo. O gérmen da sensualidade desenvolve-se e apparece no seculo XVIII, ameaçando a sociedade e a moral com o nome de *Quietismo*. As duas potencias da egreja, Bossuet e Fénelon, debatem-se em controversia sobre a exageração d'esse affecto divino, que justificava o peccado por matar o peccado, segundo a theoria de Molinos; que do justo nunca póde provir o mal, e outras maximas subtis, que deram aos directores espirituaes um fervor erotico, alentado pela morbidez languida da inercia beatifica dos mosteiros.

No seculo XVIII a poesia obscena não proveiu de um desvario do espirito; era inspirada pelo sarcasmo, para ridicularisar esta allucinação perigosa do amor divino. Entre nós, o Camões do Rocio dedilha na mesma corda; tudo o incitava á satyra no tempo de D. João V, reinado de pompa mentida, de uma piedade opulenta e hypocrita, de uma magnanimidade perdularia. Se o caracter de um rei influe sobre a litteratura de um povo, foi por certo o de D. João V. Mafra é um grande poema seiscentista, todo soprado de imagens gongoricas, guindado de hyperboles, sem sentimento, nem ideal. A lingua latina passa do cantochão dos conegos inuteis para a poesia gratulatoria. O padre Seraphim Pitarra canta o monarcha, ao ser inscripto entre os academicos da Arcadia de Roma. Os grandes in-folios da *Academia de Historia Portugueza*, as margens apparatosas, os emblemas allegoricos dos frontespicios, as letras garrafaes dos titulos, são um capitulo, o mais verdadeiro, da chronica do rei magnanimo.

Os poemas que celebram a indolencia e gravidade abbacial, as pequenas intrigas de sachristia, animadas e continuadas por uma especie de acinte rancoroso de eunucho, pertencem tambem ao seculo XVIII. Boileau legou á posteridade uma maravilha de arte e observação no *Lutrin;* é um poema inexcedivel; cada pagina é um thesouro. A sociedade deve bastante áquelle jóco feliz de inspiração. Eram frequentes as pendencias mesquinhas de que o poeta soube tirar tanto partido na disputa do logar que devia occupar no côro uma *Estante*. Entre nós, na Sé de Elvas, o Bispo e o Deão deixaram, por intrigas particulares, de dar e receber o bento *Hyssope* em dias de festa e pontifical. É d'esta questão futil, como quasi todas as da gerarchia ecclesiastica, que Antonio Diniz da Cruz e Silva tirou assumpto para o seu admiravel poema do *Hyssope*. O *Lutrin* e o poema de Diniz tem a identidade da origem; de um lado, está a originalidade da invenção; do outro, uma comprehenção perfeita de todos os ridiculos. O marquez de Pombal lia com gosto o *Hyssope*; o poema de Diniz era a sua idéa, o golpe que ia ferir mais longe. Pombal protegeu o poema da asphyxia da *censura*, para prevenir o futuro, que elle não podia dominar com o braço energico, mas que prescrutava com a lente em que descançava o sobrecenho. Os poemas heroi-comicos em Portugal, quer publicados, quer nos armarios das bibliothecas, ineditos, são de uma abundancia espantosa; destituidos de graça e espirito, são um triste documento do mau gosto e falta de senso esthetico que ha em quasi toda a nossa litteratura.

NOTAS EXPLICATIVAS DOS NOMES DOS PERSONAGENS A QUE ALLUDEM OS DOIS POEMAS O — HYSSOPE E GRAVES NADAS:

Nos *Manuscriptos* da Bibliotheca da Universidade encontrámos um *Hyssope*, admiravelmente trasladado, com interessantes notas sobre os personagens que entraram n'essa pendencia que tanto agitou a egreja de Elvas. É o manuscripto n.º 402. D'elle extrairemos tudo quanto sirva para intelligencia do poema de Diniz e da sua continuação:

> Na mesma Egreja d'Elvas e Cabido
> Ha um Bastos, um Sousa, dois Aporros.
> DINIZ, CANTO I — Pag. 11 (*)

Eram estes individuos, João Alberto de Bastos, Conego Prebendado da Sé de Elvas; Pedro Antonio de Sousa, Conego Vigario da mesma: e os dois irmãos do sobredito Conego, um Barulante e o outro Ceruferario.

> Com inveja
> Olha do illustre Almeida a feliz sorte,
> Que os pratos e a bebida lhe ministra.
> ID. — Pag. 16

José Antonio de Almeida e Silva era o creado particular de Dom Lourenço de Lencastre, Bispo de Elvas.

> Entre o Prior e os frades mil disputas
> Sobre o chá, sobre o jogo, e sobre os doces
> CANTO II — Pag. 23

Frei Antonio Furtado, Prior do convento de Sam Domingos de Elvas, de um caracter tal como o pinta o poeta.

(*) Citamos pela edição de 1808.

Chamem-me logo, logo o douto Andrade,
O Grão Penitenciario, o secco Marques.
CANTO III. — Pag. 31.

João d'Andrade da Fonseca, Conego doutoral da Sé d'Elvas, e na mesma Prior e Vigario geral; Antonio Luiz de Abreu, Conego Penitenciario; Lourenço Marques, Conego Prebendado, e excessivamente magro.

pedir manda
Ao rabula do Cêa alguns authores
Que os Canones sagrados commentaram.
CANTO III. — Pag. 35

Manoel Gomes Cêa Vidal, advogado nos auditorios da mesma cidade.

então o Ramilhete
Theologo chapado e canonista.
CANTO III. — Pag. 39

Francisco Rodrigues Ramilhete, Conego magistral dá Sé de Elvas.

Em vão o Thesoureiro, em vão o Chantre.
CANTO III. — Pag. 40

Antonio Mendes Sacheti, Thesoureiro-mór da Sé d'Elvas; Mathias Franco Barreto, Chantre da mesma.

Tens de Serpa o Auditor, que o velho Accursio
E Bartholo o famoso só despreza,
Porque idolatras foram e adoraram
A Jove, Marte e Juno etc.
CANTO IV. — Pag. 45

Gregorio José Pinto da Silva, é o nome do Audi-

tor, e o que se lhe imputa disse-o em presença do auctor das notas do ms. 402, em casa do General da Provincia.

O Cêa tens tambem, tens o Fernandes.
ID. — Pag. 45

Antonio Fernandes Freire, advogado. «Sem duvida que são alguns herejes!» Este verso de Diniz era uma resposta formal d'este advogado quando lhe alegavam algum author moderno. Os seus authores queridos eram o Panormitano, Valença, Belarmino, Anacleto: «Estes sim que são livros de mancheia, e não esses authores estrangeiros que com sua doutrina a Egreja empestam.» Estes tres versos são feitos por Diniz das palavras formaes do mesmo Fernandes, ouvindo falar em authores modernos. E diz o anotador, do manuscripto: «como se sómente em Portugal se soubesse direito, ou se Belarmino, Fagnano e Anacleto fossem Portuguezes!»

pelos ares
Faz vir o triste Luz, que a honra goza
De tocar mal rabeca na Sé d'Elvas.
CANTO V. — Pag. 77

José da Luz, Escrivão do Ecclesiastico no bispado d'Elvas, e musico rabequista da Sé.

O bom Gonsalves
Escrivão atrevido, e sem piedade
Que a si mesmo prendera se pudera.
CANTO V. — Pag. 79

Bernardo Gonsalves, escrivão do judicial em Elvas.

Tu, oh pobre Milheira, tu o dize
Que por zombar da fita do palmito,
Na respeitavel face do Roquete
CANTO VI. — Pag. 86

Manoel Mendes Milheira, Beneficiado da Sé, o qual, rindo-se na Procissão de Ramos da pequena fita que estava atada na sua palma, foi prezo; Frei Caetano Roquete, Carmelita, Reitor do Seminario de Elvas e Mestre de Cerimonias de Sua Excellencia.

Ao charlatão do Medico pequeno
CANTO VI. — Pag. 87

Francisco Xavier, medico em Elvas, de estatura pequena, andou toda a sua vida vestido de habito ecclesiastico.

O primeiro que entrou na grande sala
Foi o moço Sequeira
CANTO VII. — Pag 96

Vicente Ferreira de Sequeira, sargento-mór da comarca de Elvas, tenente do castello da mesma, filho de João Antonio do Sequeira, negociante ali estabelecido.

O Noventa-Cabellos, conhecido.
ID. — Pag. 97

Cypriano de Sá Coutinho, sargento-mór do primeiro Regimento de Infantaria d'Elvas.

Excepto o triste, o misero Tacanho
Que gerou por seu mal o velho Torres.
ID. — Pag. 97

Manoel Joaquim Ferreira de Bastos, filho de João Martins das Torres.

Como costuma o zote do Sardinha.

José Maria Urbano da Guarda, filho de Luiz Candido Xavier Sardinha, e Conego da Sé.

O Vellez, arimethico affamado

João Vellez de Lima, que foi mestre de Grammatica latina.

Bom juiz de Sermões e Pregadores,
Apesar do atrevido Casadinho,
Que por ser o Barbeiro do Prelado
Arrogar este cargo a si pertende
CANTO VII. — Pag. 98

O nome do barbeiro era Antonio José de Mello.

Entra o vaidoso e mulheril Perinha.

Alcunho de Jeronymo da Fonseca de Revoredo.

O Liote e o Berquilhos tão famosos.
CANTO VII. — Pag. 99

Manoel Liote de Mattos, capitão reformado do 1.º Regimento de Infanteria; José Henriques da Motta, Ajudante de Auxiliares.

Que é o grande Salgado, cujo nome — Pag. 99

José Caetano Salgado, medico de pouca monta, segundo o manuscripto alludido.

D'esta canina fome que o devora
De *Alarve* lhe ficou o gentil nome
CANTO VII — Pag. 101

Dom Luiz d'Aguilar Valadares, chamado vulgarmente em Elvas o *Dom Alarve*, porque desempenhava o nome perfeitamente.

Nem tu hasde deixar de ser lembrado
Em meus versos, Prior da Santa Egreja
Que Alcáçova ennobrece, etc.
CANTO VII. — Pag. 101

Frei João da Costa Aragão Freire, Conventual de Aviz, e Prior da Freguezia de Santa Maria d'Alcáçova.

O longévo potroso do Saldanha
CANTO VII. — Pag. 102

Manoel Pereira Saldanha, rico e miseravel, como resa o manuscripto que seguimos.

Tu tambem, grosso Silva, lustre e gloria
Da tua patria, antiga Torres Vedras
CANTO VII. — Pag. 102

José da Silva Machado, escripturario da Junta das Munições de bocca, e com fumaças de erudito.

e tu que falas
A lingua da Mourama, oh bom Gonsalo.
ID. — Pag. 103

Gonçalo Pires Gusmão, Ajudante reformado de Cavallaria, filho do Capitão de Aldeca, mas de linguagem rustica.

O grande Eugenio e o famoso Felix
CANTO VII. — Pag. 103

Eugenio Furtado da Silva, e Francisco Xavier Felix, musicos detestaveis da Sé d'Elvas.

Depois o Vidigal ligeiro toma
Uma bandurra
CANTO VII. — Pag. 104

Francisco Vidigal Negreiros, no tempo da composição do *Hyssope* era quaternario, e antigamente do partido da Sé.

do Arronches
Eximio Pregador, que leu inteiro
O livro dos *Conceitos Predicaveis*
CANTO VII. — Pag. 210

Frei Manoel de Arronches, frade Capucho da Provincia da Piedade, e Provincial na sua Religião; o Bispo Dom Lourenço de Lencastre tinha-o em alta conta.

Tu só, n'esta aventura, infeliz Nunes
Provaste a furia do pezado braço
CANTO VIII — Pag. 120

Antonio Nunes, companheiro inseparavel do Prior de Alcáçova nas suas devassidões, homem ocioso e em outro tempo official do Correio.

O poema em continuação do *Hyssope* foi provocado pelo fragmento do argumento que deixamos transcripto. Desculpe-se a velleidade de criança; só assim poderia explicar o entrar em competencia com Diniz. Em 1860 já os *Graves Nadas* estavam compostos e publicados alguns epizodios nos jornaes açorianos; em

1861 já o snr. Innocencio Francisco da Silva conhecia duas elaborações do mesmo poema. Em carta de 8 de setembro dizia este respeitavel escriptor: «Vindo ao nosso *Hyssope*, saberá o meu amigo que effectivamente se vae entrar na reimpressão d'este poema, *illustrado* com muitas gravuras, ao gosto do tempo, e acompanhado de um extensissimo commentario, ou de Notas historicas, criticas, philologicas etc, as quaes tenho já traçadas (e algumas escriptas) em numero de duzentas e tantas; aproveitando e corrigindo outrosim todos as que Verdier ajuntou ás suas edições de Paris, de 1817 e 1821. Já vê que a obra é talhada em ponto grande; algumas das notas equivalem a pequenas dissertações, e não fica, por assim dizer, palavra ou phrase sem a competente explicação. Emfim, cousa de genero novo entre nós. Hãode ir transcriptos os logares parallelos de varios poemas que Diniz imitou, e os de outros em que elle ha sido imitado; d'estes uns são já impressos, outros ainda ineditos. Se no seus *Graves Nadas* ha tambem, como creio, d'essas imitações, poderemos tambem introduzir d'elle alguns trechos nas taes notas e de caminho fal-o-hemos desde já conhecido do publico, com o que talvez se lhe desperte a vontade de o querer vêr todo impresso. Que lhe parece?

«O passo que me fez favor de communicar acho-o bem imaginado, e bem escripto. Está propriamente no genero.»

Em carta de 29 do mesmo mez, diz ainda o snr. Innocencio Francisco da Silva. «Se este episodio se conservar ainda tal qual, será inserto no commentario ao *Hyssope*, e servirá para illustração do verso do canto VII:

Apesar do atrevido Casadinho...

«Mas quem sabe, se lá chegarmos, quantas alterações e modificações terá o meu amigo introduzido nos seus cantos?» — O snr. Innocencio a este tempo já conhecia trez versões do poemeto composto em sequencia do *Hyssope*. A que hoje publicâmos é essa terceira, que ficou definitiva. O episodio a que se refere é o do Prior de Alcáçova.

INDICE

Pag.
Dedicatoria v
Advertencia da segunda edição VII

FOLHAS VERDES

1858 – 1859

Este livro 3
Invocação 7
Cantico á primavera 10
Amo 13
Ai 15
F. C. A. 16
Abraçal-a. 19
Enlevo. 21
Sonhavas 25
Aquelles dias. 27
Fada 28
Cantei-te 30
Talvez 33
No meu anniversario 36
Cri-te 40
Tenho fé 42
Hora de mysterio 44
Extasis de amor 46
És anjo. 47
Eu sonho ainda 48
Ai que amor não canta a lyra 49
O Alahude. 51
Eu amo. 53
A Harpa do Trovador 54
É triste a minha musa. 56
Olhos pretos 57
Hontem 59
Eu 61

Alta noite. 63
O Remador 65
Barcarola 69
Sereia 72
O Sanctuario. 74
Trindades 76
O meu berço da infancia 78
Fiat lux 80
O Natal 82
Rasgou-se o véo do templo 85
Sedet sola civitas 88
Ruinas do mosteiro. 90
Voz do poeta 92

GRAVES NADAS

Poema heroi-comico, seguencia do Hyssope

1860 – 1861

Argumento 95
Canto primeiro 97
Canto segundo 111
Canto terceiro 125
Canto quarto 139

O LOBO DA MADRAGOA

Farça lyrica

Acto unico. 151

NOTAS

Sobre o genero heroi-comico. 197
Notas explicativas dos nomes dos personagens a que alludem os dois poemas o — Hyssope e Graves Nadas . 202

FIM DO INDICE

JUISO

DA

IMPRENSA PORTUGUEZA E BRAZILEIRA

SOBRE AS OBRAS

DE

THEOPHILO BRAGA

PRIMEIRO PERIODO

1858—1861

Folhas Verdes — Infancia poetica — O Orphão, por Francisco Maria Supico — Extractos do bosquejo da poesia Michaelense — Approximação das duas epocas litterarias, por Camillo Castello Branco.

I

«Vae adiantada noute. Repousa a natureza, e descança o mundo do fadigar do dia. É silencio e mudez tudo..... Que luz é aquella, que, através de vidraça pobre, deixa perceber alem seu fulgor triste? E que frouxo rumor é esse, que se percebe trazido nos clarões da luz? Quem habita aquella morada?.....

Familia honesta se abriga ali. Aquella casa semelha um vasto tumulo, allumiado por lampada piedosa e de saudade. Vela apenas um joven para quem a vida principia a desabrochar. Porque véla? Espreita a hora que lhe seja propicia para alguma digressão furtiva? Será victima de alguma insomnia? Thesouros não os guarda elle, que a morada é pobre. Que é então, e que é que o preoccupa a horas tão adiantadas? Quem é?

É poeta e orphão. O que faz? Lamenta e canta.

II

Orphão! como chamar-lh'o, se o pae se resolve n'aquelle leito de descanso.

É verdade.

Sim, tem pae, mas falta-lhe outra criatura. Falta-lhe a alma unica que saberia prodigalisar-lhe aquellas caricias que tanto alentam a juventude. Não tem mãe... E quem, como elle, abriu os olhos á luz e não conheceu esse delegado dos anjos, póde e deve considerar-se orphão.

Quereis saber o que é o mundo para a criança que já não encontrou n'elle os labios que lhe imprimiram os primeiros beijos do amor, ás vezes do unico verdadeiro que se gosa na vida? É a mocidade e o desespero que atormenta o nauta em plagas desconhecidas, sem confiança no leme que já se lhe principiou a esmigalhar.

E a mãe é o leme da vida do homem. É ella que lhe forma o coração, e por consequencia a unica que o entende. Se outra mulher lhe dá o nome de filho, é mais uma expressão mentida que profere. Se lhe offerece um carinho é por dó; se lhe suavisa uma dor é por compaixão; se lhe adoça uma amargura é por conveniencia ou por caridade.

A mãe, a verdadeira mãe, essa vela para com o seu rumor não despertar a tranquillidade do filho. Sorri-se quando devia gemer, para não entristecer a alma de sua alma. Soffre resignada a mudez e a fome, para conservar agasalhado e farto aquelle para quem se não enfastiaria de olhar, ainda que cem mil olhos possuisse! Quem na juventude vestiu lucto por ella, se ganhou no céo mais uma protecção, faltaram-lhe na terra os sorrisos, os afagos, as consolações e os conselhos verdadeiros, singelos e do coração...

E o mancebo velando a horas mortas lamentava-se cantando. É que n'esse dia celebrava em segredo o anniversario de seu natal.

Se fôra viva a que o gerára, e ha trez lustros augmentara com elle o numero dos viventes... e talvez dos infelizes.....

III

A sina do Poeta é soffrer e cantar. Vivendo pelo espirito n'uma região mais proxima do céo do que da terra, olha para esta e para as suas amarguras, e sorri-se tristemente. E o mundo que não comprehande a alma de fogo ao inspirado, olha-o com desdem, e por toda a affronta chama-lhe — poeta. Pobre mundo que te não conhecerias a ti mesmo, se não fôra o genio d'esses semideoses, que escarneces no teu orgulho.

Mas o poeta, que soffre resignado as tuas affrontas despreza-as tambem, e não se prohibe de plantar marcos que lhe attestem a passagem na estrada da sua peregrinação. A esses padrões aonde deixa escripta a sua memoria chamam-lhe depois: *Iliada*, *Odysséa*, *Eneida*, *Divina Comedia*, *Luziadas*, *Jerusalem libertada*, *Orlando;* mas os horoes que legam ao mundo d'estes thesouros vivem em lucta constante com a miseria, soffrendo sarcasmos de qualquer estupido abastado, que na sua arrogancia de ignorante o salpica de lama, quando devia ajoelhar e reverencial-o na sua passagem.

Meu Deos, para que criaste o poeta assim!

. . . . . .

E o mancebo que avistámos alem velando a horas mortas, conduziu-o ao mundo o anjo da Poesia. Offertou-lhe uma lyra por todo o patrimonio. Conviva sem logar no banquete das materialidades, deixa ador-

mecer o mundo para pensar e sentir, e offerecer á alma respiração desaffrontada. Pobre poeta, que tão cedo principias a soffrer as torturas da tua sina:

« Poeta, que triste sina,
Fadado para sentir!
Dourada lyra lhe ensina
Cantar de amor e carpir. »

Criança ainda, é longa já a escriptura que a mão da desdita traçou no livro da sua historia. A' hora em que o encontrámos lamenta e canta. Canta, sim; e mal d'elle se não fôra a lyra, unica fada que o entende e o consola.

« A braços com a desgraça
Já trez lustros eu contei!
A vida se esvae e passa,
Quanto soffro não direi. »

Fizera hoje quinze annos! e nem um brinde, nem um beijo, nem uma d'essas caricias que só o amor materno sabe offertar, commemoram o dia em que lhe foram abertas as portas do mundo.

Acha-se na terra quasi só, e é só que elle quer dar largas ao coração. É uma endeixa da saudade, de veneração e amor com que celebra esse dia. Não tem outra riqueza.

Que resignação! soffre no mundo e não se queixa d'elle. » [1]

1 *Francisco Maria Supico*, a proposito da poesia *No meu anniversario*. Folhas Verdes, pag. 36, 2.ª edição. Publicado pela primeira vez no jornal religioso o *Templo*, na ilha de S. Miguel, em 1858.

«Promptas para correrem mundo estão as *Folhas Verdes;* os que ainda as acharem extemporaneas e continuarem a aconselhar-te o estudo, saibam que te não negas a elle; que anceias o saber como o naufrago a praia salvadora; mas saibam egualmente que a maior parte das vezes nem penna, nem tinta, nem papel tens para dares forma a esses pensamentos mais ou menos sazonados em cuja concepção gastas o tempo que poderias vadiar; e que qualquer dia, se quizeres comer, terás de ir ganhal-o n'algum armazem de mercearia vendendo arrateis de bacalhau.

«Este volume, se quizesses, podia ser muito augmentado. Se publicasses quantos ineditos te conheço, tinhas materia á farta para seis livros eguaes em tamanho e superiores em qualidade. Mas levaste em plano reunir aqui só o que escreveste em verso durante o anno passado, o teu primeiro de noviciado litterario, por isto aí ficam dispersos pelos periodicos muitas composições tuas que seriam aqui ridentes joias.

«Uma cousa me consola no meio da tua facundia litteraria: é a certeza de não ser a vaidade juvenil quem te incita nas tuas publicações. N'este livro, aonde se acham cantos que te hãode honrar sempre, ha outros que já te provocam fastio; mas deixaste-os passar, por que talvez presentisses que serão os mais queridos dos poucos leitores que poderá ter. É provavel que acertasses, porque a maior parte dos que lêem versos, detestam os que obrigam a lêr-se duas vezes para se entenderem e saborearem. Tôe-lhes bem a rima, em muitos casos metida a malho ferreo, que de conceito não cogitam elles.

«Estou certo que hasde fugir por emquanto de

quem te chamar Rossini, Canova ou Miguel Angelo. São estas as tuas primeiras notas, primeiras e infirmes escôpradas, ou os primeiros traços na tela das letras. Se taes primicios revelam alguma cousa, que o averiguem outros.» [2]

« Desde já o digo: a indole litteraria do snr. Theophilo Braga não alcanço idoneamente especifical-a, porque é novidade entre nós. A nossa escóla de poetas tem sido uniforme: os bem sorteados das musas, das fadas, dos amores inspirativos, da naturesa dadivosa, os poetas, emfim, por graça de Deos ou por graça do estudo da metrificação e dos bons modêlos, parece que todos saíram do mesmo cenaculo, cantando de si e das mulheres que amaram, colhendo rosas dos seus jardins orientaes, e juncando de pétalas a passagem dos caminheiros. Alegres ou tristes, repartiam o tempo entre a lyra de Anacreonte, e a harpa do rei penintente, revezando-se entre o peccado e o arrependimento, facto que, a meu vêr, nos habilita a piamente conjecturar que os nossos poetas fallecidos se salvaram pela contricção, e os poetas vivos, com raras excepções, podem contar com a bemaventurança.

O snr. Theophilo Braga fugiu d'esta pleiada de visionarios, e fugiu na edade em que todo o poeta se despenha, vestido e calçado, no orco das paixões. Aos quinze annos esteve elle debruçado no cairel do abysmo commum. O amor deu-lhe um osculo de fogo na fronte, accendeu-lhe o coração, e o poeta gemeu precocemente as suas dôres n'um livro de lyricas, intitulado

2 *Francisco M. Supico*, Introducção das Folhas Verdes, p. xix, da ed. de 1859.

Folhas Verdes. O novel cantor abre o seu livro com uma apostrophe ao anjo da poesia, ao qual pede as alegrias do coração:

Transpondo abysmos, lá por horas mortas,
Á voz d'esta alma que no mundo anceia;
Traz-me p'ra vida, mysterioso anjo,
A flôr tão meiga com que o amor se enleia.

«A flôr desabotôou cedo, e murchou-se logo. Poucos annos depois, o snr. Theophilo Braga já não deixa entrever a minima individualidade nos seus poemas. O amor, no seu espirito pueril, havia sido um parcissimo tributo á naturesa. Penou uma primavera; viu amarellecerem as suas grinaldas d'aquelle anno; chorou-as, e levantou-se de seu abatimento, quando o anjo da poesia lhe apontou mais remontados plainos onde librar-se com elle.

«Eu não admiro levemente as poesias do livro chamado *Folhas Verdes*. E' causa d'isto a edade do auctor então, e a minha edade agora. Avalio-as como sentimento e acho-as falsas: é isto, nem póde deixar de ser, defeito meu, perda da segunda vista com que estas coisas são digna e acertadamente examinadas e definidas. Avalio-as como linguagem, e acho-as desprimorosas. Examino-as como objecto de medida, e acho-as em divorcio com as pautas legisladas pelos mestres, aos quaes ninguem desobedece, sem ferir o ouvido do leitor. Estou com os revolucionarios da poesia moderna, emquanto elles gritam contra a dictadura de Aristoteles e Despreaux; mas, em mechanismo de metrificação, é necessario respeitar o proprio Candido Lusitano, de indegesta memoria. A melhor das poesias das *Folhas Verdes* não póde desdenhar estes reparos.

«Porém, que profundo e complicado lavor se operou no espirito do snr. Braga, ao correr de cinco annos!

«Que horisontes se lhe desdobraram! De que pontos culminantes da região ideal os olhos da aguia, esvoaçada do baixo terreno do lyrismo vulgar, aprofundou do alto a vista penetrante aos grandes cyclos da intelligencia humana, ás litteraturas esculpturaes, aos poetas heroicos, aos factos tytanicos da vida espiritual da humanidade! E' para assombro esta rapida adolescencia, esta validez de espirito, que veste de roupagens tangiveis todas as abstracções, incorpora todo o vago espiritual, ata com subtil engenho as correlações das cousas immateriaes, e tenta com sublime desvairamento abrir em marmore o que apenas se concebia ou mal deixava apprehender nas concepções puramente intellectivas.

« Quem anteviu nas *Folhas Verdes* o poeta da *Visão dos Tempos* e das *Tempestades Sonoras*? [3]

---

3 *Camillo Castello Branco*, Esboços de appreciações litterarias.

SEGUNDO PERIODO

1864

A Visão dos Tempos.—Direcção critica de Anthero do Quental, reproduzida na Revista Contemporanea — Castilho quer arrogar a si o privilegio de patrono litterario, causa de futuras dissenções—Impressões de Pinheiro Chagas — Juizo de Belfort Duarte e de Camillo Castello Branco.

Tempestades Sonoras — Juizos de Chagas, Leonel de Sampaio e Camillo Castello Branco.

«O auctor da *Visão dos Tempos* teve em vista appresentar-nos a historia da humanidade, resumida nas tendencias mais profundas do sentimento humano através das edades. — Se o conseguiu absolutamente não o diremos nós. Descer a todos os infernos, voar a todos os paraizos, que a alma do homem tem atravessado desde a hora primeira do seu genesis, não é trabalho de um livro, nem de um poeta. Victor Hugo não o chegou a fazer na sua *Legenda dos Seculos*.

«Mas que monta isso? O que a arte pedia aqui não era a totalidade dos periodos historicos, mas sim a verdade de um ou alguns d'elles. As edades que o poeta tocou com a sua vara magica erguem-se vivas no seu poema, e quaes foram, quaes deveram ser, verdadeiras, sentidas, levantam-se e apparecem brilhantes de

realidade, movendo-se no largo campo da arte. Estudar a antiguidade é facil; interpretal-a póde fazel-o a meditação; sentil-a só o olhar prophetico do poeta o logra. A Grecia, principalmente, mostra-se aí tão serena, tão pura, tão allumiada pelo céo azul da Arcadia, que nos achamos mais de uma vez duvidosos se é um homem do seculo XIX que escreve, se um antiquario que publica alguns cantos ineditos de Anacreonte ou Sapho, agora descobertos n'algum templo da Jonia ou do Pireu. Mas não: o poeta moderno vê-se ali, vê-se ali o artista, que estuda tanto, quanto sente, na arte infinita com que soube junctar n'um poema todos os elementos da vida da Grecia patriarchal. Os amores e os deoses, os sacrificios e as navegações, o prazer voluptuoso e os fados escuros, tudo ali se enlaça harmoniosamente em volta á mesma concepção, como nos templos de Attica pórticos, altares, estatuas, columnas, todas as formas se combinam n'uma só e unica ideia artistica.

« Podemos dizer d'este livro, que o peór que tem . . . . é o publico. » [4]

« Um dia o cantor da *Primavera* e do *Outono*, o paraphraseador de Ovidio, appareceu-me com um livro debaixo do braço, alegre da alegria sincera, que o grande poeta sempre sente ou quando se lhe depara um novo soldado, dessa cruzada humanitaria, que elle emprehendeu a favor da instrucção, cruzada humani-

4 *Anthero do Quental*, Correspondencia para o Seculo XIX transcripta na Revista Contemporanea, t. v, n. 1, p. 34.

taria, que elle emprehendeu a favor da instrucção, cruzada de que tem sido o Pedro Eremita e o Godofredo, o apostolo e o chefe, sem comtudo ter a dita de vêr, apezar dos seus incessantes esforços, nem de longe ainda, as portas desta nova Jerusalem; ou quando descobre um novo sacerdote da sua tão querida poesia, mas sacerdote, que seja digno do sacerdocio.

« Castilho acabava de descobrir a *Visão dos Tempos!* A descoberta fôra devida ao acaso, como todas as descobertas. Apanhára, no fundo de uma loja de livreiro, um exemplar selvagem, que, vendo-se isolado em terra extranha, e no meio de collegas desconhecidos, se conservava na sombra o mais escondidamente que podia.

« O pobre exemplar não tivera remedio se não deixar-se lêr, e afinal submettera-se resignadamente a deixar-se admirar. Com a frescura de enthusiasmo, que possue a alma eternamente juventil do cantor de *Echo e Narciso*, Castilho não interrompera a leitura, senão quando chegára ao ultimo verso.

« E apenas a acabou, veiu dizer-me, ufano e satisfeito:

« — Descobri um poeta: um poeta moço, que tem ainda as incorrecções inevitaveis n'um escriptor, que logo no primeiro vôo se abalança aos assumptos mais elevados, mas que tem não só um grande talento, mas um talento sério, aguia, que ao sair do ninho, tem ainda o vôo incerto, mas que já mostra ser a rainha dos ares.» Incorrigivel enthusiasta, a quem não curam as mordeduras com que lhe agradecem as caricias, os insultos que lhe cospem em troco de cada phrase indulgente! «— Leia a *Visão dos Tempos*, disse-me elle.» [1]

1 *Pinheiro Chagas*, folhetim da Gazeta de Portugal.

«O nosso paiz é fertil de talentos, e principalmente de talentos poeticos. O puro sol do nosso firmamento, se é para com o torrão do Portugal prodigo de fecundantes caricias, se a sua benefica influencia faz pullular amplas messes do seio da terra, tambem incendeia com egual carinho as nossas imaginações meridionaes, e concede com prodigalidade o fogo sagrado aos filhos d'este cantinho da Europa, tão seu predilecto.

«Será este valimento devido á devoção ardente, com que os nossos antepassados, que à natureza collocára junto do seu tumulo, foram em romaria guerreira procural-o, para o saudar, ás regiões onde elle tinha o roseo berço?

«Ha muito tempo, porém, que se não revelava um talento caracteristico, uma individualidade vigorosa, que desviando-se da senda por onde caminhava a compacta legião dos nossos poetas, seguindo escrupulosamente as pisadas dos mestres, abrisse uma vereda nova, e imprimisse o cunho da originalidade nas producções do seu genio. Eram valerosos os soldados d'esta cruzada, mas agrupavam-se em torno de pendões conhecidos, e arvorados pelas mãos gloriosas dos mestres da renascença litteraria. Combatiam com impeto, com valor, com successo, mas sem desfitar os olhos do estandarte que tremulava victorioso, e cujas pregas illuminava o deslumbrante esplendor do sol da gloria.

«Um joven poeta açoriano, cuja brilhantissima estreia eu tenho hoje o prazer de annunciar aos meus leitores, encetou a sua carreira com um arrojo que o seu admiravel talento justificava, e logo, no seu primeiro livro, mostrou as mais elevadas aspirações, aspirações de um genio que se não compraz nas sendas

já trilhadas, e que procura espaço, ainda não sulcado, onde possa desprender á vontade o seu vôo, que já se denuncia tão energico e vigoroso.

«O poeta chama-se Theophilo Braga, o livro intitula-se a *Visão dos Tempos*.

«A ideia que presidiu á concepção da *Visão dos Tempos* é uma ideia tão audaz, que é já grande gloria para o poeta tentar a sua realisação, ainda que a não podesse levar ao cabo. Isso era impossivel. Parece-me que não cabe nas forças de um poeta só.

«Reproduzir na tela de um poema as differentes scenas do quadro cambiante da historia da humanidade, mas reproduzil-as como observador e não como actor, descrevendo-as, e não fazendo-as reviver em si proprio, pintando a sua differente physionomia, e não caracterisando-se a si mesmo com as feições de cada uma das epocas, debruçando-se elle, poeta do seculo XIX, sobre o abysmo das edades, mostrando-nos quaes eram as paixões, os sentimentos d'esses phantasmas que tumultuavam, revolteando em turbilhão, no fundo do precipicio vertiginoso, e não pondo sobre o rosto, como successivas mascaras, os semblantes das figuras que nos mostra, tal foi a ideia, já immensamente arrojada, de Victor Hugo, quando traçou a epopêa colossal, a que deu o nome de *Lenda dos seculos*. Elle mesmo confessou, comtudo, que a obra ficára incompleta, e que esses dois admiraveis volumes não eram senão o peristylo do edificio que elle ha de findar um dia!

«Mas a ideia do sr. Theophilo Braga foi mil vezes mais ousada. Admittindo que a poesia tem tido tres phases principaes, a poesia *grega*, a poesia *hebraica*, e a poesia *christã*, o poeta açoriano quiz-nos fazer palpar cada uma d'estas tres grandiosas manifestações.

Quiz fazer vibrar successivamente as cordas da lyra de Anacreonte, as da harpa de Jeremias, e as do alaúde de Lamartine. Quiz sentar-se, coroado de rosas, no banquete pagão; quiz, escondido por traz dos hombros dos juizes trémulos de voluptuosidade, contemplar a lasciva attitude, as fórmas provocadoras, a esplendida formosura da impudica Phryne; quiz ouvir, debaixo dos pampanos de Chio, as sublimes canções do velho cantor da *Iliada*: quiz provar o leite e o mel da hospitalidade antiga, e esquecido da actualidade, entoar tambem um canto em louvor dos deoses do Olympo. E logo depois, apenas tivesse vibrado a ultima nota do hymno mythologico, quiz revestir a tunica do propheta, empunhar a harpa das tristezas, debruçar-se sobre os rios da Babylonia, ou sentar-se, ao lado do Evangelista, no rochedo escalvado de Pathmos. E, sem repousar na sua peregrinação poetica, quiz percorrer triste e solitario as ruinas dos mosteiros, aspirar a sublime melancholia do claustro abandonado; quiz evocar na imaginação as sombras dos ascetas, conhecer o mysterio dos seus extasis, a poesia das suas vigilias, e perguntar á brisa que geme na solidão dos corredores lageados, o segredo das visões de Savonarola e dos arrôbamentos de Theresa de Jesus! Quiz ser um, e ser trez. Quiz ser o lascivo cantor da Grecia, o austero propheta hebraico, o meigo poeta christão! Ideia mais arrojada não ha de certo, talento mais talhado para a realisar seria difficil encontral-o entre nós.

«Está claro que o não conseguiu completamente, mas conseguiu-o em parte, e, dizendo isto, faço o elogio do poeta. Na *Bacchante* principalmente, a primeira das tres partes de que o livro consta, foi felicissimo o sr. Theophilo Braga. É perfeitamente um poeta grego,

e será difficil impregnar-se melhor do tom d'aquella litteratura, conhecel-a tanto a fundo, e possuir-se tão perfeitamente do assumpto que tratou.

«Ampíhnomo, o gentil cantor, que, nas meigas horas da noite, desferia na prôa da nave grega as doces canções, cuja melodia tinha por suave acompanhamento o marulhar das leves ondasinhas azues do mar Egeu, é um typo perfeitamente hellenico, é uma d'aquellas graciosas physionomias de adolescente, de formosas e correctas feições, de longos cabellos ondeados, que tantas vezes nos apparecem nas pequeninas Odes de Anacreonte. Euryalo, o antiste, é uma nobre figura do ancião d'aquellas eras, tendo não sei que longes de similhança com a veneravel figura do pae da Cymodocéa dos *Martyres*, tão perfeitamente traçada pelo immortal Chateaubriand.

«Em todo aquelle delicioso poemeto respira-se o ar puro da graciosa Héllade, da Héllade gentil, que o poeta evoca no principio com um enthusiasmo que bem prova que as predilecções do escriptor pertencem todas a essa terra bem fadada, a essa deosa tão formosa que surge, como elle proprio o diz, risonha e deslumbrante

Do azul da vaga ionia.

«Os episodios accumulam-se na *Bacchante*, e Theophilo Braga, tratando assumptos conhecidos, não teme competir com os maiores mestres da antiguidade. Assumptos mythologicos, que nas *Metamorphoses* de Ovidio estão tratados com a proficiencia, com a delicadeza, com o gosto do cantor sulmomense, trata-os de novo Theophilo Braga com o arrojo, a que não succede a quéda vergonhosa que se devéra esperar. O episodio de Sêmele, por exemplo, lê-se com gosto na *Bacchante*,

mesmo depois de se admirarem os inimitaveis versos que Ovidio consagra a este assumpto.

«As outras duas partes da *Visão dos Tempos*, denomina-se uma *Harpa de Israel*, a outra *Rosa mystica*. O poeta não desmaia de certo n'estas ultimas paginas do seu livro, mas o ousado emprehendedor de uma tarefa sobre-humana vê-se obrigado a arrojar a carga de cima dos seus hombros, e a confessar-se finalmente vencido. A *Harpa de Israel*, tem assumptos biblicos, mas assumptos biblicos tratados por um poeta moderno. Antes assim, porque o lyrismo das poesias que a compõem, lucrou muito com a liberdade de movimentos do poeta, e de certo, se Theophilo Braga se restringisse á imitação dos modelos hebraicos, não encontraria o segredo da delicadissima ideia da poesia, a que deu o titulo de *Stella Matutina*. Na poesia *Ave Stella*, escripta no estylo imaginoso do *Apocalypse*, sente-se, comtudo, o sôpro da inspiração moderna, e são ideias de um poeta da actualidade as que se envolvem no manto riquissimo da phantasia hebraica.

«Já vêem, pois, os meus leitores que Theophilo Braga é um vulto muito notavel, destinado a occupar um logar eminente entre os nossos escriptores, e, o que é talvez melhor ainda, um logar á parte. Hade-lhe comtudo custar a conquistar a popularidade, porque, como muito bem disse um escriptor que no *Seculo XIX*, jornal de Penafiel, analysou a *Visão dos Tempos*, falta-lhe publico. Portugal não é grande bastante para que cada poeta tenha um publico especial. É necessario agradar a um só, cujo gosto e instrucção não estão incontestavelmente á altura do genio de Theophilo Braga. Se a litteratura portugueza occupasse um logar determinado e fixo na litteratura europêa, se as locubrações dos nossos genios podessem ser apre-

ciadas pelos estrangeiros, Theophilo Braga seria de certo, em o seu talento se aperfeiçoando mais, um dos que chamariam a attenção do publico illustrado da Europa.

«Infelizmente as reputações portuguezas nascem e morrem n'este cantinho do occidente, e em quanto os mais insignificantes escriptores francezes fazem o giro do mundo, as obras de Garrett, de Castilho, e de Alexandre Herculano, nem são conhecidas fóra da sua patria!» [6]

«O ideal do canto resume-se em tres nomes: Lamartine, Milton e Byron.

«Lamartine quer dizer o sentimento: o amor palpita-lhe nas azas da strophe, e a idéa purificada scintilla deslumbrante, como a gôtta emperolada do orvalho a illuminar a esmeralda das folhas.

«Milton é o cantor da religião: a musa do christianismo derramou-lhe no coração os santos aljofares de sua aurora de purpura e o poeta do *Paraiso*, similhante áquelle monge da legenda hespanhola, ia ao céo implorar das estrellas os sonhos com que devia embriagar os homens.

«Byron, o cantor do desespero, o filho da duvida, ergueu-se na magestade tetrica de seu scepticismo assombroso e atira ao mundo as paginas tempestuosas d'uma alma que pedia ao mar, á terra e á nuvem a luz dos seus destinos.

«Em Lamartine o verso é limpido e suave como a sombra meiga de *Graziella:* dir-se-hia um filete de crystal a serpear e a sumir-se entre as verduras d'uma relva avelludada.

6 *Pinheiro Chagas*, Ensaios criticos.

« Em Milton o canto é grave como Deos, e a harmonia é a das estrellas a balouçarem-se nas redes ethereas: parece que o sol se vae erguer alegre de seu leito d'ouro, e que as flôres, docemente acariciadas já pelos raios, entreabrem a furto as pétalas, como se descerram os labios timidos da donzella.

« Quem já viu a catadupa que se despenha da cima dentada dos alcantis, ou as nuvens prenhes a enredarem-se ennoveladas na fronte dos céos, póde imaginar a strophe fervida do poeta de *Child-Harold*, onde a expressão confunde e assoberba o espirito, como se fôra um camartello que esmaga, uma onda que engole, ou um Vesuvio que anniquila.

« A musa de Theophilo Braga reune á ardentia de Byron, a suavidade de Lamartine e o mysticismo angelico de Milton.

« Determinar as evoluções mais caracteristicas da poesia, para estudal-a tambem pela sua face ideal — tal é, diz elle, o pensamento da *Visão dos Tempos*.

« A poesia é de todos os tempos, e em que pese á phrase fatidica de Pelletan, nem mesmo a rima passará de moda, porque é ella a corda mais poderosa da harmonia; como todas as artes, porém, sugeita-se a lyra á lei progressiva que avassalla o mundo.

« Em as suas variadas manifestações a poesia incrustou-se na fórma núa e palpitante da voluptuosidade; na infinita, omnipotente e increada perfeição invisivel, e finalmente acordou expandindo de suas azas o pollen fecundo da immortalidade, do amor e da esperança.

« É assim que Theophilo Braga se propoz a cantar no seu poema da *Bacchante* — a antiguidade de Homero; na *Stella Matutina* — a musa de Israel, e na *Rosa Mystica* — os suaves extasis do christianismo.

«A poesia grega teve por ideal o *visivel:* a belleza palpitante em a magestade de sua nudez primitiva: a estatua saía das mãos creadoras do artista em todo o explendor das fórmas luxuriantes, com que a natureza enriqueceu o poema do palpavel.

«Melhor do que ninguem, os gregos comprehenderam que só pelas pómas rubras se equilibravam as nayades á orla das aguas, e a mulher ostentava-se em seus altares, com todas as galas de belleza nativa, deslumbrando e attrahindo os sentidos que se enleavam no dédalo d'uma sensualidade grosseira.

«Quizera eu transcrever aqui todo inteiro o poema da *Bacchante*: não n'o posso, contento-me, porém, em copiar um dos mais lindos trechos, para que o leitor se possa louvar nos elogios que ora escreve o mais obscuro admirador do genio de Theophilo Braga.

. . . . . .

O BANHO

O cysne, que deslisa n'agua pura
Do crystallino Eurotas, não vencera
Na graça e candidez Clytia, ali nua
Banhando-se risonha. Era a nascente
Tão limpida! e os languidos salgueiros
Davam á urna recatada sombra!
Doida, doida a brincar, vendo-se n'agua
Namorando suas fórmas delicadas
Que delirio de amor não inspirava!
As solitarias aves gorgeando,
As brisas segredando na folhagem,
E o sol por entre as nuvens do occidente
Vinham tornar esta hora tão propicia...
Clytia alegre, disperso os cabellos,
Lascivo o olhar, mimosa Galathêa,
Mais timida talvez que a loira nayade,
A doudejar na trepida corrente,
Mais occulta que a ondina do nevoeiro,

Não cuidava que a visse olhar travesso.
Viu-a o amante assim! morto d'amores
Passou-lhe pela mente a voz do oraculo;
Inquieto foge.
A deosa de Cythera
Da alva espuma do mar não sae tão linda
Como a virgem do banho: os peitos brancos
Como as neves dos pincaros do Athos,
A coxa tremula, o macio pello,
E a pyra de crystal onde arde a chamma
Que incendeia sem vêr-se . . a filha d'Hélade
Era um poema d'amor! Na selva muda
Ouviu-se um canto lubrico e sentido:
A virgem toma o arco, a aljava as settas,
Veloz parte, detem-se, escuta!
Um riso
Adejou-lhe nos labios purpurinos,
E ao conhecer a voz doce e maviosa,
Corre aos braçós do amante!
Elle cantava

Estava distrahida
No banho, á tarde, respirando aromas,
Ah, vi-te! hora de vida,
Eu vi-te; n'esse instante
Pareciam suster-te n'agua as pómas
O corpo fluctuante.

Eu, d'entre o arvoredo, quasi occulto,
Temia que o desejo me trahisse,
Pois tu, cysne do lago,
Mostravas na doudice
De namorar as fórmas de teu vulto,
Anhelo ardente e vago!
E vi-te!... n'esse instante
Pareciam suster-te n'agua as pómas
O corpo fluctuante.

Como eras linda! as cómas
Caindo em anneis, soltas,
Ondeavam-te nos hombros;
Ás quedas e ás voltas!
Mais bellas n'esse instante,
Pareciam suster-te n'agua as pómas

O corpo fluctuante.
Irmãs gemeas da graça
Unidas n'um amplexo,
Casal de pombas mansas,
Thronos d'amor e da volupia a taça,
Tremendo, qual nas danças
Se corres delirante,
Suscitavam desejos que não dómas!
E ainda n'esse instante
Pareciam suster-te n'agua as pómas
O corpo fluctuante.

« Que nitidez de inspiração! que ardencia de phrases! Que infinito de prazeres nos não acorda no espirito essa palavra arrebatada desfallecida e sensual, que se abre a todos os encantos, como sorri aos toques avelludados do orvalho o calix a meio cerrado das flores.

« A poesia hebraica, é, como mui elegantemente escreve o auctor da *Visão dos Tempos*, a potencia que fala e tudo se faz; manda e tudo se cria; que está no céo, no inferno e nos mares.

« Os pintores gregos escondiam nas dobras do manto as contracções hirtas do desespero e da dôr, para que a mais leve sombra não viesse desharmonisar a correcção da forma: a arte grega, ainda no berço, não sabia abstraír.

« A poesia hebraica, é o auctor quem fala, retratava a divindade na sua unidade abstracta e na sua altivez genetica, luctando com a difficuldade de determinar na fórma o absoluto.

« A *Harpa de Israel* é modelada por esse typo symbolico, nada deixando a desejar quanto á correcção do metro e á realisação das ideias.

« Influenciada pelo christianismo, continúa o poeta, a arte conseguiu determinar o absoluto pelo sentimen-

to; espiritualisou a poesia, elevando-a da apotheose da plastica á contemplação esthetica do bello. Deu vida á estatuaria, tirando a immobilidade olympica, como a Grecia a concebêra; deu luz á pintura, sua filha predilecta, e para exprimir os sentimentos novos, que a lyra, o pincel e o escôpro não sabiam revelar, idealisou a musica.

«Tal foi o pensamento do poeta na *Rosa Mystica* e ninguem comprehendeu e traduziu ainda em mais harmonioso lyrismo a essencialidade singela e meiga da musa christã.

«O sepulchro illuminou-se com a aureola radiosa da immortalidade, e cada homem resignou-se a abandonar o fardo das suas chimeras ephemeras ante os porticos eburneos da eterna vida.

«O cantico christão de Theophilo Braga resôa-nos ao ouvido repassado dos sonhos e da embríaguez moral de uma alma que paira no imperio das harmonias; e a strophe tranquilla e funda, como que nos segreda o poema dos anjos.

«O que, porém, mais seduz em o livro que me suscitou estas espontaneas admirações, é a simplicidade das imagens e da phrase, á esse fugir de todos os desvios e de todas as obscuridades, tão communs em a generalidade dos mestres da poesia.

«Ainda mais: como nos arrebata em toda a obra a variedade dos matizes, o cambiante das harmonias que, ora illuminam-se e depuram-se como notas de crystal, ora esperguiçam-se indolentes, como a deosa dos serralhos erguendo a custo as nuvens que lhe velam os thesouros esplendidos da belleza, para arrojar-se de um salto na agoa mole e perfumada! E tudo a confundir-se nos sons aéreos, indefinidos e vagos de uma orchestra de suspiros, onde o ouvido attento pa-

rece escutar os anjos a saudarem as estrellas e as estrellas a perderem-se mysteriosamente no espaço immenso de suas eternas divagações. » [7]

« A *Bacchante* é a feição esplendida da poesia hellenica. O snr. Braga havia dito no prefacio: « A voluptuosidade na poesia antiga é a verdade; é o retrato da natureza virgem a mostrar-se núa em sua candura. A arte, por assim dizer, criança, balbuciando apenas, não sabia abstrahir. Canta o que vê e admira, o palpavel, o real... Na Grecia a belleza do corpo é o caracter principal do heroe... A sensualidade caracterisa a poesia grega; o ideal é o *visivel*... »

« A demonstração é a *Bacchante*. Corre emburilhada a urdidura do poema; no entanto, os versos rescendem perfumes; requebram-se, apaixonam-se, e suspiram em amorosa vertigem. Os personagens parecem desenhados das phantasmagorias orphicas, e dos heroes do cego de Smyrna, quando os cinge a magestosa auréola dos patriarchas. Conversam de guerras e naufragios no tom clamoroso e retumbante das rhapsodias. Os doidos do amor e da volupia sorriem graças e deleites das mais lubricas lyras de Coryntho. Os epithetos repetem-se como nos poemas gregos. Não obstante, a placida maviosidade do canto é permeiada de borrascas pavorosas. Ha pouco, o nauta Ctésios, arpejando na onda azulada com os remos, suspirava assim :

Já lancei ferro em Coryntho;
Terra assim de gregas bellas
Nunca vi!

7 *Belfort Duarte*, Correio Paulistano de 1864.

Por matronas e donzellas
D'amor por todas, não minto,
Me perdi!

Mas quando arribei á Athenas,
Doido amor! que dura guerra
Soffri eu?
Oh! que saudades da terra,
Ao lembrar-me das pequenas
Do Pireu!

. . . . . .

«Docemente se levava nas azas da briza o marinheiro cantando das pequenas do Pireu, quando,

. . . . . pouco a pouco
Nimbo caliginoso a praia esconde,
Repentino pampeiro estoira, o dia
Foge, e com elle a ultima esperança;
Turbulento stridor nas surdas grutas
Rebôa lá por dentro, e nas restingas
Dos occultos parceis rebrama a vaga:
Ecco soturno do trovão medonho
Pelo espaço rimbomba e tudo atrôa;
O torvellino rúe. Alta celeuma
Se eleva ás harmonias da procella,
Sossobra quasi a Nau. Saltam de chofre
Emmaranhados ventos; rôta a véla,
Sem rumo, e já partido o leme fragil,
Affrontando a borrasca e o céo escuro,
A que almejado porto a sorte os leva!

«O poeta airosamente se transfere das varzeas floridas dos amores aos abysmos convulsivos d'uma tormenta. É d'altos engenhos a passagem do dulcissimo ao asperrimo, sem deslisar do agrado do leitor que não tem no espirito, como quem escreve, imagens unitivas das transições. No poema do snr. T. Braga, os versos ora gemem, ora estrepitam. Encadeam-se as diversas

peças, alternadas de musicas suavissimas, e estrondos sobre-excitados pelas paixões algum tanto ferozes, como é de crêr que fossem os amores sensitivos d'aquelles animalaços do mundo velho.

«Na contextura da *Bacchante* a critica não tem direito a assignalar inverosimilhanças. Ninguem se dá á ingloria, senão estolida, canceira de malsinar os desconcertos de Macpherson e Hoffmann, nem ainda o maravilhoso das epopeas que mais de perto se acostam á historia e á tradição. O snr. Theophilo Braga inventou; dos usos gregos aproveitou as decorações para scena; foi a poesia mythologica, sem duvida, que lh'as deu. A Grecia não era assim decerto; mas ao poeta não corria obrigação de ser menos fallacioso que os seus antepassados. N'este genero resurgido de poesia, renovam-se as liberdades antigas; e o talento de escriptores do tomo do snr. T. Braga fará que as liberdades não disparem em licenças.

«Denomina-se *Stella Matutina* o segundo poema d'esta primeira serie da *Visão dos Tempos*. Altea-se das bacchanaes o pensamento do poeta á creação do mundo, á primeira mulher, ao primeiro lapso, á primeira lagrima. É uma donosa e encantadora phantasia. A lagrima fala com Jehovah em termos tão amoigadores que, por isso, fica, radiante estrella, engastada no empyreo. Quem, tendo céos á sua disposição, os não daria a uma lagrima que falava assim:

Eu sou como o aljofre
Vim d'um profundo mar!
A angustia de quem soffre
Ao céo me fez voar.

Eu sou a gôta d'agua
Do cálice da flôr;
Caí! para tal magua
Venho pedir amor.

Eu sou a nivea opala
Que o sol já derreteu;
Venho servir de fala
Á dôr que emmudeceu.

Eu sou a estrella errante,
Perdida na amplidão!
Subi, vim tão distante,
Senhor, perdi perdão.

Eu sou a filha de Eva
Gerada em outro amor!
Caíndo, a dôr me eleva...
Senhor, Senhor, Senhor!

«O fragmento é brilhante: não carecia de decorar-se com o epitheto, algum tanto phantastico, de *poesia biblica*, para estremar-se entre as mais lustrosas paginas do livro. Sem desaire do alto quilate da *Stella Matutina*, pede reparo o caso ingente da creação, depois da *Bacchante*. Na ordem dos tempos, a visão do poeta é nimiamente retrógrada. Interpõem-se milhares de annos, milhares de successos. A intenção do titulo, que parece emparelhar com o das *Legendas dos seculos* de V. Hugo, quebranta-se virtualmente, e desluz-se no animo do leitor methodico; isto, porém, de leitores methodicos, a meu juizo, não apontam a sua superciliosa censura a poemas; o que fazem é saborear-lhes a bella desordem, os caprichos seductores, a gallanice das fórmas. Ora, o snr. Braga entraja gentilmente as suas visualidades; loira os cabellos ás cabeças encanecidas das gerações olvidadas; desenruga os vincos do tempo; alisa as epidermes encorreadas, e remoça quantas velharias nos enfadam offerecidas por poetas gregos e romanos. O que o insigne poeta não vingou foi dar-nos a creação do mundo, e a primeira mulher, e a primeira culpa, e a primeira lagrima, com mais uncção e dôr que Moysés.

«*Ave Stella* é outro poemeto, denominado *apocalyptico*. A mesma pompa de peregrinas fórmas, versos admiraveis, raptos esplendidos. Mas que historia do evangelista S. João nos conta o imaginoso moço? Á hora em que o discipulo amado louvava o seu mestre e Deos, pelo fervente amor e fé com que os seus eleitos se deixavam crucificar, — e quando a sua doutrinação divina medrava no mundo regada com aquelle sangue co-redemptor — o poeta figura-nos o filho adoptivo de Maria guiado por um anjo, que o admoesta por este theor:

Porque na dôr mortal te precipitas?
Porque foges da vida e a insultas?
Porque apagas a luz que tanto fitas?

Porque é que no festim do mundo, a occultas,
Fôste tocar só do veneno a taça,
E a tua consciencia não consultas?

«Este anjo é que insultava immerecidamente o velho desterrado em Pathmos! Nas visões do evangelista, em que relanço transluziu ao snr. Braga o desalento impio, o horror e insulto á vida; o empeçonharse o santo ancião nos venenos dos festins mundanaes, e o afogar elle em si os dictames da consciencia?

«Quer-nos parecer que a poesia ultrapassa propriamente as raias, que lhe demarcou o lyrico pagão, quando desfaz a historia em legendas, e refaz em mythos de não admiravel engenho os traços sagrados dos annaes piedosos de uma religião.» [8]

« Que esplendida, que opulenta primavera não é a d'este poeta! que delirio de seiva não ferve dentro d'aquella arvore de benção, que se desata a um tempo em fructo e em flôr, fructo de carnuda polpa, flôr de colorida pétala! que exuberancia de vida, e de imaginação, e de erudição! que desabrolhar de poesia! que esplendor de aurora!

« Como n'aquellas magnificas florestas da America do Sul, em que regurgita a seiva fecundada pelo sol, trasbordando e brotando em ramaria intrincada, em vergonteas que se entrelaçam n'uma verdadeira loucura de vegetação, assim no espirito juvenil do senhor Theophilo Braga se atropella uma grande cópia de idéas adquiridas, que, fecundadas pelo sol da imaginação do poeta, dão em resultado esses livros admiraveis, taes como a *Visão dos Tempos*, e as *Tempestades Sonoras*, em que o poeta, arrastado por esse feliz defeito da opulencia — a prodigalidade, arroja a flux pérolas e pérolas, que poderiam e deveriam formar talvez corôas mais artisticamente entrançadas.

« Ali ha um vulcão de poesia em constante actividade; irrompem a cada passo d'aquelle espirito torrentes de lava, que elle não poderia reprezar talvez, ainda que o quizesse. Possue-se d'elle não sei que louco frenesi de inspiração, os dedos correm impacientes todas as cordas da lyra da humanidade; hoje é poeta grego, ámanhã biblico, depois christão, no outro dia romano, e a final indiatico. Novo doutor Fausto, viaja pelo mundo no manto de Mephistopheles. Theophilo Braga escreve para si, não escreve para o publico; tanto melhor para o publico se o ouve em certos assumptos, tanto peior se ouve n'outros.

«Theophilo Braga tem um não sei que de sybilla; fala emquanto a inspiração o tem prezo nas suas garras de fogo, cala-se quando a inspiração affrouxa. Isso vê-se principalmente nos seus artigos em prosa. Todos elles são antes fragmentos do que verdadeiramente artigos. Theophilo Braga está pensando, de repente e, por acaso, pensa em voz alta. Esse trecho, que elle pensou em voz alta, é o artigo que apparece continuado depois no seu espirito. D'essa continuação não tem conhecimento o publico. Isto em prosa é de certo um defeito, em verso desculpa-se mais. O vago, dentro de certos limites, não faz mal á poesia, como que a involve n'um mysterio augusto.

«No novo livro que publicou, e que se intitula *Tempestades Sonoras*, segunda parte da *Visão dos Tempos*, encontra-se já um pouco mais o artista. *As Ceias de Nero* formam, mesmo consideradas debaixo d'esse ponto de vista, um bellissimo poema.

«*As Ceias de Nero!* Aí temos nós a pérola do livro. Que profusão de lyrismo! Como o poeta se compenetrou bem do espirito da epoca! como estudou Petronio, o cortezão devasso e satyrico, esse elegante Rabelais de uma epoca, em que o ridiculo é côr de sangue, e em que o látego, que o fustiga, toma por isso não sei que lugubre reflexo!

Parece-me que o snr. Theophilo Braga de nenhum genero de poesia se impregnou tão bem como da poesia grega. Já a *Bacchante* o demonstrára! Veiu confirmal-o o poemeto das *Ceias de Nero!* A poesia romana não é senão um reflexo da poesia grega, e Petronio, ao rasgar as veias, entôa um verdadeiro cantico d'Anacreonte.

«*As Ceias de Nero!* que admiravel, e que bem aproveitado assumpto! Que soberbo contraste o dos dois

festins, o festim eucharistico do Agape christão, o fesdissoluto do palacio dos Cesares!

Sim é esse, devia de ser esse um dos banquetes, que inspiraram a Petronio o sublime e pungente quadro do *Festim de Trimalcião.* Devia de ser essa a agonia de Roma. Entre o vinho espumoso, as mulheres palidas de lascivia, as rosas desfolhadas, os manjares requintados, sente Nero o cançasso, a fadiga! Imperador! o mundo todo o sente! o mundo pagão, adorador de um culto, que perdeu já a mystica poesia do primitivo symbolismo, e que passou a ser apenas a glorificação dos deleitos materiaes, recosta-se junto dos altares dos seus deoses, sente na alma um vazio horrendo; a lingua que lhe serviu outr'ora para traduzir, imperfeitamente sim, a aspiração do seu espirito para Deos, perdeu toda a significação. O vago reflexo de ideal que lhe doirava as crenças, sumiu-se, e os idolos vãos, a que sacrifica, prégam todos, com o exemplo, a satisfação infrene dos appettites materiaes. Mas a natureza humana protesta, de vez em quando, contra a bestialisação forçada a que a querem reduzir, uns procuram, como tu, inventar novos prazeres, novas orgias, cujos clamores abafem a voz do coração. Outros prestam o ouvido aos sectarios da nova crença, e vão augmentar as fileiras d'aquelles, que dão á humanidade os thesouros do seu espirito, e que entregam com indifferença ás feras esse corpo vil, que tu, imperador, adoras em ti, e que n'elles não é mais do que o ninho ephemero em terra estrangeira da alma, essa andorinha que espera anciosa a primavera do céo.

«Nero, imagem e flagello da Roma pagã, recosta-se cheio de tedio á mesa do banquete. Nada mais póde inventar para erguer esse pezo enorme de aborrecimento que o esmaga! Nada mais? engano-me. Uns

frouxos clarões começam a allumiar a um tempo os quatro cantos da cidade, depois vão estendendo a pouco e pouco os seus braços de fogo, afinal, soltando um rugido, apertam a si os edificios ingentes da Cidade eterna, e envolvom o Forum n'um manto de chammas. E Nero, que vê sorrindo-se, o marmore das torres e das estatuas tingir-se de reflexos escarlates, brada: «Faço-te do novo rainha, ó Roma. Eis a tua purpura.»

«Sigâmos n'este ponto a magnifica descripção do snr. Theophilo Braga:

Pelas sombras
De procellosa noute luz brilhante
A vista absorta céga. As labaredas
Já, famintas no ar rubras, fluctuam;
Era o incendio de Roma! A chamma indomíta
Lambe por toda a parte, o estrago vôa,
Baqueam altas fabricas, por terra
Ruem torres enormes. O alarido
Da consternada plebe se mistura
Ao crepitar do fogo que a circunda!
As chammas vão do Cœlio ao Palatino,
Como farpadas linguas de serpentes.
A flamma brilha d'entre o espesso fumo,
E coruscante lavra, e se derrama
Madeixa loira e solta sobre o corpo
Da Meretriz das gentes. Brada insano
No ergastulo profundo o escravo, as grades
Vergam-lhe sob os dedos na ancia extrema!
No tumulo se esmagam, se atropellam!
Os monumentos inclytos desabam,
Cobrindo a multidão que tripudia.

«N'este poemento ha uma vehemencia de lyrismo, um tão prefeito tom da era, que nos espanta. Desde o aposento de Celia até á arena do Circo, Theophilo Braga nem um instante só sente affrouxar-lhe a imaginação.

« Não desmentiria talvez Ovidio a descripção do aposento da dama romana, e da sua voluptuosa *toilette.* Intercalaria ufano Chateaubriand nos seus *Martyres* o canto, que se intitula as *Horas do Ágape*, e Eudoro não desdenharia contar a Cymodocéa, depois dos seus combates contra os armoricanos, os combates do heróe de Theophilo Braga contra os lusitanos do monte Herminio. É esse effectivamente um dos mais bellos episodios do poemeto:

Ao outro dia, á luz do sol que nasce,
Caindo a jorros do alcantil dos montes,
Achei por terra as legiões romanas
Sobre as cruentas fragas. No destroço
Fiquei tambem, perdido, extenuado.
Senti a raiva, o opprobrio da ruina!
Ao vir da noite negra, a todo o custo
Ergui-me ás roucas vozes dos abutres
Pairando sobre as cryptas escalvadas
Dos fraguedos do Herminio...

« *O Festim de Trimalcião* produz no leitor o effeito do episodio do livro de Petronio, que dá o nome ao canto de Theophilo Braga, misturado com a impressão vuluptuosa de alguma das elegias delirantes dos *Amores* d'Ovidio. É aquella verdadeiramente a Roma agonisante. Como Petronio, o devasso historiador da devassidão, tambem Roma tem as veias rasgadas, e esmorece no seio da volupia, empunhando igualmente a taça de phalerno.

« Deixando-se arrastar pela sua erudição, continúa o sr. Theophilo Braga a evocar todas as litteraturas. Mostra conhecel-as a fundo, mas, por Deos, o snr. Theophilo Braga é pagão devéras, tão pagão como o seu homonymo Theophilo Gautier. É um adorador da forma! um discipulo d'Ovidio e de Anacreonte! É pa-

gão convicto e relapso! O mysticismo israelita, o ascetismo indiano não lhe agradam muito. *Sémida* e a *Perola d'Ophir* são duas glorias para o artista, mas a ideia religiosa, tudo em Israel, tudo tambem na India, apenas se entre-mostra n'essa pastoral e n'esse drama. Maghavam não é nem parente do rei de *Vicrama* e *Ourvasi*, e em vão procuro a idea pantheistica nas scenas do drama indiatico. Theophilo Braga, no seu prologo, mostra perceber perfeitamente a poesia do Ganges, a intima ligação da natureza com todos os actos da vida, esse pantheismo tão differente do pantheismo grego, que, em vez de personalisar os objectos inanimados, como o fazia a poesia hellenica, os conserva taes quaes são, e nem porisso deixa de lhes dar voz e alma. Essa tendencia, que, coisa notavel! tornamos a encontrar na poesia moderna, e que se torna até muito sensivel nas *Contemplações* de Victor Hugo, revela-se esplendidamente no episodio do nascimento do Ganges, no grande poema do *Ramayana*.

«Mas se Theophilo Braga concebeu bem essa idea foi mais infeliz na execução. Maghavan pensa antes nas delicias do amor carnal do que nas ethereas *rêveries* do amor indiano. Vamadheva, typo que, pela ingenuidade, se aproxima sim da Sacuntala do drama indico, esquece-se depressa, pensando no seu esposo, da natureza sua irmã. Não ha, na *Perola de Ophir*, coisa que se assemelhe áquellas palavras de Sacuntala:

«Ó meu pae! deixae-me falar ainda a essa flor do madhavi, a quem eu chamava minha irmã, e cujas purpureas moitas brilham como uma chamma nos bosques.»

«Virupa não tem a minima feição dos ascetas brahmanicos. As aguas do Douro não são as aguas do

Tomosa, e Brahma, que visitava Valmiki na sua cabana de folhas, não está disposto a fazer uma longa viagem para vir ao Porto visitar o snr. Theophilo Braga.

«Mas isto em nada diminue o elevado merecimento lyrico da *Pérola de Ophir*.

«Com os vastos recursos de talento e de erudição, que o snr. Theophilo Braga possue, parece-me que escusava de desfolhar a sua corôa lyrica ás brisas de todas as poesias, e que podia dar mais unidade á sua obra.» [9]

«*Tempestades Sonoras*. É o titulo do novo livro de poesias, que acaba de publicar o snr. Theophilo Braga, a quem a *Visão dos Tempos* collocou entre os nossos poetas mais originaes e mais esperançosos para o futuro das letras patrias.

A indole do livro é ainda a da *Visão dos Tempos*. Apartando-se do lyrismo vulgar exclusivamente inspirado pelo sentir e o crêr da actualidade, o escriptor põe ao serviço de uma philosophia generalisadora a sua lingua poetica e os seus processos artisticos; foge á poesia individual e egoista, que parece haver produzido os seus melhores fructos, e pede á historia da civilisação universal as suas grandes recordações litterarias, baseando aí, como em alicerce seguro, todo o edificio das suas concepções.

Na *Visão dos Tempos* vimol-o andar vagabundo pela antiguidade homerica, reproduzindo em cantos de brilhante colorido e deliciosa frescura as harmonias da musa grega; ouvimol-o desferir na harpa de Israel os

9 *Pinheiro Chagas*, Ensaios criticos.

mais melodiosos accentos, e depois assistimos á sua entrada no sanctuario christão, onde foi apprender os segredos de uma poesia mysteriosa e profunda.

Nas *Tempestades Sonoras*, obedecendo á mesma inspiração philosophica e metrificando a parte sentimental das suas inquirições criticas não só sobre a poesia grega, hebraica e christã, mas tambem sobre Roma, Persia, India e em geral sobre o genio do Oriente, o author apresenta um livro, que vem servir de continuação á *Visão dos Tempos* e forma naturalmente a sua sua segunda serie.

O primeiro poema das *Tempestades*, que é sem duvida o mais importante da obra, tem o titulo de *Ceias de Nero*, e é um bello estudo do poeta sobre a Roma imperial e a sua arte licenciosa.

Eil-a; a escrava dos Cesares! vaidosa
Sobre sette collinas se esperguiça,
Poisando o duro sceptro ensanguentado
Na cerviz das nações. N'um fero abraco,
Prostituta, ella o orbe a si estreita,
E delira, no estrepito da festa,
Com que a funda agonia esconder pensa.

Sendo a decadencia do imperio romano ideia associada á diffusão do christianismo, e sendo corrupção dos costumes velhos e a pureza das crenças novas a antithese mais assombrosa, que póde offerecer a historia do mundo, nas *Ceias de Nero* cantam-se a par do *Festim de Trimalcião* as *Horas do Agape;* em face de Nero, Tigellino e Petronio apparece o Antistite venerando das Catacumbas, o neophyto Licinio, a quem a agua do baptismo renova a velha seiva romana, e emfim Eurydêa, a immaculada martyr, que florece como um lyrio entre cadaveres podres. Celia, a libidinosa e

torpe romana, despresada por Licinio, cobiçada por Nero e vingativa como Juno, dá com os seus ciumes o desfecho ao poema, que começa na rua de Suburra e acaba no meio do Circo.

As *Ceias de Nero* resentem-se necessariamente do seu assumpto, e *a priori* se podia concluir que o cantor do festim de Trimalcião, de Celia e Nero não podia sustentar-se perpetuamente com a tunica descaída. Ha porém sempre um perfume de discreto e melindroso recato a embalsamar as paginas mais delicadas e a quem se der por offendido convidamos a ir lêr as prosas de Petronio e Suetonio, e os versos de Ovidio, Marcial e Juvenal.

«Das lendas, onde na austeridade das fórmas e pureza dos sentimentos reverbera o espirito christão, a *Parabola*, que o Bispo recita á meza do Agape tem evidentemente o cunho da edade-média baixa e a alguem ouvimos já censurar o poeta por introduzir nas catacumbas de Roma uma narrativa de data relativamente moderna. É um agradavel anachronismo, que a nosso vêr se deve escusar, porque o respeito da exacção historica não é sem duvida rigor para o poeta, e eu não sei em que bocca ficaria melhor a relação d'essa perfumada narrativa do que na do primitivo prelado christão.

O que sobretudo distingue a execução do nosso poeta é o mimoso e reluzente colorido, que sabe dar aos seus poemas. A versificação está muito longe de ser perfeita e póde até mesmo dizer-se má; porém é esse um sacrificio que faz o artista á sua ardente inspiração e é de esperar que a experincia acabe de persuadil-o de que a regularidade da fórma entra por muito na immortalidade das grandes obras litterarias. Admirador legitimo da *Divina Comedia*, talvez fosse

aí que o author aprendeu tambem a dar ás suas melhores tiradas um laconismo fugitivo; e deprehende-se á mais ligeira leitura que a sua musa debaixo de um manto severo esconde as azas, sempre dispostas a imitarem as da borboleta. Verêmos se mais tarde irá aggregar-se á familia dos grandes poetas, que, mais felizes do que o Dante, tinham a servir-se d'uma lingua feita e podiam dar ás suas concepções um desenvolvimento e uma fixidade esplendida.

Na Pastoral biblica de *Sémida* não parecem adequadas á bocca de Jesus as poucas palavras que o auctor o faz proferir, e em geral não achamos todo esse poema bem penetrado do espirito hebraico, conforme estamos acostumados a reconhecel-o na prosa latina. E para rematarmos o cumprimento do nosso dever diremos que no drama *A Perola de Ophir* não apparece em relêvo, e como relêvo necessario, o caracter a todos os respeitos grandioso da poesia asiatica. Em regra pode asseverar-se que, quanto á indole e á natureza verdadeiramente plastica, os seus poemas não resistem a um escalpello inflexivel. Nas *Ceias de Nero*, onde o triumpho d'essa ordem era mais accessivel ao auctor, é para lastimar que elle não se valesse bastante dos seus recursos de erudicção, indo banhar-se na fonte de aguas vivas, isto é, nos proprios livros latinos e dando-nos um espectaculo novo em Portugal: um poeta essencialmente moderno luctando face a face com o genio da poesia latina como Jacob com o Anjo.

Com tudo isto, não ficam as *Tempestades Sonoras* abaixo do nivel da *Visão dos Tempos*. A imaginação alada e vivaz, a sensibilidade melindrosa, o tacto das côres mimosas e purpureas, que inspirou o outro livro de poesias, aqui reapparece e fulgura. Theophilo Braga, apesar da direcção dos seus dous primeiros livros

publicados n'este praiz, é primeiro que tudo um poeta lyrico. Os seus estudos de philosophia podem chamal-o para o campo das abstracções, a historia da civilisação e das litteraturas passadas podem absorver as suas horas de trabalho — mas quem não vê que o seu genio lucta e bate as azas debaixo do pezo d'essas graves meditações, preferindo á historia, á critioa, á philosophia o vôo audacioso e liberrimo pelos espaços indefinidos da poesia lyrica? Se a nossa voz pode ter uma influencia minima, o poeta d'ora-avante porá acima de tudo a contemplação directa dos monumentos, completando a obra das suas ricas e productivas faculdades com a obra do trabalho verdadeiramente fecundo. Então o poeta brilhante, o artista robusto, o escriptor mimoso e delicado, o talento vivo e opulento da *Visão dos Tempos* e das *Tempestades Sonoras* terá a satisfação de vêr realisadas as suas especulações no campo da esthetica e da philosophia litteraria.» [10]

«O titulo euphonico de *Tempestades Sonoras* esconde intenção, que não transluz dos poemas. Quer o author dar a sentir que as sublevações do mundo moral, as pugnazes conjurações dos animos, apontados á conquista d'um progresso, são as *Tempestades*; e que o serem ellas sonorosamente rythmadas no plectro, que as relembra, lhes justifica o epitheto de *sonoros*? Ou passou no espirito do poeta o pensamento de se estarem ainda vibrando no espaço os sons amortecidos das estrondosas luctas que, ha muitos seculos, as gerações travaram arca por arca, a ideia contra a materia, o

10 *Leonel de Sampaio*, no Comm. do Porto.

espirito de liberdade contra as algemas da escravidão? Não sei, nem me dispendo em hypotheses que podem ennublar ainda mais a denominação do livro. Seja o que fôr. O leitor e eu, se nos levassem ao frontal d'um templo de Boudha, não deixariamos de ir dentro admirar as maravilhas, por não entendermos os caracteres chinezes esculpidos no frontal da porta.

Abre o livro com um discurso, ou «parte esthetica» *sobre a evolução da poesia determinada pelas relações entre o sentimento e a forma.* Em nota com que o poeta esclarece um periodo da pagina IX, vê-se que o seu proposito é esboçar a poesia romana, que é reflexo da poesia grega, e caracterisal-a, determinando por ella a feição da arte classica. Este aviso deve ser o fio conductor de quem quizer emboscar-se n'este formoso labyrintho.

«Deixemos nas boas horas a prosa do meditativo escriptor, e entremos de melhor vontade na poesia.

«Aqui temos o brilhante poema das *Cêas de Nero.* No reinado de Nero, ergue-se o Leão velador do evangelho, de sobre a sepultura de uma testimunha de Christo, e vae a Roma, enviado do evangelista.

«Vae! sabe o que se passa pelo mundo.»

«O Leão observou, e voltou ao sepulchro da testimunha da Escriptura, a contar-lhe em resumo os seus encontros.

«Eil-os aqui peregrinamente referidos pelo poeta. O leitor conhece-os; todavia, sem receio de impertinencia, comprazo-me em relembrar com o leitor os realces d'estas memoraveis paginas.

«A impudica Celia ama Licinio, o gentil e bravo trabalhador que, apagada a sua estrella da victoria nas escarpas dos Herminios, volta a Roma com o animo alvoroçado de visões celestiaes. Coração sonhador de

idealidades, não póde amar a lasciva romana. Tem sêde de uma alma pura. Os seus amores é Eurydea, a virgem christã, que se votou ao holocausto de Jesus Christo.

« A rejeitada Celia conhece a rival, e premedita vingar-se. Escolhe o braço vingador de Nero, que ao vêl-a, estremece em sesão de brutal amor. O mordomo dos prazeres do imperador, Petronio, indúl-a facilmente a seguil-o ás saturnaes do real amante. Nero, embriagado d'amor, e vinho, e sangue, para dar um vistoso espectaculo a Celia, incendeia Roma, converte em archotes embreados de resinas os christãos, manda abrir o circo, e desacorrentar as feras. Entre as victimas, é conduzida Eurydea, a amada de Licinio. O Leão, que o evangelista enviára a Roma, golpha bulhões de sangue do seio da virgem. Licinio salta ao amphitheatro, e expede a vida sobre o cadaver d'ella. Celia, a libertina, vingou-se.

« Esta é a acção principal. Os episodios da corrupção bracejam magnificos d'este enredo simples. O morrer do sybarita Petronio, á ordem de Nero, cioso de Celia, é bellamente expressivo do despreso d'uma vida repleta de gosos. A descripção do *Agape*, presidido pelo bispo Fidus, é magestosa de religiosa uncção. O terror do circo incutem-o versos de pungente energia.

« Este poema convida a ser examinado por duas faces: uma historica, outra philosophica. Não é intolerancia esta maneira de vêr: é preito ao vulto, que já figura nas letras patrias o snr. Theophilo Braga. Mais ainda: é considerar o insigne pensador na plana circumspecta e grave que lhe assigna a indole de seus estudos e escriptos.

« Bem que poucas, as linhas physionomicas de Nero são felizmente traçadas. Está o poeta de boas avenças

com a historia, salvo quando phantasia o filho de Agrippina incendiando Roma afim de offerecer aos agrados de uma rapariga de vida airada o espectaculo surprehendente de uma cidade em chammas.

«Não está cabalmente averiguado se Nero poz fogo a Roma; se o fez em odio aos christãos, no intuito de os culpar do crime; se o fez para renovar a cidade cujos bairros desalinhados e sujos o incommodavam. Como quer que fosse, caprichos amorosos para tanto é que nem a historia, nem o romance de Petronio, denominado *Satyricon*, argúe ao filho de Domitio Enobarbo.

«Celia é a romana da familia das Lesbias, sem nodoa de inverosimilhança. Está pintada a primor.

«A virgem Eurydêa, convertida ao culto de Jesus, respira o ascetismo christão e fervor do martyrio commum ás devotadas martyres mais ou menos imitadas da Cymodoce de Chateaubriand. E o poema do snr. Braga esperta muitas lembranças dos *Martyres*, mórmente na catastrophe derradeira: similhança que por nenhum motivo desluz o merecimento da engenhosa urdidura do poema portuguez.

«O economo (*arbiter*) dos regalos de Nero, em tão fugitivas linhas, representa as feições que lhe assignala o historiador Tacito. Contam que elle assim morrêra versejando coplas de ardida lascivia; outros querem que os paroxismos da sua musa hajam sido o *Festim de Trimalcião*, satyra em que elle quizera perpetuar a infamia de Nero.

«São já bastantes os relevos a caracterisarem de historico este poema das *Ceias de Nero*, quanto costumam ser fieis á historia estes escriptos, que se querem enfeitados pela imaginação.

«Entre os restantes poemas das *Tempestades Sonoras*

ha um que me parece o mais avantajado, e digno de camaradagem por egual illustre. É a *Velhice de Homero.* Figura-se me que estou lendo um dos mais insinuantes e magestosos episodios das *Legendas dos seculos.* Um livro assim composto de peças d'este acume e primor, seria dignissimo do titulo de *Visões dos Tempos.* As outras, que não se compadecem com aquella rigorosa nomenclatura, nem caracterisam as epocas assignaladas nos prefacios do author, ficam sendo formosas visualidades, phantasias de mui alto engenho, que devaneia por céos estrellados, com o ouvido attento ao suspirar de uma noite de agosto.» [11]

---

11 *Camillo Castello Branco*, Esboços de appr. litt.

TERCEIRO PERIODO

1865—1869

Carta insidiosa de Castilho sobre as Tempestades Sonoras. — A Ondina do Lago, estudo por Luiz Jardim — A Ultima gargalhada de Mephistopheles, por Olympio de Freitas.
O Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez, juizo critico de Luiz Jardim.

«Recebi ha dias as *Tempestades Sonoras* com que v. me mimoseou.

Não as agradeci logo, porque desejei conhecel-as antes de falar d'ellas ao author.

Li e reli, e continuarei ainda a relêr e a estudar este notavel livro, perante o qual por ora estou pasmado como os hebreus em face da sarça ardente, e dos estrondos profundos e brilhantes do Sinai.

Vejo que ha um genio divino que pretende manifestar-se, e um propheta coroado de luz e incumbido de trazer ás turbas as taboas da lei nova; mentiria, porém, para dissimular a confissão da minha ignorancia e pouquidade, se tivesse o arrojo de dizer que abranjo e comprehendo já toda a sua doutrina, e a sigo em todos os seus assômos.

Cantor exclusivamente de amenidades mui terrestres e chãs, e não me elevando quando muito senão ás realidades palpaveis do ensino do povo, como caminho para melhores e mais agradaveis tempos n'este mun-

do, nunca me sobraram ocios nem cubiça, nem sequer, segundo julgo, capacidade para me engolfar nos oceanos sem fundo das philosophias transcendentes, por onde vejo que o espirito eleito de v. corre a pannos largos para mundos desconhecidos, e de que eu nem bem suspeito a existencia.

Das theorias especulativas do seu prologo releve pois v. á minha humildade, que eu lhe não diga bem, nem mal; ingenuamente falando, ainda não acabei de as entender, e confesso mesmo (tanto o meu espirito é limitado e terra terra), que sinto uma especie de vertigem só em em pensar que hei-de outra vez abalançar-me por taes alturas. Os Dedalos voam, os Icaros affogam-se.

Do que eu digo aqui com toda a ingenuidade da minha alma, com toda a franqueza que se deve ao genio, não se conclua (o que para ambos nós seria injurioso) que eu engeito por inintelligiveis as paginas aliás esplendidas d'estas suas prosas; digo só, que ou por innato acanhamento do meu espirito, ou por falta de iniciação previa, ou pelo concurso de ambas estas cousas, a verdade, meu caro senhor, é que eu não entendo, nem me parece que chegarei já nunca a entender.

Não assim pelo que respeita ás suas poesias. N'essas vejo e comprehendo milhares de bellezas de primeira ordem, e assomos de uma verdadeira inspiração, rara em toda a parte e em todos os tempos, taes emfim, que poderiam dispensar todos aquelles apparatos scientificos com que v. se aprouve de as acompanhar.

Direi mais: sem esses apparatos scientificos, está-me parecendo que as poesias só por si realçariam muito mais.

As nebulosidades das transcendencias, muitos myo-

pes (em cujo rol eu me incluo) poderiam contestal-as, o que eu por mim estou bem longe de fazer; mas as bellezas das *Ceias de Nero*, por exemplo, são incontestaveis para todos; arrastam, dominam, triumpham; vê-se que não são miragens de estylo, nem jogos opticos de phrase; tem existencia propria e real; impressionam, porque tem vida e verdade intrinseca.

Aqui tem v. expostas com toda a lisura e sinceridade de que sou capaz, as ideias entre si diversissimas que me inspirou o seu livro *Tempestades sonoras*, verdadeiro acontecimento na litteratura portugueza contemporanea, pois que o é innegavelmente, e dos mais faustos e auspiciosos.

O tempo e a critica illustrada e seria, hãode algum dia aquilatar esta, em todo o caso, muito memoravel producção; eu por mim só quiz dar conta ao auctor do que por mim passava ao inesperado cair d'este fulgurante e enorme aérolito litterario.

As duas palavras de que v. lhe compoz o nome, cifram a minha individual opinião, e tambem nada mais poderiam significar: as theorias do prologo, *Tempestades*, que me ensurdecem, desorientam, e terrificam; as poesias, *Sonoras*, e mais, e melhor que sonoras, lustrosas e solidas, de oiro incandescente, e de diamantes montanhas de luz.

Sobre estas em particular, alguma coisa mais poderia dizer, mas recolho-me receoso de ter já excessivamente abusado da bondade de v.

Acredite v. em que sou com todas as veras de v. admirador e servo muito effectivo e obrigado.—*Antonio Feliciano de Castilho.*

Chama-se *Ultima gargalhada de Mephistopheles* (Vertigem do Infinito) o ultimo poema do snr. Theophilo Braga... Lêr o titulo é evocar o nome de Gœthe e com elle a recordação de quem tem feito o desespero dos criticos no poema immortal do *Fausto*.

Quando se medita no *Fausto* de Gœthe, e occorre á lembrança aquelle engenho fecundissimo, aquella imaginação inexhaurivel, sente-se a gente, como por encanto, n'um transporte de pasmo e de admiração.

Custa conceber como o octogenario patriarcha de Weimar sentia ainda viçosos, do mesmo modo que nos primeiros tempos da juventude, os primorosos thesouros da sua risonha phantasia.

Os fios de prata, que lhe emmolduravam a fronte, veneravel diadema da sua realeza de poeta, não tinham vindo coroar a decadencia do genio, nem recordar um talento que fôra: — renascia cada vez mais brilhante a inspiração, e brotavam cada vez mais deslumbrantes os poeticos arrojos n'aquelle cerebro de gigante.

Não se apagára nem um raio sequer da auréola, que lhe circumdava os primeiros triumphos da mocidade; antes, d'aquella cabeça, como de astro esplendido, radiavam cada vez mais offuscantes os fulgores da gloria.

São em numero pequeno os mimosos com quem tanto a natureza tenha prodigalisado os thesouros do genio: — o espirito cança, cança a imaginação. cança a intellectualidade: — não é raro vêr aos trinta annos o occaso de um sol d'aquelles, cujo arrebol fôra dos mais formosos, dos mais precoces, e dos mais promettedores.

Começar por escrever o *Werther*, e concluir coroado de cans as ultimas paginas do *Fausto*, privilegio é esse que poucos tem podido disputar a Gœthe.

«O snr. Theophilo Braga, o talento poetico mais encyclopedico de que em annos tão juvenis eu tenho noticia, quiz mais uma vez, e em genero novo, revelar os thesouros inexgotaveis da sua poesia.

«Se ha cousa, onde deveras deva comprazer-se a alma do snr. Theophilo Braga, é decerto n'aquelles devaneios vagos do mundo phantastico de Gœthe, n'aquella lucta incessante entre a cabeça e o coração, entre o espirito e a materia, entre a razão e o absurdo, entre o ferveroso da crença e da vertigem diabolica da ambição, entre Fausto e Mephistopheles.

«Se ha assumpto, repito eu, que mais particularmente mereça a sympathia do moço poeta, é deveras este, posto que em todos se compraza divagar aquella imaginação ridente e expansiva, fertillissima, encyclopedica, e oxalá que inexhaurivel.

«E senão... vejam como a phantasia lhe esvoaça facil e cheia de encanto por todos aquelles mundos de poesia, que lhe temos admirado: — umas vezes, evocando as noutes tempestuosas do palacio de Nero, e fazendo-nos escutar os brindes apaixonados de Petronio entre as taças do espumante phalerno: — outras vezes, devaneando todo estro e inspiração atravez d'aquellas piedosas lendas do christianismo: — hontem escutando os hymnos mysticos da edade média, hoje deixando o espirito vaguear. por entre os quadros voluptuosos do Gita-Govinda, ou deliciando-se nas pituresca imagens do Ritou-Sanhara, ámanhã trocando os *slokas* de Vyasa pelos poemas da Grecia.

«Hoje captivou-se-lhe a alma n'aquelles mundos meio-sonhados do Gœthe: ámanhã a imaginação voar-lhe-ha talvez, envolta nos crepusculos brumosos da Islandia, ou embrenhada pelas florestas virgens da

America tropical, ou derretida em cantos de amor nas serenadas de Granada.

«Nas *Memorias* de Gœthe encontrou talvez o snr. Theophilo Braga o pensamento inicial do seu ultimo poema.

«Chamava-se Frederica a mulher, que o grande poeta da Allemanha encontrou um dia: — admiral-a, apaixonar-se por ella subitamente, e pedir-lhe um beijo n'um momento de delirio, coisas são estas que não repugna conceber: — ao poeta, que sonhára no intimo do coração e escrevêra com tanto sentimento as paginas do *Werther*, difficil era que se lhe não incendiasse a alma d'artista perante o ideal da formosura.

«Pediu-lhe um beijo, e o beijo foi dado: — que seculos de vida se não passaram talvez no coração d'aquella mulher, formosa, virgem, resplandescente de encantos, consagrando de corpo e alma a existencia, n'aquelle momento, ao poeta mais festejado da Germania?

«Schiller ter-se-hia sequestrado talvez á vida ruidosa, que lhe sorria em torno, para concentrar todo o seu existir d'aí ávante no amor da encantadora Frederica.

«Gœthe, calcando aos pés os anhelos do coração, tudo em proveito da humanidade que o saudava com fervorosos festejos, teve animo sufficiente para nem se quer pagar aquelle beijo, que lhe tinha dado Frederica, e em quanto a pobre triste se finava de magoa ao ver calcadas e destruidas pela raiz as esperanças que ella, hera humilde e graciosa, concebêra de envolver em voluptuosas espiras o tronco ao roble gigante, o poeta insurdecia á voz do coração, e engolphava-se na embriaguez dos triumphos com que lhe infloravam a existencia.

«A poder de estudo e de esforços, o poeta do coração, que escrevêra *Werther*, acabava por ser o poeta da phantasia que delineava o *Fausto*: — o sentimento cedêra o logar á imaginação.

«O cerebro desenvolvera-se-lhe á custa do orgão cardiaco; e o grande genio conseguira escutar placidamente na sua côrte de Weimar os applausos unanimes do mundo inteiro que o proclamava poeta.

«A aventura foi esta, e foi esta a ideia que presidiu á elaboração do ultimo poema do snr. Theophilo Braga.

«Começa elle por uma introducção de noute estrellada e sem nuvens, em que o poeta na contemplação muda e extatica d'esses milhões de mundos, que giram serenamente pelo azul escurissimo do firmamento, sente devoral-o a sede eterna da gloria.

«Áquella sede ardentissima e insaciavel responde a apparição de Mephistopheles, evocado pelo poeta de Weimar, sede que o abraza, e para satisfazer a qual não poupa elle sacrificios, sem duvidar mesmo desobedecer aos impulsos intimos do coração, com tanto que lh'o recompense com applausos a humanidade, a quem de todo se consagra.

«Ao proprio Mephistopheles chega isto a causar espanto:

. . . . . Insenciavel,
A sêde do infinito te devora!
O prazer, a sciencia do passado,
O livro do futuro, o absolute,
Ante os teus olhos pávidos puz tudo!
. . . . . .
Que me pedes? . . . . . .

«E o poeta pede-lhe vêr a mulher no estado primordial de candura, tal qual pura e formosa a tinha

Deos creado na aurora do paraizo, antes de haver-lhe o pranto do infortunio aljofrado a face com lagrimas:

Eu quero erguer-lhe o véo d'essa candura,
Mas não é para mim! beber-lhe o riso,
Trespassar-me do olhar mais vehemente,
Extasiar-me com falas pequeninas,
Fazel-a ideal, e dal-a á humanidade.

«E o poeta assigna o pacto com Mephistopheles! — e Frederica surge diante de Gœthe, toda perfumada de encantos!

«Que magia a d'aquella imagem deliciosa que o dedo de Mephistopheles aponta! — que suavidade em todos aquelles contornos! que pureza no existir d'aquella donzella, que vive sósinha com a sua candura no eirado onde Gœthe a encontra, e onde a pobre virgem n'um beijo, que lhe dá, lhe consagra os thesouros riquissimos da sua alma!

«Depois... que decepção para a pobre Frederica, quando o poeta, recebendo o beijo com uma frieza incrivel, lhe diz:

Mulher porque amas tanto? quem te obriga
A depôr a meus pés tua innocencia?
És a flor que se esvae toda em perfumes,
E que ao calor da sesta se emmurchece:
Não me beijes assim!

«Mas, em frente da desfallecida Frederica o poeta, chega quasi a pedir perdão de ter ido desafiar e deixado medrar no coração da pobre mulher tão lindas esperanças.

«Por fim lá está Mephistopheles a segredar-lhe ao ouvido:

Baquêas! pobre athleta
A dôr teu peito esmaga?
Mas diz voz solta e vaga:
— Levanta-te! és poeta.

«E *es poeta!* dirão a Theophilo Braga os applausos de quantos lhe lerem mais esta nova producção, mais esta demonstração solemne do seu primoroso talento.

«Em todo este poema, onde a meiguice do lyrismo vem casar-se com o sarcasmo das gargalhadas mephistophelicas, respira-se não sei que perfume de poesia vaga, que faz lembrar as paginas do *Fausto*, e de que tanto se resentem os escriptos do snr. Theophilo Braga: — colar precioso de perolas, mas onde estivesse de espaço a espaço interrompido o fio que as une; por vezes a interrupção foi demasiado sensivel para que se note ali a falta de algumas bagas de nacar, que se perderam, e que eram essenciaes para completar a continuidade do colar.» [13]

«A grande revolução do pensamento que principiou no seculo XVIII, encontra no seculo XIX a sua realidade. O individualismo é quem hoje dá a lei. Theoria grandiosa d'um seculo que resgatou o individuo, é a mais significativa legenda das eras modernas. Por toda a parte a concorrencia, e a luta de todos contra todos, dando em ultimo resultado os grandes palacios da industria, e os grandes bucentauros que sulcam os mares, carregados de mercadorias: o interesse leva apoz si as multidões, que para chegarem depressa tem na *gare* o cavallo de ferro que rasga o flanco das monta-

13 *Olympio de Freitas*, na Gazeta de Portugal.

nhas. É grande o ruido, o movimento, a riqueza d'este seculo; mas no seu labutar de todos os dias sómente esquece que acima do direito como o ensina Kant, existe o direito como o ensina Krauze, acima da liberdade, a fraternidade!

« Emquanto não surge um Colombo a descobrir horisontes novos, a humanidade, como um navio que chega rico da India, alegra-se na tolda, e regosija-se com as descobertas dos seus grandes homens; já não existem os poetas cesareos cercando de grinaldas de versos o nome dos grandes genios; mas n'esta tarefa de todos os dias respira-se um lyrismo profundo vazado nos moldes d'uma grandeza epica. A poesia contemplativa está morta; os cultores das musas, tecendo nenias tristes em noites de luar pelas encruzilhadas, atiraram com a lyra, vasia de sentido e paixão, ao monturo do ridiculo. Uma poesia mais grandiosa, pela belleza do sentimento, pela energia da paixão, e pela verdade, como póde existir no coração de todos, vae já espalhando seus immensos clarões, e deixando pressentir o seu grande futuro.

« A revolução franceza foi um marco que separou dois mundos, como o mundo novo surgia por entre as ruinas d'uma sociedade; como o espirito humano andava cercado pelos terrores d'uma agonia, deixou á beira da estrada por onde transitavam os homens, theorias brilhantes, mas falsas; a sociedade civil gemeu com os receios d'um fim proximo, e os poetas choraram. Depois de então a poesia que voltava do paiz dos nevoeiros foi pouco a pouco achando a sua naturalidade n'uma renovação continua, reforma lenta, de todas as horas, e que por fim lhe restituiu a importancia d'um creação do espirito.

« O apparecimento do *Werther* de Goethe acordou na

Allemanha a vida subjectiva; mostrou a nova direcção dada ás letras por aquelle genio frio e analytico, que a arte não era uma exterioridade, mas sim uma cousa intima e sentida; depois succedeu nos arraiaes da litteratura uma doença sentimental, um langor mystico, como o de Novalis, uma melancolia vaga, como a dos Lakistas da Inglaterra.

«A poesia tornou-se *larmoyante* em Lamartine, em Senancour, em Myllevoye. Era a época dos nevoeiros de Ossian, andavam as sombras dos heroes perpassando tristes na cerração, adormecia-se aos eccos das festas de Selma, sonhava-se ao som da harpa do filho de Fingal. Chateaubriand, com o seu *Atala* e *René*, seguia a nova estrada que levava ao abysmo das melancolias; ao fim d'esta floresta cheia de suspiros, a verdura do coração ía respirar-se em *Paulo e Virginia*, romancesinho impregnado d'amor, de ternura, e que então foi considerado como um modêlo de boa poesia.

«Todas estas influencias resentiram-se em Portugal. Acordando no dia seguinte a uma revolução, em vez dos hymnos dos poetas á patria de Camões, só encontrou estrophes tristes e languidas, e que por ahi vegetaram frouxamente com titulos, que basta para descrevel-as.

«A mocidade, nas mãos de quem Garrett deixou a nossa renascença litteraria, não avançou um passo; caricaturou a obra do mestre, e julgou-se talhada para grandes destinos, por ter escripto — Ao pôr do Sol — A saudade — N'um album — A uns annos — Preceitos do coração — O crepusculo — O salgueiro — As ondas — O veterano — O mendigo, etc., etc.

«Este grande culto da personalidade, que se vê na poesia moderna cantando sempre: *eu soffro*, *sou triste*, *não me percebem as turbas*, e que qualquer imber-

be rima quotidianamente, ia tornando a poesia uma cousa estupida, enfadonha, e até degradante. Os bons espiritos abandonaram a senda merencoria, e volveram-se para a fonte mais genuina do toda a poesia — o povo. O novo impulso litterario achou ecco por toda a parte; na Allemanha Bürger, Uhland e Wieland buscam o sentimento popular; na Inglaterra Lokart, na França Philibert Le Duc, Fauriel, Michel, Villemarqué, na Hespanha Duran, na Itália o cavalheiro Nigra, e entre nós o visconde de Almeida Garrett, acham o veio preciosissimo da poesia do povo. D'este modo o sentimento da personalidade acabava e ficavam sómente os cantos e as trovas d'uma nação pela bocca do immenso rhapsodo — o povo.

«A tendencia critica e methaphysica insuflou tambem nova vida á poesia, desdobrou-lhe novos horisontes. Ella volve-se hoje para os periodos historicos, anima as edades, advinha os sentimentos, as paixões das gerações extinctas, os sonhos dos heroes que dormem no sepulchro, e emfim o passado inteiro que vem á festa do seculo XIX pulsar a sua lyra.

«Em todas as litteraturas se encontra esta tendencia, esta direcção; todos pretendem desempenhar esta missão verdadeiramente creadora.

«Na Allemanha Lenau, em França Victor Hugo, na Inglaterra Tennysson inauguraram a poesia da historia, e tem feito pullular das ruinas do passado flores nativas de graça, typos adivinhados pela imaginação quasi divina. Entre nós o snr. Theophilo Braga inaugurou esta segunda phase da poesia, e é não pequena gloria o completar a grande obra de Garrett. Cada dia nos apresenta um novo florão encontrado na necrópole da antiguidade.

«Vae para dous annos que se estreou com o poema

da *Bacchante*, revelação profunda do amor grego, aquelle amor desvairado, furioso, que accommettia a fraqueza, que era quasi desnatural em Pasiphe, em Phedra, em Biblis. Clytia é irmã d'ellas, morre de amores pelo irmão.

«*A Visão dos Tempos* não foi logo comprehendida; acoimaram o poeta de audacioso, sem esperarem o seguimento do seu plano. A imaginação do poeta transporta-se das paizagens atticas da Grecia, abandona o murmurio dos rios, o suspiro das fontes, o riso das Nayades, que lhe ditaram aquella suave *Velhice de Homero* e o *Cyclope*, e deixa fascinar-se pela fraqueza indiana, pelo typo mais puro da mulher a Sacuntala; é então que faz surgir d'aquella verdura explendida da natureza oriental a Vamadheva da *Perola de Ophir*.

«Quando o vêmos pulsar o alahude hebreu, severo e doloroso na *Torrente de Cedron*, annunciando a redempção na *Ave Stella* e o messianismo mystico de *Semida*, o filho da viuva de Naim, logo o sentimos plangente acompanhar o psalmo dos claustros, e recolhendo como strope pura o ultimo suspiro dos myrtires, do *Savonarola* e no *Spazimo*.

«As *Ceas de Nero* são o resultado da luta do sentimento christão com a alma romana, é o imperio agonisante que se debate nas vascas da destruição, e recebe uma nova vida com as doutrinas de Christo. No *Baptismo de Fogo* reflecte-se ainda a mesma luta, e ali o snr. Theophilo Braga pretendeu arcar com a *Noiva de Corynthо* de Goethe.

«Tinhamos seguido o poeta n'esta sua immensa palingenezia; estes trabalhos historicos assim coloridos á luz do genio, e resaltando em strophes harmoniosas, foram com certeza um grande progresso para a nossa litteratura. Já ha muito que lá fóra a revolução litte-

raria seguia esta direcção dando resultados brilhantes, por isso nem eu sei a rasão porque o poeta não foi comprehendido, e atacado por uns como licencioso, por outros como pedante, e por outros ainda, como uma esperança perdida.

« Escondido no fundo do seu laboratorio, como alchimista da edade media, Theophilo Braga não sabia o que se pensava, nem o que se dizia; continuava na sua tarefa de todas as noites, e quando todos perguntavam que novo cyclo da historia iria animar com a sua vara magica, é então que nos apparece com um novo poema. Faltava a cavalleria, um mundo de armas, galanterias, amores, torneios, fadas, aventuras, sabats nocturnos, feitiçarias, alchimia. Tudo isto resumiu o poeta no seu ultimo livro a *Ondina do Lago*.

« É um poema brincado, rendilhado, gothico florido, plena edade media. O mimo de strophes escondidas em toda a extensão do livro, faz lembrar aquelle lavor desinteressado dos velhos obreiros das cathedraes, que bordavam a cinzel uma *flexa*, que ninguem jámais havia de vêr, posta no ar á altura de tresentos pés, só para ser tocada pelos ventos, e pelas aves do céo. A *Ondina do Lago* é como uma peça de filagrana, uma *cizelura* florentina, renascença pura.

« Logo nas primeiras paginas encontramos o amor feérico, cujo typo se acha no romance do *Cavalleiro do cysne*.

« Theophilo Braga quiz representar n'este poema os dois cyclos principaes da cavalleria — o cyclo carlovingiano, da força, da bravura; e o cyclo bretão ou de Arthur, do amor, do galanteio, e da aventura. Na primeira parte predomina o sentimento da *honra*, na segunda o *amor*, e a aventura galante. Este livro que deve ser estudado, encerra formulas de philosopia da

historia, revestidas pela imaginação com realidades palpitantes de vida.» [14]

«*Historia da Poesia popular portugueza*, *Cancioneiro popular e Romanceiro geral:* são estes os tres volumes recentemente publicados pelo snr. Theophilo Braga.

Abstrahiremos completamente da pessoa do auctor, para discutirmos com inteireza o alcance d'esta obra. Como cada planta tem a sua flor, e cada flor o seu perfume, assim o povo tem a sua poesia. É uma poesia espontanea, nativa e inconsciente, como a flôr e como o perfume, porque é a flor e o perfume da sua alma. N'este seculo de immensa renovação, em que se vae procurar na naturesa o criterio da verdade, a poesia popular não podia deixar de ser interrogada por aquelles que a investigam em todas as manifestações. Assim, vemos na Inglaterra organisarem-se commissões para colligirem a grande rhapsodia dispersa por aldêas e serranias. Em França os *touristas*, quando voltam, como a andorinha, de suas peregrinações, trazem os *albuns* enriquecidos com as canções campezinas, que andaram herborisando em horas de desenfado.

O pobre Gerard de Nerval, illuminado vidente da arte, foi o primeiro que revelou estes segredos do sentimento, que o povo cantando, deixava evolar do fundo de alma.

Seguiu-se em breve um Relatorio official do Ministerio da Instrucção Publica, em que se davam as instrucções necessarias, para guiar os collectores na confecção d'estes thesouros perdidos. Na Italia os po-

14 *Dr. Luiz Jardim*, Estudos de poesia portugueza.

liticos da mais alta esphera, taes como o cavalheiro Nigra, suavisam a vida do gabinete e as polemicas diplomaticas, vindo escutar os *retornellos* plangentes dos gondoleiros, as maias dos desposados, as cantigas do berço, e as lendas terriveis de *Dona Lombarda*, ou a tragica vingança da *Montferrina*.

A Hespanha, donzella de cabellos louros adormecida no Escurial, *zingara* com habitos de frade, ainda hoje nos seus luares e serenadas, está chorando pelo passado. Já se não encontra a capa e a espada, mas ainda lá vivem os romances granadinos, as xacaras da fronteira, e os contos dos cativos; o povo ainda sonha com os *Sete Infantes de Lara*, com o *Bastardo de Mudarra*, e com Zaide e Abindarraes. Os livreiros de Hespanha ainda especulam, como no velho tempo, com as folhas volantes da *Historia do Cid*, de *Dona Ximena*, de *Bernardo del Carpio*, e de *Roncesvalles*. Foi d'este modo que se fizeram as primeiras collecções castelhanas no começo do seculo XVI. D'esta maneira, Martin Nuncio, Estebam de Najera e Pedro de Flores colligiram os primeiros monumentos, que hoje correm mundo com o nome de *Sylva de Romances*, *Primavera y Frol de Romances*, *e Floresta de Vorios*.

Foram estes os primeiros que ajuntaram os romances anonymos do povo até então despresados pela grande importancia, que a poesia provençal alcançára em todas as côrtes da Europa.

As subtilezas da poesia provençal expulsaram completamente os cantos populares. Eis a rasão, porque em Portugal nunca tinham sido colligidas as paginas dispersas, onde o povo revela as suas paixões, a ironia ás vezes pungente, e as aspirações para um futuro melhor. O *Cancioneiro do Collegio dos Nobres*, o *Cancioneiro de D. Diniz*, e o *Cancioneiro geral* de Garcia de

Resende não conservaram o minimo vestigio da poesia popular.

«A *Historia da Poesia popular portugueza* revela-nos todas as vicissitudes por que ella passou, e assignal-a-lhe seis épocas distinctas, que os factos por si mesmo vem demarcar. Caracterisa-se a primeira: pela vinda dos Cruzados pelo Mediterraneo á Terra Santa; as colonias dos homens rudes do Septentrião, que entre nós deixaram vestigios na lingua, nos costumes e no Direito cá diffundiram tambem as tradições dos heroes de Carlos Magno, então repetidas de castello em castello pelos jograes que percorriam a Europa.

No *Cancioneiro de Dom Diniz* se encontra o signal da influencia jogralesca; são d'esta época os romances communs aos povos do Meio Dia da Europa, os quaes evolando-se da Provença, divagaram pela Italia, e, repetindo-se nos portos de mar de Portugal, foram misturar-se e confundir-se com os cantos homericos da Grecia moderna. No seu *Romanceiro* assignala o snr. Theophilo Braga como pertencentes a esta época os romances de *Dona Infanta*, de *Gerinaldo*, da *Noiva roubada*, da *Infanta de França*, etc. etc.

«A segunda época faz-se notar pelo despreso que soffreu a poesia popular. Dom Diniz, recebendo de seu mestre Ebrard de Cahors lições da poetica dos trovadores, baniu do seu *Cancioneiro* a redondilha octossilabica. O marquez de Santilhana fala tambem d'este mesmo despreso com relação á poesia hespanhola.

Foi no reinado de Dom João I, o rei popular, que a poesia do povo contou a terceira época; as relações com a côrte ingleza trouxeram a Portugal as ficções cavalheirescas de *El-rei Arthur*, e da *Tavola Redonda*. Se abrirmos Fernão Lopes, o Froissart da nossa historia, ali encontraremos as anedoctas galantes, em que

os heroes bretões, *Galafre*, *Lançarote* e *Galaaz* vêm frequentes vezes citados, como exemplos de valor. A esta época refere o snr. Theophilo Braga os romances do *Conde Niño*, de *Branca-Flor*, e *Dona Auzenda*, que assim transmigraram para a tradição portugueza.

As relações das côrtes de Portugal e Hespanha, no tempo de Dom Manoel, determinam a quarta época. N'esse tempo os romances hespanhoes tinham renascido, e eram cantados e glozados nos serões do paço. A filha de Fernando e Isabel distrahia-se ouvindo os cantares da sua patria; e é por isso que Damião de Goes nos conta que um grande numero de chocarreiros de Castella divagavam pelo reino, e que a lingua castelhana era preferida na côrte. Queixava-se Jorge Ferreira de Vasconcellos, de que já não havia quem se prestasse a escutar uma trova portugueza, porque as hespanholas se tinham apossado do nosso ouvido. Até o proprio Gil Vicente, o mais popular dos nossos poetas, nas quarenta e duas comedias que escreveu, só em dezesete usou da lingua portugueza. Então o romance começava a tomar uma forma erudita, ia perdendo aquella *natural sencillez* que o tornava bello; as suas narrações pittorescas iam-se tornando declamações metaphysicas, e, completamente caído nas mãos dos poetas cultos, tornara-se galante e arrebicado. Como a Hespanha teve *Juan la Cueva*, *Garei Sanches*, *Laso de la Vega* e *Sepulveda*, assim tivemos em Portugal *Francisco Rodrigues Lobo*, *Dom Francisco Manoel de Mello*, *Balthazar Dias* e outros, que imprimiram no romance portuguez a fórma erudita. Imitaram Gongora nos romances mouriscos; taes são os caracteristicos da quinta época.

Dom Sebastião foi o ultimo rei cavalheiresco portuguez; seguiu o exemplo dos reis scandinavos, que se

acompanhavam de poetas para lhes cantarem os feitos. N'esta sexta época a perda de Alcacer-Kibir espalhando um luto immenso no povo, fez perder á musa popular a sua alegria; era a unica consolação e esperança do povo; e assim quando viu o presente enlutado pelas desgraças de Africa, tornou-se sybilla cantando prophecias, em que sonhava a futura grandeza de Portugal. As suas trovas tornaram-se religiosas, como se vê dos Autos de Balthazar Dias. A sexta época coincíde com o fim da edade heroica da nossa nacionalidade; d'aí por diante a poesia popular resumiu-se nas cantigas soltas para allivio do trabalho, nas historias de frades, e principalmente nos contos em prosa. — Taes são são as conclusões a que chegou o snr. Theophilo Braga na investigação dos factos, que formam o primeiro livro da sua Historia.

No livro segundo demonstra a unidade dos romances populares do Meio Dia da Europa; — como a poesia é a realisação do sentimento, é nos sentimentos da raça neo-latina que vae precurar o principio da unidade: — «Dois grandes sentimentos (diz o snr. T. Braga), como a corrente galvanica que faz mover o cadaver, agitaram a velha Europa, tirando-a do torpôr da ruina, dando-lhe a ebulição que presagia uma era nova. O *feudalismo* reconcentrava em si a auctoridade e a força na fórma da prepotencia absoluta, para imprimir unidade nos elementos dispersos da sociedade derrocada; a *Egreja*, pelos terrores da excommunhão, e pelo que ha de mais terrivel no genio do homem — o instincto supersticioso — sonhava a unidade humana, comparando-se em Gregorio VII ao sol, de quem os reis, como corpos opacos, recebiam a luz. Assim n'este periodo de elaboração inconsciente, em que a sociedade tentava reconstruir-se, manter-se, como

um corpo de equilibrio estavel, estes dois sentimentos revelaram-se por uma severa poesia, filha d'aquellas revoluções e d'aquellas mesmas paixões; uma poesia alheia ás tradições antigas da Gregia e de Roma, a poesia do *amor* e da *cavalleria* que alimentava a imaginação de todos os povos da Europa.» E na verdade o caracter altivo e independente do genio Franko, que dá vigor e colorido aos romances de Carlos Magno e dos Pares, é o ideal de todo o feudalismo, e imprime nos seus poemas o espirito de revolta dos barões contra o monarcha. Os *Quatro filhos de Aimon*, *Aubry o Burginhão*, *Oliveiros*, e *Ogier le Danois* proclamam por toda a parte a independencia.

A poesia da *Tavola Redonda*, toda perfumada de amores, d'aventuras galantes e de tradições eruditas, foi instrumento poderoso nas mãos da Egreja, para dominar a imaginação do povo e distrahil-o dos feitos d'armas. Ambos estes cyclos cavalheirescos se encontram em Portugal. Além da anedocta contada por Fernão Lopes, que se déra no cerco de Coria, se lê tambem na chronica do Condestavel, que elle achava grande sabôr e muito se deleitava na lição da historia de *Galaaz*, *em que se continha a somma da Tavola Redonda*. O livro de *Galaaz*, a historia de *Merlin*, e o *Tristão*, foram possuidos por D. Duarte, como se deprehende do Catalogo de seus livros achado na Cartucha de Evora. O romance de *Branca-Flor* e *Yseult* acham-se citados no *Cancioneiro de D. Diniz*. No gosto dos romances de Carlos Magno, temos o de *Carlos de Alem-Mar* tirado talvez dos amores de *Milon e Aglante* por Antonio d'Esclava, e o romance do *Marquez de Mantua* traduzido por Balthasar Dias do hespanhol de Jeronymo de Treviño.

A *Historia da Poesia popular* remata com um estu-

do sobre os contos em prosa, que formam o que se chama litteratura de cordel; descreve-nos a origem do romance da *Imperatriz Porcina*, de *João de Calais*, da *Formosa Mangalona*, da *Donzella Theodora*, da *Malicia das Mulheres*, e das *Sete Partidas do Infante D. Pedro;* mostra-nos d'onde cada qual se derivou para a tradição portugueza; e a este respeito nos diz, como o *Decameron* de Boccacio foi conhecido em Portugal, prohibido no *Index expurgatorio* de 1624, e como d'elle procederam alguns contos para as — *Historias de proveito e Exemplo* de Trancoso. Demonstra-nos tambem, como o *Conde de Lucanôr*, primeira collecção dos contos hespanhoes, foi conhecida em Portugal, e remata este trabalho com uma enumeração bibliographica das primitivas folhas volantes, que muitas vezes tem distraído e alegrado as horas tristes do nosso povo.

A *Historia da Poesia popular* foi escripta sob a direcção ethnographica. O pensamento philosophico que dirigiu o auctor n'aquelle trabalho minucioso, acha-se resumido em duas paginas de rigorosa synthese, a que chamou *Leis das formações poeticas*. Não nos consta que este livro tenha precedente em alguma litteratura, por isso não temos molde porque o possâmos aquilatar; todavia pela sua leitura se póde asseverar que é uma Introducção ao elemento anonymo das litteraturas do Meio-Dia da Europa.

Entremos agora na analyse do *Cancioneiro e Romanceiro*.

II

A epigraphe com que deparamos no frontispicio do *Cancioneiro* resume o pensamento do livro: — é um velho anexim popular que diz — «Quem tiver muitos

filhos e pouco pão, tome-os de mão e diga-lhes uma canção.»

E na verdade a poesia é para o povo grande alivio nos trabalhos, nas desgraças e desalentos da vida; a linguagem das suas esperanças, dos seus amores, e das suas afflicções! O presente *Cancioneiro*, recolhido com a maior fidelidade da tradição oral, é o primeiro trabalho d'este genero em que encontramos a genuina poesia popular. Já dos prélos da nossa terra tem por varias vezes saído livros com o titulo de *Cancioneiros* e *Romanceiros*, mas da sua leitura se deprehende que são méra composição particular, sem o minimo vislumbre da alma do povo. Foi este o motivo porque o auctor teve de declarar como *popular* a sua collecção, distinguindo-a d'est'arte das alludidas superfetações. Como um phenomeno psycológico, a poesia do povo não deve sómente ser estudada pelo lado artistico; apresenta innumeros factos para o psycologista observador, e por isso é necessario conserval-a na sua rudeza simples. Para bem apreciar as cambiantes da paixão, é necessario surprehender a natureza em flagrante delicto de criação; só d'este modo se chega á verdade, e até os eruditos melhor alcançam o verdadeiro conhecimento da indole da nossa lingua, que, podemos affirmal-o, depois de Fernão Lopes muito perdeu da sua feição propria, graças aos Quinhentistas.

A primeira secção do presente *Cancioneiro* compõe-se de dezoito monumentos da mais antiga poesia portugueza, a contar do seculo XII a XVI, recolhidos de Miguel Leitão, Frei Bernardo de Brito, Faria e Sousa, Azurara, da *Chronica dos Carmelitas*, do *Leal Conselheiro* e dos *Ineditos de Alcobaça*, o que melhor se póde vêr pelas notas. Acham-se dispostos n'uma ordem

que torna sensivel os progressos da lingua desde o dialecto galleziano até aos Quinhentistas.

O que aí encontramos mais saliente são as canções ou *tonadilhas* dos pobres á porta do convento do Condestavel. O povo bem conhecia que fôra D. Nuno Alvares Pereira que o salvara das garras de Castella; deu-lhe a immortalidade nos seus cantos, como Homero, quando pagava a hospitalidade com a eternidade das suas rhapsodias. O povo vinha em côro cantar-lhe as seguidilhas sobre a sepultura, e pela paschoa florida corriam os habitantes de Restello e Sacavem a pedir-lhe milagres nas calamidades. O Condestavel ia pouco a pouco dominando a tradição, e crescendo, tomando as proporções de um palladio nacional; se o genio portuguez não tivesse sentido profundamente a perda de Alcacer Kibir, o Condestavel teria hoje um *Romanceiro* seu, como o de Cid, e o de Bernardo del Carpio. [1]

O que sobretudo o povo venerou no heroe dos seus cantos, foi aquella individualidade forte que era uma como synthese do caracter e paixão. Symbolo das suas ideias, sentia o povo que com a sua morte se amortalhara a nacionalidade.

E por isso cantava esta *sirvente* de revolta:

Viva El-rei Dom Henrique
No inferno muitos annos;
Pois deixou em testamento
Portugal aos Castelhanos, 2

A parte mais bella do *Cancioneiro* é a *Silva de cantigas soltas;* são como as areias de ouro de um grande rio, todas bellas, lindas e sem conta, porque não se

1 Pag. 203 do Cancioneiro.
2 Pag. 40, Idem.

podem contar as lagrimas que se choram, os suspiros que se perdem, ou os risos que andam no ar! O povo canta como fala; a cantiga é para elle uma linguagem usual em todos os actos da vida, é triste, alegre desenvolta e até fatidica: — é assim a vida da multidão. A voz popular diz que ha de acabar cantando, já que chorando nasceu. — Canta para espalhar uma dor que a atormenta; canta, não por ser alegre, mas por ter o coração mais negro do que a tinta com que se escreve:

Não canto por bem cantar,
Nem por bem cantar o digo;
Canto para aliviar
Penas que trago commigo.

Saído das garras do monachismo o povo sente-se esmagado por uma potencia mysteriosa, da qual os mil braços vem a toda a hora esgotar os seus recursos, paralysar a sua actividade, murmurando a seus ouvidos a palavra ignobil — *Paga!* como outr'ora se dizia ao christão: — *Morre!* Este é o motivo da tristeza que ressumbra da canção popular, cheia de pezares, e amarguras e por vezes plangente como nota de psalterio. Educado com frades, e hoje victima do funccionalismo, o povo chora por um passado remoto, alegra-se ainda com os feitos do Cid, do Condestavel ou de Dom João I. Na xacara:

Dom João que Deos guarde
Aviso mandou ao mar,
Que se aparelhasse o conde
Para uma manhã largar, 1

1 Despedida de Lisboa, pag. 157 do *Romancciro.*

ha a energia d'uma raça, e sente-se bater o coração d'um povo que foi marinhero..... Mas deixemos divagações, e voltemos ao assumpto.

Na confecção d'estas cantigas, por assim dizer infinitas, seguiu Theophilo Braga, como elle proprio confessa, o modelo do *Cancioneiro Español* de D. Emilio Lafuente y Alcantara, dispondo-as pela ordem psycologica da paixão.

Por uma rapida leitura nós vemos uns amores campesinos; succedem-se as declarações, em seguida vem os remoques; no meio do labutar da vida nasce a vertigem, segue-se o retrato da amante, o elogio do seu nome, depois os ciumes, as incertezas, os receios, logo apoz as auzencias e a saudade, emfim o coração em todos os seus haustos de vida.

Que philosophia profunda não encerra aquella sublime quadra:

Quem tiver filhos pequenos
Por força lhe hade cantar;
Quantas vezes as mães cantam
Com vontade de chorar!

Quem tiver filhos pequenos
Por força que hade chorar,
Por não saber o destino
Que Deos tem para lhe dar.

Que poeta laureado seria capaz de esboçar um retrato assim:

Sobrancelhas como as vossas
É impossivel havel-as;
São laços de fita preta
Com que se prendem estrellas.

Nem Victor Hugo no *Doigt de la femme* se elevou a uma delicadeza egual.

Sente-se n'estas canções o profundo sentimento das raças da India; o lyrismo da natureza inteira lhe vem prestar as suas flores, o ar, o sol, e as estrellas para servirem á linguagem da paixão.

Haverá tristeza mais vaga e indefinida, do que a que transpira d'estes versos:

Das lagrimas faço contas
Com que reso ás escuras;
Oh morte que tanto tardas,
Oh vida que tanto duras!

Parece que se levanta diante de nós uma Niobe do mundo antigo, e que a vêmos debruçada a chorar entre os sepulchros das cathedraes christãs.

O *calembourg* malicioso não é sómente privativo da sociedade escolhida; o povo tambem se diverte com elle, e tira-o dos pensamentos e das palavras:

Não me *atrevo* disse o *trevo*
A nascer por entre o trigo;
Eu sem ser *trevo* me *atrevo*
A trazer amores comtigo.

Oh cidra considra, oh cidra,
Oh cidra considra bem,
Depois da cidra partida
Cidra que remedio tem?

As flôres do campo servem-lhe de emblema para revelar os segredos; os fructos descobrem o desejo:

Tanto limão, tanta lima,
Tanto figo, tanta amora,
Tanta cachópa bonita,
Meu pae sem ter uma nora!

Tem as cantigas populares um retornelo final, a que os hespanhoes chamam *seguidilha*; d'esta o snr. Theophilo Braga apenas nos conserva dois exemplos:

Ai lari lolé,
Bem te vi estar
Á beira do rio
A ensaboar.

Ai lari lolé
Como vae airosa,
Com a mão na trança
Não lhe caia a rosa.

Como a *seguidilha* se improvisa facilmente sobre um molde conhecido, e como são innumeras as que, por assim dizer, engrinaldam a canção, alegrando o auditorio, e dando tempo ao improvisador para scismar, sómente nos conserva Theophilo Braga esses dois exemplos que ordinariamente se cantam pelas margens do Mondego.

O principal colorido da poesia popular é a fatalidade, e é assim que acaba a *Silva de cantigas soltas*:

Quem tiver filhas no mundo
Não fale das malfadadas,
Porque as filhas da desgraça
Tambem nasceram honradas.

Contem o *Cancioneiro* um grande numero de *fados* e canções da rua, os fastos do anno, ou as cantigas das janeiras, dos Reis, de Santo Antonio, de S. João, de S. Pedro, lôas de presepio e orações. O muito que se poderia dizer lá o esmerilhou o auctor nas suas notas; para ali enviamos os curiosos e eruditos.

O *Cancioneiro* seria incompleto se nos não apresentasse uma amostra das *prophecias nacionaes*, que durante seculos consolaram este povo no naufragio das suas grandezas.

Alguns philologos tem aconselhado aos collectores da poesia popular a formação de um *proverbial*, isto é, a sabedoria das nações resumida na fórma d'anexim; é o que na presente collecção se contém debaixo do titulo de *aforismos poeticos da lavoura*, os quaes, nos parece, foram não só recolhidos da tradição oral, como tambem do vasto e excellente diccionario de Bluteau.

Em resumo, uma grande verdade se deprehende de todas essas paginas onde está encerrada a alma do povo; verdade que já tinhamos aventado antes de a vêr escripta na introducção ao *Cancioneiro* — *O povo é o anonymo de todas as grandes obras da humanidade.* — O poder da individualidade humana, e a sociedade que necessita sempre de um idolo para a glorificar, tem esquecido nas paginas da historia, de que n'uma revolução, na edificação d'uma cathedral, ou na salvação d'um imperio, está um desconhecido, que se chama — o povo!

Ninguem se lembrou d'elle, quando Tasso livido e corôado de louros atravessava, cadaver triumphante, as ruas de Florença. — Ninguem se lembrou d'elle quando depois das victorias do Imperio o mundo apregoava o nome de Napoleão e esquecia a França. Ninguem, quando entre nós a nação, abandonada do seu chefe politico, resistia ás aguias francezas. Disseram— que irrisão! — que Wellington tinha salvado Portugal. Esqueceram, como sempre, o povo, antigo veterano das batalhas, que nas grandes catastrophes, como em Waterlôo, serve só para encher a barraca da Ohain!

III

Falando da revolução de Creta no mez d'agosto de 1866, diz um illustre escriptor na *Revista dos Dois Mundos*: — «Entre as obras numerosas que inspiraram esta ressurreição, ninguem esqueceu os *Cantos Populares da Grecia Moderna*. O trabalho curioso de Fauriel não contribuiu sómente para apaixonar a opinião publica a favor dos heroes da Grecia renascente; ensinou tambem á Europa espantada, que existiam ainda rhapsodos na patria de Homero, fez investigar com curiosidade os innumeros monumentos d'esta litteratura, até ali ignorada, e que, por sua simplicidade, energia e graça um pouco selvagem, reproduz sinceramente todas as feições da poesia dos tempos primitivos. D'esta investigação minuciosa, ardente, infatigavel, resultaram publicações importantes, até hoje pouco conhecidas em França, a não ser por um limitado numero de eruditos. Todavia os cantos hellenicos, além da extranha bellesa que por vezes os caracterisa, recommendam-se por outras qualidades; foram recolhidos alguns muito antigos e sobre assumptos variados; contam a historia e pintam os costumes.» Estas considerações, que aí deixamos exaradas, cabem perfeitamente para a situação em que nos achâmos.

Os factos da vida presente de sobra nos evidenceiam a necessidade de fazer reviver o espirito do povo portuguez, esse genio popular, que já na meia-idade se revelava cheio de azedume e penetrante ironia nos versos do *Fabliau:*

Nous sommes hommes comme ils sonts.

Os nossos romances populares revelam uma historia cheia de lutas, de reacções nem sempre felizes, de sarcasmos pungentes, e de crenças profundas e arreigadas; fazel-os reviver é dizer *surge!* ao Lazaro.

As vicissitudes porque passa um povo vão reflectir-se como suspiro gemente d'uma vaga nas suas canções; ora alegres e tristes, logo a chorar pelo passado, concorrem de sobejo para o triumpho nas crises do desalento. Na occasião do perigo, quando as velhas instituições estão mortas, e pesado jugo, esmagando um povo, parece dizer-lhe — a tua nacionalidades acabou, então como na Grecia moderna, o povo lembra-se dos cantos do lar, das velhas tradições heroicas, que estão a recordar-lhe um passado grandioso, das alegres *seguidilhas* d'amor na sua terra, ao caír da tarde, ao sopé das suas montanhas! Tudo lhe lembra o heroe de que fala o romance, e o berço de que resa a canção.— E quando se levanta energico, forte, grande, e os oppressores ouvem soar a ultima hora.

Debaixo d'este ponto de vista o *Cancioneiro* e *Romanceiro geral* são tambem livros de occasião; em parte correspondem ao movimento que já se faz sentir na sociedade portugueza.

No *Romanceiro geral* temos a distinguir duas partes importantes: — o processo da colleccionação, e o modo como ella está classificada. Em quanto ao primeiro ponto cabe inteiramente ao visconde d'Almeida Garrett a gloria de ter descoberto os romances das nossas provincias.

Garrett, porém, é força confessal-o, mais artista do que philologo, emprehendeu a sua obra pelo lado pittoresco; tendo em vista salvar a poesia do povo do despreso que sobre ella pesava, quiz mostrar-nos que ha nas velhas narrações da lareira transportes tão profun-

dos como na mais profunda obra d'arte. N'este proposito teve de modificar a syntaxe e dicção popular, de aprimorar o dialogo, de coordenar as peripecias, de conduzir a acção, de a tornar logica e completa; para isto de muitos versões fazia um só romance, supprimindo versos que lhe pareciam inuteis, ou accrescentando outros de propria lavra.

O seu trabalho tem grande valor, mas sómente pelo lado artistico. Ainda assim, Garrett está completamente defendido, porque, como propagador de ideias, espalhou as do seu tempo.

A par do movimento intellectual da Europa, seguiu as pisadas de Lockart e do Bispo Percy, que assim colligiram os cantos da velha Inglaterra. Garrett tinha aprendido a aprecial-os d'esta maneira durante a emigração. O primeiro volume do seu *Romanceiro* compõe-se de peças litterarias, que de popular só tem a intenção.

Apesar de tudo, repetimol-o, está completamente defendido, porque com a auctoridade do seu grande nome deu importancia a trabalhos que entre nós não passariam de ridicula curiosidade.

Tres grandes homens elevaram a poesia popular da Peninsula a uma altura transcendente, Jacob Grimm, Fernando Wolf e D. Agustin Duran; um colligindo os primitivos romances na *Silva de romances viejos*, outro publicando a *Primavera y Flor de romances* em que apresentava novamente á luz todas as *Rosas* de Timoneda, perdidas ou desconhecidas na Bibliotheca de Vienna; o terceiro juntando n'um corpo gigantesco a mole immensa de todos os romances hespanhoes publicados desde os fins do seculo XV até aos princios do seculo XVII. [1]

1 Vide a collecção Ribadaneyra na Biblioth. da Universid.

Depois d'estes philologos era preciso apresentar um trabalho em que se aproveitassem as boas conclusões a que chegaram nos seus estudos. Da *Silva de romances viejos* tirou o snr. Theophilo Braga, como confessa, a base da classificação adoptada no *Romanceiro geral*. Agrupam-se em duas classes os romances das nossas provincias: os romances cavalheirescos de feitos d'armas, de audacia guerreira, aquelles em que se revela o espirito independente do genio franko, são os chamados do cyclo de Carlos Magno; á *Tavola Redonda* pertencem os romances d'amor e aventuras galantes, animados principalmente pelo sentimento da fidelidade. Estes formam a primeira parte do *Romanceiro*, intitulado *Flor dos romances anonymos dos cyclos Bretão e Carlingiano*. A segunda parte do *Romanceiro* compõe-se de romances de cativos, de lendas piedosas xacaras ou coplas de burlas; são strophes soltas da rhapsodia popular em que os costumes, as crenças e os sentimentos melhor se fazem sentir do que nos romances cavalheirescos.

Na *Flor dos romances anonymos* ha reminiscencias e tradições vagas dos costumes feudaes, que o povo mal comprehende e a que reage por instincto: deparâmos ali com vinganças terriveis, mortes, aventuras d'amor, combates, reconhecimentos, um mundo phantastico e sem realidade, que só é bello pelo modo natural e pittoresco por que está descripto. No *Vergel de romances* os quadros são mais filhos da nossa época. O idylio dos *Conversados da fonte* é superior ás creações de Gessner, e realisa a sublimidade d'uma paixão biblica; faz-nos lembrar uma scena patriarchal passada no deserto, como as relata a Escriptura; lembra-nos a graça da Samaritana!

Assim principia:

Entre canas e canaes
Agua deve de nascer:
Menina que estaes na fonte
Dê-me agua, quero beber.

A xacara da *Linda pastorinha* é do mesmo genero; cada palavra rude, cada situação deixa a perder de vista esse mundo affectado de Florian, tantas e tantas vezes imitado por poetas das primaveras, dos outonos e das melancolias. Sobre tudo a composição mais caracteristica do nosso povo é a lenda de *Jesus mendigo*.

Um pobre lavrador encontra um misero indigente na estrada; voltava só do trabalho a esse hora triste da tarde em que até os maus tem bons pensamentos; levou-o comsigo e em sua casa deu-lhe de comer e deitou-o na sua cama. De noite levantou-se aos gemidos do mendigo, e achou-o crucificado n'uma cruz de prata fina. Era Jesus que andava n'este mundo espalhando o Evangelho da pobreza. Que tom dolorido o da lenda popular, e que uncção admiravel! que traços profundos! Que artista seria capaz de oppôr á creação anonyma outra concepção mais bella? De facto os cantos religiosos são a poesia que ainda hoje se repete com mais frequencia entre o povo. Não lhe falta comtudo no meio das suas crenças o espirito sarcastico com que elle compoz os poemas da edade media. A xacara de *Frei João* tem o colorido da palheta da Rabelais. Frei João regalava a amante que tinha escondida na cella:

Deu-lhe muito de comer,
Deu-lhe muita marmelada;
Deu-lhe um copinho de vinho
Do melhor que a Ordem dava.

A antithese d'esta xacara truanesca é a da *Freira arrependida.* Sente-se tristeza ao ler este romance; parece um gemido da sociedade inteira, ao vêr que a procuravam amortalhar na cugula monastica. Que prottesto verdadeiro e doloroso da pobre freira achando-se para sempre ligada por votos que déra illudida:

Mais valera ser casada,
De noite embalar meninos,
Do que andar a tocar sinos
Na campanario!

Diderot na *Religiosa,* não attinge tão grande elevação. Quem faz estas obras cheias de sentimento profundo, é o poeta das edades, o poeta dos *Romanceiros,* cantor desconhecido que já animou o jornadear difficil das gerações com o *Ramayana,* o *Mahabaratha,* a *Illiada* e os *Niebelungen.*

Ao findar este rapido estudo um triste presentimento nos acode ao espirito. Uma coincidencia funesta se observa todas as vezes que se collige a poesia de um povo: é que se aproxima o occaso da sua nacionalidade, e então as trovas cantam-se para exaltar os brios que se extinguem. Hoje, que a diplomacia inventou as annexações dos pequenos estados, não será para Portugal um presagio sombrio este livro? Responda o futuro. [1]

1 *Dr. Luiz Jardim,* Da poesia popular portugueza.—No *Jornal do Commércio* de Lisboa appareceu a noticia de que o *Cancioneiro* e *Romanceiro geral* do snr. Theophilo Braga iam ser traduzidos por uma sociedade de collectores da poesia popular da Europa, que existe em Munich. Folgamos com a noticia, e nada nos admira, pois Garrett já nos fez conhecer o grande appreço em que são tidos estes trabalhos lá fóra.

IMPRENSA PORTUGUEZA
Rua do Almada, 161.

*PB-31004-SB
5-18
CC
B/T

Stanford University Libraries
3 6105 124 449 252

1 ex
9261
B68F
186

Stanford University Libraries
Stanford, California

Return this book on or before date due.